

BRASIL 2014

TOP 5

12 CIDADES EM TENSÃO



**DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
PROIBIDA A VENDA**



9 788566 129144

CONCEPÇÃO E COORDENAÇÃO: DANIEL LIMA + FABIANE BORGES + MILENA DURANTE

EDIÇÃO DE TEXTO: ANA PAULA SANT'ANA + DANIEL LIMA + ÉLIDA LIMA + FABIANE BORGES + MILENA DURANTE

PROJETO GRÁFICO: BIJARI + BRÍGIDA CAMPBELL + CASADALAPA + DANIEL LIMA

+ EDSON BARRUS + FABRÍCIO BARBOSA + NOVA PASTA + OCUPEACIDADE + RODRIGO LOURENÇO

ORGANIZAÇÃO DO PROJETO GRÁFICO: DANIEL LIMA

REVISÃO: DUDA COSTA + FERNANDA LOMBA + RODRIGO BARATA

PRODUÇÃO: INVISÍVEIS PRODUÇÕES + FELIPE BRAIT

APOIO: COCO DE UMBIGADA E GOETHE-INSTITUT SÃO PAULO

REALIZAÇÃO: INVISÍVEIS PRODUÇÕES + FUNARTE + MINISTÉRIO DA CULTURA

PRIMEIRO ENCONTRO COPAS: COCO DE UMBIGADA - OLINDA/PE

O GRUPO CULTURAL COCO DE UMBIGADA NASCEU HÁ 15 ANOS, RETOMANDO A TRADIÇÃO DO COCO DE UMBIGADA, PRÁTICA ORIGINÁRIA DA COMUNIDADE DE PARATIBE, NO MUNICÍPIO DE PAULISTA, REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE. ALÉM DE REALIZAR AS SAMBADAS, O GRUPO, PONTO DE CULTURA, REALIZA SHOWS DE MÚSICA E DANÇA EM TODAS AS REGIÕES DO PAÍS. [HTTPS://SAMBADADECOCO.WORDPRESS.COM/](https://sambadadecoco.wordpress.com/)

INVISÍVEIS PRODUÇÕES É UM CENTRO DE CRIAÇÃO, AÇÃO E REFLEXÃO QUE TRABALHA NA INTERSECÇÃO ENTRE ARTE E POLÍTICA. A INVISÍVEIS PRODUÇÕES OPERA DE FORMA AUTÔNOMA, TRANSVERSAL E HORIZONTAL. AUTÔNOMA NA MANEIRA DE MOVIMENTAR-SE, CRIANDO DIFERENTES DIAGRAMAS E VÍNCULOS INSTITUCIONAIS SUSTENTANDO SUA INDEPENDÊNCIA DE PENSAMENTO. TRANSVERSAL NA MANEIRA DE COLETAR E REUNIR UMA RESERVA CRÍTICA DE VOZES DISSONANTES. HORIZONTAL NA FORMA DE PRODUZIR E COMPARTILHAR LIVREMENTE O CONHECIMENTO EM LIVROS, FILMES E PROJETOS CULTURAIS.

CONHEÇA E BAIXE NOSSAS PUBLICAÇÕES EM ISSUU.COM/INVISIVEISPRODUCOES

PARA CONTATO ESCREVA PARA INVISIVEISPRODUCOES@GMAIL.COM

COPYLEFT

COPYLEFT É UMA FORMA DE PROTEÇÃO DOS DIREITOS AUTORAIS QUE TEM COMO OBJETIVO PREVENIR QUE SEJAM COLOCADAS BARREIRAS À UTILIZAÇÃO, DIFUSÃO E MODIFICAÇÃO DE UMA OBRA CRIATIVA. É LIVRE A REPRODUÇÃO PARA FINS NÃO COMERCIAIS, DESDE QUE O AUTOR E A FONTE SEJAM CITADOS E ESTA NOTA SEJA INCLUÍDA.

Realização:



FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

Ministério da
Cultura

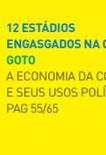
BRASIL 2014

100% S

12 CIDADES EM TENSÃO

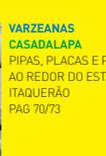


O REI ESTÁ NU
EDUARDO FERREIRA,
FABRÍCIO BARBOSA
E CAIO MATTOSO
 PENSO, LOGO INSISTO.
 PENSO, LOGO DESISTO.
 PENSO, LOGO RESISTO.
 PAG 48/54



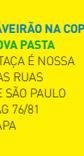
12 ESTÁDIOS
ENGASGADOS NA GOELA
GOTO
 A ECONOMIA DA COPA
 E SEUS USOS POLÍTICOS
 PAG 55/65

A HISTÓRIA NÃO SE REPETE
RODRIGO LOURENÇO
 A VOCAÇÃO RESISTENTE
 DE PORTO ALEGRE
 PAG 66/69

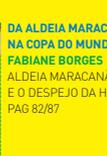


VARZEANAS
CASADALAPA
 PIPAS, PLACAS E PESSOAS
 AO REDOR DO ESTÁDIO
 ITAQUERÃO
 PAG 70/73

EDSON BARRUS
 GOL?
 PAG 74/75



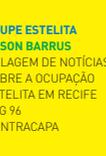
CAVEIRÃO NA COPA
NOVA PASTA
 A TAÇA É NOSSA
 NAS RUAS
 DE SÃO PAULO
 PAG 76/81
 CAPA



DA ALDEIA MARACANÃ
NA COPA DO MUNDO
FABIANE BORGES
 ALDEIA MARACANÃ
 E O DESPEJO DA HISTÓRIA
 PAG 82/87



VOZ DE CAUXI
FRANCIS MADSON
 UM SER ERRANTE
 PELA MALOCA
 AMAZÔNICA
 PAG 88/95



CONTRACAPA

OCUPE ESTELITA
EDSON BARRUS
 COLAGEM DE NOTÍCIAS
 SOBRE A OCUPAÇÃO
 ESTELITA EM RECIFE
 PAG 96
 CONTRACAPA

ocupeacidade # São Paulo

Durante o período entre 11 de junho e 14 de julho de 2014 foi adquirido pelo coletivo ocupeacidade um total de 97 jornais e revistas, sendo a grande maioria do estado de São Paulo e alguns do Rio de Janeiro. Durante os 33 dias de coleta de materiais, foram selecionados destaques das primeiras páginas de veículos de comunicação impressos de grande circulação.



Dilma vai à TV, exalta Copa e ataca 'pessimistas'

a diz que não se deixará 'intimidar por xingamentos'

Presidente lembrou de torturas que sofreu na ditadura ao comentar atos hostis na abertura da Copa

A presidente Dilma Rousseff reagiu aos palavrões e vaias que ouviu anti-centenas na abertura da Copa, em São Paulo. Em discurso, disse que não se deixará "ameaçar por xingamentos que não podem ser escutados pelas crianças e pelas famílias". A presidente lembrou das torturas que sofreu na ditadura: "Suportei não foram agressões verbais,

foram agressões físicas. Nada me tirou do ritmo". Depois, acrescentou: "Não serão xingamentos que vão me intimidar, me ameaçar". O pré-candidato do PSDB Aécio Neves disse que críticas não devem "ultrapassar os limites do respeito pessoal". Para Eduardo Campos (PSB), a ofensa "vaias" não seja a forma de se expressar. **POLÍTICA | PÁG. 44**

Lula fala em 'ódio de classes'

Ao comentar os palavrões, o ex-presidente Lula criticou a falta de respeito e educação de "parte bonita da sociedade" e culpou parte da imprensa pela reação do público. "Nossa vitória será sarvingança", disse. "Acilte-brasileira conseguindo o que nunca conseguimos: despertar ódio de classes". **PA**

Presidente defende 'legado' do torneio e pede paz; oposição critica discurso

Copa eleva número de turistas no país em 132% e 150 invadem o Maracanã

Brasil recebe 692 mil estrangeiros em junho; turismo de negócios esfria em SP

INVASÃO GRINGA

Segurança volta a falhar, e 150 invadem o Maracanã



ABRAÇA ESSA!

Brasil abre a Copa com gol contra, virada e vai a Dilma



Invencível por erro de árbitro japonês, seleção faz 3 a 1 na estreia no jogo de abertura e em 20º jogo sem derrotas brasileiras.

Brasil fecha vitória. O primeiro gol foi marcado por Neymar aos 12 minutos. O segundo veio de Fred aos 22 minutos. O terceiro gol foi marcado por Neymar aos 35 minutos. O jogo terminou com a vitória do Brasil por 3 a 1.

Brasil abre a Copa com gol contra, virada e vai a Dilma. O jogo terminou com a vitória do Brasil por 3 a 1.



Fifa diz que Dilma vai entregar a taça

O secretário-geral da Fifa, Jérôme Valcke, disse que a presidente Dilma Rousseff estará ao lado do presidente Joseph Blatter na entrega da taça ao campeão do mundo, no dia 13, no Maracanã. Dilma estará ao lado de Blatter e do jogador brasileiro Ronaldo.

Aécio diz que 'tsunami vai varrer' PT do poder

Quem paga a conta?

A obsessão da nossa República por grandes eventos

The Economist
JOGO AMADO, NEGÓCIO SUJO

A COPA QUE DIVIDE O BRASIL

A COPA QUE DUROU 7 ANOS

Custo alto, obras deixadas pelo caminho, críticas da Fifa, protestos e, sete anos depois de anunciada, a Copa no Brasil funcionou. / PÁGS. 111 e 114
CONSTRUTORA ARTE COMERCIAL
estadiao.com.br/etiquetas/interativa



Equipe com bombeiros e policiais trabalha no resgate na avenida Pedro IV, local da queda da estrutura de concreto, na zona norte de Belo Horizonte

Obra inacabada da Copa desaba e mata 1 em BH

Mascarados botam para quebrar



R\$ 30 BILHÕES

FOI O TOTAL EM NEGÓCIOS GERADOS EM INFRAESTRUTURA, SERVIÇOS, TURISMO E NO COMÉRCIO

900 MIL

FOI O NÚMERO DE VAGAS TEMPORÁRIAS DE TRABALHO ABERTAS DURANTE O EVENTO

R\$ 500 MILHÕES

FOI O LUCRO EXTRA DE 43 MIL MICRO E PEQUENAS EMPRESAS

Suspeito de chefiar máfia de ingressos é preso no Rio

Ao sediar o maior evento esportivo do mundo, o País atraiu multidões de espectadores vindos de todos os cantos do planeta, criou milhares de oportunidades de negócios e de trabalho, modernizou sua infraestrutura. E, sobretudo, ganhou o respeito e a admiração da comunidade internacional de negócios. Saiba como tudo isso ainda pode gerar ganhos por muitos anos para empresas como TAM, Oi, Kia, Sony, Lider, entre outras

OS LUCROS DO BRASIL COM A COPA



Copa melhora o humor do país, e Dilma cresce

Petista vai de 34% para 38%, aponta pesquisa Datafolha; apesar do avanço da presidente, chance de 2º turno é maior

A Copa melhora o humor dos brasileiros e beneficia a presidente Dilma (PT) no cenário em Florianópolis, aponta uma pesquisa Datafolha. Na pergunta opinativa, 61% dos entrevistados afirmam sentir-se mais otimistas, 34% a menos e 2% não se pronunciaram. Na questão de fundo, 59% acreditam que Dilma vai ganhar as eleições em 2014, 34% acreditam que ela não vai e 7% não se pronunciaram.

A probabilidade de que a presidente tenha cometido algum erro no decorrer do mandato é de 42%, aponta a pesquisa Datafolha. Em Florianópolis, 48% acreditam que Dilma cometeu algum erro, 39% acreditam que não cometeu e 13% não se pronunciaram.

Em Florianópolis, a presidente Dilma tem 38% de apoio, contra 34% de apoio a Aécio Neves (PSDB), 20% para o senador Carlos Tinoco (PMDB) e 2% para o senador Paulo Roberto Campos (PPS). Já em nível nacional, Dilma tem 34% de apoio, contra 34% de apoio a Aécio Neves (PSDB), 20% para o senador Carlos Tinoco (PMDB) e 2% para o senador Paulo Roberto Campos (PPS).



ESPECIAL COPA

SÓ ALEGRIA ATÉ AGORA

Um festival de gols nos gramados, muitos presépio em casa, mais cachaça, visitas em festa e o melhor é aproveitar, pois legado duradouro, segundo

Governo que 'intervenção indireta' no futebol



EU ACREDITO!

AGORA É NA RAÇA!

Vila Madalena está igual: festa e xixi na rua **PI0**

Novo Plano
Diretor libera 250 prédios por ano em SP

CAMP
ELEIT
A LA
É O COME
OS PRESID
EQUIPES E
ENTRAM



TORCENDO PELO BRASIL FORA DE CASA

#vaite

O Itaquerão, palco da abertura, visto do alto; arena de R\$ 1 bilhão foi erguida para o Mundial



POVO BRASILEIRO
A arte de bem
receber os
estrangeiros

**Dilma prevê
disputa mais
'politizada'
da história**

No 1º dia oficial de campanha, Aécio reúne tucanos em São Paulo e Campos ataca o governo em Brasília

**PANHA
TORAL,
RGADA**

ÇO OFICIAL.
NCIÁVEIS, SUAS
E DEMANDAS
I NA ARENA

Quarta-feira, 9 de junho de 2015
Agora 7 x 1
R\$ 1,90 são paulo

Salsichaço!



HUMILHAÇÃO EM CASA
Brasil perde Neymar



Dentro de campo não deu. Mas, fora dele, o Brasil venceu a Copa. A derrota no futebol não abala a confiança no País e na capacidade de seu povo

ercopa

**Dilma tenta
se descolar
de fracasso
da seleção**



CADE O AMARILDO?

Brasil encara a Alemanha hoje, às 17h, no Mineirão, por uma vaga na final da Copa do Mundo. Além de superar o bem armado time de Joachim Löw, a Seleção Brasileira terá que encontrar, como na campanha do bi, em 1962, um substituto para sua maior estrela.

BRASIL RECORDE EM HOMICÍDIOS

AS CONDIÇÕES DE VIDA MELHORARAM. OS GASTOS COM SEGURANÇA AUMENTAM. E A VIOLÊNCIA NÃO DIMINUI...



Atirador pediu aval para abater suspeito na estreia da Copa

Na abertura da Copa, uma falha de comunicação das equipes de segurança quase provocou morte no Itaquerão, relatam Reynaldo Turrolo Jr. e Sabine Righetti. Do alto do estádio, atirador pediu aval para abater suspeito armado visto perto da tribuna da presidente Dilma. O tiro foi evitado no último instante, pois se soube que era um policial que esta-



COPA DOS IMPEDIDOS

Avessos ao Mundial, movimentos sociais entram em campo empunhando cartazes, batem bola sem juiz e discutem política

LETÍCIA MORI / FOTO MARLENE BERGAMO

O COLETIVO OCUPA CIDADE SURTIU NA CIDADE DE SÃO PAULO, EM MEADOS DO ANO DE 2006. COMO PROPOSTA DE UNIR PESSOAS INTERESSADAS EM PRODUZIR COLETIVAMENTE AÇÕES ARTÍSTICAS NOS DIVERSOS ESPAÇOS DA CIDADE, DE MANEIRA A CRIAR NOVAS RELAÇÕES COM O TERRITÓRIO VIVIDO COTIDIANAMENTE PELOS HABITANTES DA NOSSA METRÓPOLE. ARTISTAS OU NÃO. DESDE ENTÃO VEM ATUANDO COMO GRUPO, PROPONDO AÇÕES EM QUE O PROCESSO DE PRODUÇÃO COLETIVA CONSTITUIA O MÉTODO DE TRABALHO E O PRINCIPAL OBJETIVO SEJÁ A PARTICIPAÇÃO ATIVA DOS SUJEITOS NA VIDA DA CIDADE.

Príncipe Harry vai à Cracolândia. Realiza biblioteca conversou com usuários de drogas e visitou programa



Copa, um jogo sujo

De uma maneira geral, a Copa do Mundo no Brasil ficará marcada por recursos mal gastos, superfaturamento de obras e oportunidades de legado desperdiçadas. A saga do Mané Garrincha, o estádio mais caro da Copa, também significa a frustração de



MÁQUINAS DEMOLIDORAS DE FORMAS

Ana Paula Sant'Ana # Cuiabá

Somos máquinas. Máquinas modeladoras de tipos, grupos; ao mesmo tempo, somos máquinas demolidoras de formas. Porque somos também criadores e destruidores de sentidos, e aí está o potencial de nos reinventar.

Fluxo e refluxo em orquestração, em que se, por um lado, existe necessidade de compreender, resolver o mundo em significados, de reconhecer e nomear, há também outro movimento: nem absurdo nem normalizado, ele apenas se constitui na forma que o absorve. Esse movimento não é dialético, não há uma parte negando a outra.

Situamo-nos em um mundo de organizadas manifestações simbólicas, de representações que classificam ordenamentos sociais, regras de convivência, morais aceitáveis ou reprováveis. Nossa memória é requisitada a nos apontar como seres identitários, marcados pela prontidão da resposta a essa normatividade propagandeada e assimilada pelo nosso corpo. É aí, nessa linha, que pequenas lembranças se formam, que novos hábitos surgem e assim algo se solidifica nessa série de sentido selecionado, classificado e organizado. O que parecer ser de cunho individual tem dimensão global, na disputa por afetividades, potências, resistências, política, coletividades...

A invenção é o jogo mais delirante da necessidade. Somos chamados a vislumbrar um mundo possível. Nas cidades, estamos vivendo uma falta de sentido doentia. Não desse sentido que nos deram, que simula liberdade, mas é uma prisão, que se utiliza da comunicação, da mídia e usa a linguagem como espetáculo.

Vimos nos dias da Copa de 2014 o quanto

estamos encurralados e traídos por uma ideia de democracia que é a falência de qualquer pretensão de virtude humana. Fomos sabotados e vislumbramos de uma maneira diferente a guerra em que estamos vivendo. Uma guerra que não é discreta, ela está acontecendo nas ruas, está fazendo seus mortos, e está abolindo ainda mais qualquer sentido que teime em resistir. Vimos a vigilância nas ruas não só nas manifestações, mas em qualquer reunião de pessoas, em locais públicos. Usando o discurso de que é preciso manter a ordem, criou-se um medo e o nome ao novo perigo: os vândalos. Essa ordem está falando, e é fácil entender o que ela diz. As vias, as praças, os bares, os lugares públicos na cidade foram tomados de sobressalto por figuras coercitivas vestindo fardas, expressando nos olhos a violência latente. Eles não falam, apesar de nunca se calarem, é uma violência muda. Tangenciam espaços, dão nomes, cospem fogos e choques. Mas querem ganhar pelo que não dizem. Mais intrusivos, eles querem nos condicionar e nos convencer de que somos fracos. Cuiabá não é São Paulo, Porto Alegre não é Fortaleza, Manaus não é Brasília e, no entanto, estivemos todos impactados pela invasão nas ruas por homens fortemente armados; presenciamos o trato desumano das remoções forçadas, nos vimos jogados com a gentrificação. Nós faremos absolutamente tudo para mostrar que o Brasil é um país civilizado não somente no contexto do futebol, mas também como país em si, como homens do governo e seus aparelhos de comunicação bradaram na oficialização da Copa do Mundo no Brasil.

Ser civilizado está em consonância com o projeto iluminista da servidão à padronização da beleza e da boa educação.

Falando cruamente, isso significa desconfiar do outro, inspira o medo daquilo que difere, e foi isso que autorizou moralmente e oficialmente através das leis as remoções forçadas de famílias, da gentrificação nos grandes centros urbanos. Uma exibição cruel de que a igualdade social nunca foi mais que promessa de campanha ou pós-marketing.

Autoriza-se moralmente o uso de violência extrema por parte da polícia contra o que eles chamam de cidadão nos projetos de pacificação. Projeto de pacificação é um sistema de controle do cotidiano dos moradores de favelas; no entanto, são projetos vendidos para a população em geral como sendo um policiamento que se aproxima da realidade dessas pessoas, compreendendo suas carências e dificuldades.

Autoriza-se moralmente o uso de violência extrema por parte da polícia contra o que eles chamam de cidadão quando esse vai à rua em manifestações, investindo dinheiro público para adquirir as armas da Copa, que consistem em 2,2 mil kits com sprays de pimenta e de espuma de pimenta, granadas lacrimogêneas com chip de rastreabilidade, 8,3 mil granadas de efeito moral para uso externo e indoors e 8,3 mil granadas explosivas de luz e som; 8,3 mil de gás lacrimogêneo fumígena tríplice; 50 mil sprays de pimenta; 449 kits com cartuchos de balas de borracha e cartuchos de impacto expansível; 1,8 mil armas elétricas. E ainda: "3.700 militares, além de mais de 500 viaturas de diversos tipos, dentre elas: blindadas, mecanizadas, antiaéreas, de defesa cibernética, comando e controle, transporte de tropa e de defesa química, biológica, radiológica e nuclear. (...) Oito helicópteros das Forças Armadas – um deles equipado com o 'Olho da Águia', dois esquadrões de Cavalaria de Choque e uma seção de Cães de Guerra."¹

Seus inimigos são o micro, as formas de

comunicação desviantes, as redes. E o que combatem é qualquer outro mundo possível que possa vir a reluzir, que possa se efetivar. Temem, pois sabem que novas relações, ligadas por afinidades políticas e afetivas, podem desestabilizar a ordem. E a ordem vem a custo grosso sendo naturalizada a ponto de parecer que é a única possível.

Por isso se articulam contra as operações que criam desordem e se perdem por não possuírem tática predeterminada. Mas eles sabem também que a revolta é um sentimento efêmero e que precisa de concentração, que se esvai facilmente, é delicado manter a sua coesão. E sabem de nossa força primeiro que nós, pois, a nós mesmos, parecemos tão desgarrados, tão provisórios, tão imediatos e apaixonados. Somos taciturnos e loucos de uma inteligência apocalíptica, de outro sentido.

A aventura mais cruel que podemos criar é o mundo possível. Todas as suas tropas e suas estratégias são provas da incapacidade de nos gerir. Somos inimigos desse Estado doloroso.

Estão brigando agora pela nossa alma, nosso pensamento, nossa maneira de experimentar o mundo... Mas nós não somos ninguém e pretendemos assim nos conservar, num anonimato desviante e coletivo. Querem roubar nosso olhar distraído, querem dar valor ao nosso pensamento. Somos profetas projetados na arte da desilusão, somos brasileiros e estamos acostumados a nos arrebentar num 7x1, como uma bomba implosiva.

Nossa resistência supera nossos próprios atos de dissolução, numa capacidade autodestrutiva que nos confere ainda assim uma permanência belicosa, inflamável.

A variação da potência ou da impotência coloca à prova nossa capacidade de fazer do sentido operante uma referência existencial,

isto é, ultrapassar a linha definitiva da normalidade para compor traços novos da memória, vislumbrado essencialmente no que se vive, forçando a própria existência.

Algo dessa desmedida, um povo, uma multidão ainda que esparsa, caminha, alavanca novas memórias. E sua potência é tanto maior quanto mais for liberada de sentido. Este passa a ser agora a experiência que acontece interiormente, silenciosamente. Livre das apologias, ganha sentido extremo, é uma vibração. Não aceitamos o papel de que somos um Brasil, de que somos um povo, de que temos a submissão e a docilidade como natureza, que somos fáceis e liberais e, no entanto, malandros e capciosos.

Uma rebelião começa a se agitar dentro da gente, por isso muitas vezes a hostilidade é apenas uma força de expressão da repressão que sofremos pelo enfadonho sentimento de patriotismo, nacionalismo, regionalismo que não é nosso. Podemos colocar mesmo tudo a perder, mas é para que possamos ganhar outra legião que quer se encontrar, em lugares não oficiais e pouco prováveis, com redes de comunicação talvez pouco habilitadas, ainda cheirando a perseguições, invasões e espionagens, mas tateando movimentos de ruptura. Frente a todo maquinário de produção, estamos na difícil tarefa de nos produzir, entre certa distração e até de movimentos erráticos que podem inclusive nos causar mais dor, mas estamos profundamente desinteressados do lugar-comum, arriscando abrir mão do que dizem ser segurança para apostar em algo que requer afinidades, uma nova maneira de sermos humanos, uma inauguração, suportando e resistindo, mas ameaçadores também: propor um presente, ainda que insólito, e acima de tudo desafiador, porque não somos bandeiras, não somos espelhos da sociedade buscando representação ou um lugar ao sol, e não estamos interessados em parecer razoáveis.

1. Disponível em: <http://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/06/12/interna_cidadesdf,371040/3-7-mil-mil-itares-do-exercitovao-atuar-na-copa-das-confederacoes.shtml>.

ANA PAULA SANTANA É DOUTORA PELO NÚCLEO DE PESQUISAS DA SUBJETIVIDADE DA PUC/SP E PROFESSORA UNIVERSITÁRIA. MEMBRO DO COLETIVO AÇÃO PUNK, BAIXISTA NA BANDA KORPO STRANHO E UMA DAS VOCAIS DA BANDA PESTE BUBÔNICA.

BRASIL MUNDO: MUNDO BRASIL

Frente 3 de Fevereiro # São Paulo

Brasil do Século XXI

Nos últimos anos, o Brasil tem vivido uma mudança na sua história. Pela primeira vez, o país combina de forma contínua: crescimento, redução da pobreza, redução das desigualdades e uma grande projeção internacional. O Brasil está na moda. O Brasil é o exemplo emergente. Esse grande sucesso faz com que o Brasil conquiste o direito de sediar os dois eventos esportivos mais importantes do mundo: a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016. O Rio de Janeiro se torna o centro desse espetáculo mundial. O processo de "deixar mundo do Brasil" começou na década de 1990, com sua abertura para a chamada globalização. A abertura prometia maravilhas, modernização, maior competitividade, maior eficiência e maior bem-estar para todos. O livre mercado se encarregaria de tudo. O Brasil segue os Estados Unidos e passa a participar mais ativamente em diversas instâncias internacionais. No entanto, assim como em vários países da América Latina, no início dos anos 2000 já tinha ficado claro que o neoliberalismo não tinha entregado o que prometia. Havia aumentado a desigualdade e a pobreza.



Crime Organizado Internacional Tráfico de Drogas & Tráfico de Armas

O Rio de Janeiro é um ponto central da rede de distribuição internacional de drogas. Na cidade, as máfias do mundo negociam e definem o preço internacional da cocaína. Durante a ditadura militar, nas favelas, onde o Estado se ausentava, alguns ladrões começaram a ver no tráfico de drogas uma oportunidade de ganhos maiores do que estavam acostumados. Com o tempo, os traficantes começaram a se armar para defender e ampliar seus territórios. Seus concorrentes, por sua vez, também buscavam se armar para se defender. A polícia também aparelhou-se de armas mais potentes. A disputa entre eles gera um estado de guerra. A lógica da guerra e do exterminio passa a dominar a política de segurança pública. Os moradores da favela são vistos como a população civil do exército inimigo. O tráfico de armas, a lavagem de dinheiro, o envolvimento do Estado, a política habitacional, as políticas de emprego, tudo fica por trás das cortinas de fumaça dos tiroteios. Toda essa corrida armamentista só é possível graças ao acesso fácil a armas. Quem vende essas armas? Quem lucra com esse tráfico? Os traficantes de armas moram nas favelas? É possível o crime organizado sem a conivência do Estado?

Milícias Grupos paramilitares que disputam o monopólio da violência

As milícias são constituídas por forças de agentes ou ex-agentes públicos de segurança que expulsam os traficantes de uma comunidade e passam a controlar essa comunidade. No lugar do tráfico de drogas, elas tiram seu lucro da cobrança de serviços nas comunidades, como TV a cabo legal, as vans, o gás, etc., além de cobrar para oferecer segurança. Esses grupos impõem uma forte opressão no local, impondo toques de recolher, ameaçando e executando. Foram criadas há mais de uma década e se expandiram de forma muito rápida, controlando hoje territórios de favelas maiores que os das facções do crime organizado.



Delírio
Fascista

Traficante)) Ponta do sistema de venda de drogas no atacado

Os traficantes das favelas são a ponta de um sistema que ninguém sabe onde termina. Os que mais ganham com o tráfico, os que estão por trás de todo o sistema, com certeza não moram nas favelas. Novamente aposta-se que o criminoso corporifica o crime. Então invade-se a área onde criminosos faziam seus negócios - "comerciantes" como diz Mano Brown - e se acredita que a ocupação se dá sobre a área do crime, não do criminoso. O crime será eliminado da esfera social à medida que o criminoso é eliminado da esfera geográfica?

Guerra geopolítica pela hegemonia do tráfico

Diante de um discurso perpetuado pela mídia da guerra

Mídia

Concentração de poder

A concentração de poder em torno de poucos grupos financeiros que detêm os maiores meios de comunicação exerce uma coesão no discurso midiático. Numa mesma construção de conceitos, a "grande mídia" cria o contexto de consenso e "legitimidade" das operações policiais como operações de guerra. Dentro de uma lógica da guerra, o inimigo (o outro) pode e deve ser abatido pelo soldado do exército. Impera um discurso dicotômico entre o bem e o mal, semelhante ao já reiterado discurso da "guerra ao terror".

Tropa de Elite))

Em 2007, estreou o filme "Tropa de Elite", que tratava da questão do combate ao tráfico no Rio de Janeiro e da atuação do BOPE. O filme foi um grande sucesso e gerou um intenso debate. A identificação do personagem principal, o Capitão Nascimento, como um herói evidencia um delírio fascista: tortura e exterminio. A sequência do filme, "Tropa de Elite 2" decidiu abordar a questão das milícias e se tornou a maior bilheteria do cinema brasileiro.

Corrupção



Bope Elite policial

O acirramento dos confrontos, a corrupção policial e a dificuldade de "combater" na geografia dos morros e dos barracos das favelas levou a polícia do Rio de Janeiro a desenvolver uma tecnologia de combate especializada de alto nível. Desenvolvermos imensa tecnologia de controle de massas populacionais pobres (CMPB), a ponto de exportarmos nossa tecnologia. Nos tornamos referências mundiais em guerra contra a sua população.

Polícia Militar A polícia que mais mata e mais morre no mundo

A polícia militar brasileira surge como uma tentativa republicana de monopólio da violência pelo Estado. Entretanto, é constituída com base em valores escravocratas e coloniais. Perpetua a figura do Capitão do Mato a capturar escravos negros. Os batalhões espalham-se nas áreas pobres, nas periferias, não para proteger a população mas para controlar. Mal pagos e mal preparados, os policiais são jogados também na lógica da guerra. Corrupção, violência e arbitrariedade marcam a atuação da PM em toda federação.

HAITI AQUI

"Arquitetura da Exclusão" acontece como parte de um processo de investigação-ação criado pelos coletivos Frente 3 de Fevereiro e Afrofuturismo. Nesta produção audiovisual, propomos o questionamento sobre os muros, visíveis e invisíveis, que permeiam os centros urbanos. Uma bola gigante onde se lê "Haiti Aqui" foi disparadora de diálogo e encontro. O Haiti é Aqui? Em Ipanema e no Carnaval carioca, respostas revelam os territórios da nossa visão histórica.

HAITI AQUI

A primeira intervenção no muro da favela Santa Marta. Foi pintado um buraco. Parte da investigação-ação do projeto "Arquitetura da Exclusão".

cial

Cidade Espetáculo

Copa do Mundo 2014, Olimpíadas 2016 e teatralização dos conflitos

Brasil! Copa do Mundo 2014! Olimpíadas 2016! Todos desejam ser platéia ao vivo e a cores no incrível espetáculo global. Ser centro do mundo. Ser cenário das disputas de todos os guerreiros de todas as nações do universo. Ser o teatro do mundo. Abrem-se as cortinas vermelhas. Acendem-se as luzes.

A luta por se afirmar como sede dos dois maiores eventos esportivos do mundo, Olimpíadas e Copa do Mundo do Futebol, vai além da visibilidade midiática e da pretensa alavanca econômica. Existe, além desta superfície, o essencial papel de direção deste teatro de forças. Coordenar estes eventos é estar num lugar privilegiado de articulação dos fios da disputa geopolítica. Entretanto, a condição primeira: deve-se apagar qualquer possibilidade de desvio de atenção do espetáculo. Atualmente, nas capitais brasileiras que sediarão os eventos, vive-se uma guerra para apagar os conflitos sociais. Movimentos sociais são criminalizados. A criminalidade é deslocada para longe do alcance das câmeras. Nesta dinâmica, a Mídia tem um papel fundamental. Quais crimes são visibilizados e quais são invisibilizados?

ONU)) Disputa Geopolítica

Uma das facetas da disputa por um protagonismo brasileiro na política internacional nos anos "Lula" foi a procura por um papel principal do Brasil na "estabilização do Haiti". Em 2004, o presidente democraticamente eleito do Haiti, Jean-Bertrand Aristide, foi retirado do país por forças militares dos EUA. O Conselho de Segurança da ONU cria, então, a Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (Minustah).

UPPs na Zona Sul))) Unidade de Polícia Pacificadora

Criadas em 2008, as UPPs são o centro de uma nova política de segurança pública. Trata-se de um projeto do Rio de Janeiro para a ocupação policial permanente em favelas, com o objetivo de retomar o controle do território das mãos do tráfico de drogas. As operações contam com grande força militar, com o objetivo de fazer os traficantes desistirem do confronto. Primeiro, "o BOPE varre a comunidade". Expulsos os traficantes, a comunidade então passa a conviver com o policiamento ostensivo constante. O treinamento das UPPs consiste em 2 semanas com o BOPE e uma semana de curso de polícia comunitária. O policiamento é feito com armamento de guerra. A origem deste projeto está nos Projectos Urbanos Integrais (PUI), ocupações militares nas favelas de Medellín, na Colômbia.

Ataques Midiáticos de facções criminosas

Em novembro de 2010 no Rio de Janeiro, vimos o espetáculo midiático da invasão militar do Complexo do Alemão. O estopim da ocupação se deu a partir de ataques à ônibus, vans e carros do passeio no dia 21 de novembro, na Zona Sul da cidade. Um dos principais instrumentos de pressão utilizados pelas facções do crime organizado são os ataques na cidade. Da queima de ônibus ao ataque direto contra policiais, quando as facções querem chamar a atenção ou retaliar alguma ação da polícia, elas utilizam este meio.

Muros Visíveis e Invisíveis

A história do Brasil sempre se encontra com muros. Muros invisíveis que tornaram o país um dos mais desiguais do mundo. Muros que pareciam estar desmoronando. No entanto, novamente nos deparamos com um muro. Este muro visível vem com a roupagem nova da proteção ambiental. O governo do estado do Rio de Janeiro anunciou a criação de muros para conter o avanço de 19 favelas, supostamente para proteger a vegetação remanescente nos morros. Das áreas da cidade construídas acima de 100 metros, 70% são ocupadas pela classe média e 30% por favelas. É a partir desta trama de muros visíveis e invisíveis, voluntários e involuntários, que os conflitos da Cidade Espetáculo se revelam novamente. Os muros de mais de 4 metros de altura reteram uma política repressiva. Novamente eruem-

))) Ocupação do Exército na Zona Norte

Invasão do Complexo do Alemão

O Complexo do Alemão é um complexo de favelas na zona norte do Rio de Janeiro, tido como a principal fortaleza do tráfico na cidade. Era controlado pelo Comando Vermelho e conhecido como um dos lugares mais perigosos da cidade. O Governo Federal já havia iniciado obras de infraestrutura social no local. Em novembro de 2010, o Governo do Estado, que já tinha planos de implantar uma



ESQUINA DE MUNDOS

Projeto criado para repensar a nossa história de colonização e suas implicações. Na África do Sul, uma criação sobre fronteiras e processos identitários.

Colonização África, Ásia, Oceania e América

No seio do processo colonial se deu o esmagamento de infinitas possibilidades de existência. A colonização marcou um triplo trauma nestes novos mundos: a violência da Inquisição; a violência da Escravidão e a violência da Extinção.

BRASIL NEGRO SALVE

14 de julho de 2005. Final da Taça Libertadores da América. São Paulo e Atlético Paranaense jogam a partida que decidirá o melhor time de futebol das Américas. No estádio lotado, mais de 75 mil pessoas assistem ao jogo. Em suas casas, milhões de espectadores olham a tela da TV. No meio da transmissão, uma bandeira gigante começa a ser aberta pela torcida. Uma frase se revela: BRASIL NEGRO SALVE. Por meio desta ação enigmática – que segue em uma série de três diferentes bandeiras – desenvolve-se o documentário do coletivo paulistano de pesquisa e ação artística, Frente 3 de Fevereiro. O filme ZUMBI SOMOS NÓS aborda a desconstrução dos preconceitos raciais no Brasil, buscando inscrever na vida cotidiana novas formas de existir.

Independência do Haiti

Primeira e única revolução escrava colonial a tomar o poder

Em 1804 aconteceu a primeira revolução escrava. A primeira independência nas colônias da América Latina. Uma vitória negra. Um tempo de esperança. A esperança de uma nação forjada na luta pela liberdade. O "haitianismo", medo de uma grande revolta escrava, espalha-se pelas colônias espanholas e portuguesas. No Rio de Janeiro, a cidade mais negra do continente, esse medo é sentido com força. Como manter a ordem? Como manter o controle de uma maioria por uma minoria?

O futuro do Haiti começa a ser bloqueado em 1825 com a imposição, por parte da França, de uma compensação pela perda de seus escravos. A dívida se estenderá até 1947. Em 1915, os EUA ocupam militarmente o país e permanecem até 1934, treinando uma força militar haitiana que reprimiu brutalmente todo movimento de resistência. Esses militares se revezaram no poder após a saída das forças norteamericanas. De 1957 a 1986, os ditadores Papa Doc e Baby Doc controlam o país com sua milícia, aterrorizando todos que se opõem. Após um ano de fortes protestos populares, Baby Doc é forçado a se exilar na França. Em 1990 Jean-Bertrand Aristide é eleito presidente com 67% dos votos. A mobilização popular impede uma primeira tentativa de golpe, mas uma segunda tentativa acaba instalando uma nova ditadura militar, menos de um ano depois da eleição. Os partidários de Aristide são perseguidos. Em 1995, é eleito René Préval, sucessor de Aristide. Aristide volta ao poder em 2000. Em 2010 um terremoto destrói mais de 80% das construções da capital Porto Príncipe. Estima-se mais de 200 mil mortos.

Minustah

Militares brasileiros no Haiti

O Brasil se dispôs a assumir a coordenação da Minustah (Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti). O Brasil é o país com o maior contingente de tropas e é o detentor do comando militar da Missão. Um dos objetivos da Minustah é o de pacificar e desarmar os grupos rebeldes no Haiti, que se localizam nas grandes favelas do país. Antes de partir para a Missão, os soldados brasileiros fizeram treinamento no BOPE, para aprender a combater em favelas.



Monopólio da violência

As milícias são constituídas por forças de agentes ou ex-agentes públicos da segurança que expulsam os traficantes da uma comunidade e passam a controlar essa comunidade. No lugar do tráfico de drogas, elas tiram seu lucro da cobrança de serviços nas comunidades, como TV a cabo legal, as vans, o gás, etc., além do cobrar para oferecer segurança. Esses grupos impõem uma forte opressão no local, impondo toques de recolher, ameaçando e executando. Foram criadas há mais de uma década e se expandiram de forma muito rápida, controlando hoje territórios de favelas maiores que os das facções do crime organizado.



semelhante imensa tecnologia de controle de massas populacionais pobres (CMPB), a ponto de exportarmos nossa tecnologia. Nos tornamos referências mundiais em guerra contra a sua população.

Delírio Fascista

Traficante))

Ponta do sistema de venda de drogas no atacado

Os traficantes das favelas são a ponta de um sistema que ninguém sabe onde termina. Os que mais ganham com o tráfico, os que estão por trás de todo o sistema, com certeza não moram nas favelas. Novamente aposta-se que o criminoso corporifica o crime. Então invade-se a área onde criminosos faziam seus negócios - "comerciantes" como diz Mano Brown - e se acredita que a ocupação se dá sobre a área do crime, não do criminoso. O crime será eliminado da esfera social à medida que o criminoso é eliminado da esfera geográfica?

Policia Militar

A polícia que mais mata e mais morre no mundo

A polícia militar brasileira surge como uma tentativa republicana de monopólio da violência pelo Estado. Entretanto, é constituída com base em valores escravocratas e coloniais. Perpetua a figura do Capitão do Mato a capturar escravos negros. Os batalhões espalham-se nas áreas pobres, nas periferias, não para proteger a população mas para controlar. Mal pagos e mal preparados, os policiais são jogados também na lógica da guerra. Corrupção, violência e arbitrariedade marcam a atuação da PM em toda federação.

HAITI AQUI
"Arquitetura da Exclusão" acontece como parte de um processo de investigação-ação criado pelos coletivos Frente 3 de Fevereiro e Afrofuturismo. Nesta produção audiovisual, propomos o questionamento sobre os muros, visíveis e invisíveis, que permealos os centros urbanos. Uma bola gigante onde se lê "Haiti Aqui" foi disparadora de diálogo e encontro. O Haiti é Aqui? Em Ipanema e no Carnaval carioca, respostas revelam os territórios da nossa visão histórica.

HAITI AQUI
A primeira intervenção no muro da favela Santa Marta. Foi pintado um buraco. Parte da investigação-ação do projeto "Arquitetura da Exclusão".



Estado Policial

Guerra geopolítica pela hegemonia do tráfico

Diante de um discurso perpetuado pela mídia da guerra do bem (representado pelas forças policiais espetaculares como o BOPE) contra o mal (representado pelo terror à figura do traficante negro jovem pobre) temos o apagamento, a invisibilidade da foroz disputa pela hegemonia no cenário geopolítico do crime. Diante deste Estado Policial que traz à luz certos crimes e põe na escuridão outros, nos perguntamos como se reconfiguram, submersos, os novos diagramas de forças do crime organizado na relação geopolítica. Para onde vão os traficantes expulsos dos seus controles locais? Quais os novos conchavos das grandes organizações criminosas? Como se reestrutura a distribuição de drogas na zona sul? Alguém acredita que os consumidores pararam de consumir?



RACISMO POLICIAL. QUEM POLICIA A POLÍCIA?
Cartazes colados em torno de batalhões em São Paulo. Frente 3 de Fevereiro, 2004. O que esperar de um país que mata sua população na idade mais ativa? E quem lucra com essas mortes? A indústria de armas, a indústria de fardas? Os cemitérios, as funerárias? E quem policia a polícia? E o que eu tenho a ver com isso? E o que você tem a ver com isso?

"Suspeito Cor Padrão"

Esteréotipo do criminoso jovem, pobre e preto

A herança escravocrata no Brasil, a história da nossa polícia e a história do racismo no país faz com que o principal alvo da polícia seja o sujeito "suspeito de cor padrão": jovens, negros, pobres e moradores da periferia. A abordagem policial é extremamente discriminatória nesse sentido.

Extermínio de Jovens

A lógica da guerra na atuação policial e a identificação do estereótipo do suspeito e do traficante, marcada pelo racismo, fazem com que a polícia que mais mata no mundo provoque um verdadeiro extermínio de jovens negros e pobres do país. A grande maioria das pessoas assassinadas pela polícia segue esse perfil, de forma desproporcional em relação às características das pessoas que cometem a maioria dos crimes. A "resistência seguida de morte" é o motivo da morte da maioria das vítimas da polícia e esconde as verdadeiras condições nas quais essas mortes ocorreram. Equipamentos como o "Caveleirão" (ao lado), espécie de tanque de guerra utilizado nas operações policiais do Rio de Janeiro, é um exemplo da lógica da guerra e do extermínio que domina a segurança pública.

ZUMBI SOMOS NÓS
Intervenção em estádio de futebol em jogo transmitido ao vivo. A afirmação de novas possibilidades de futuro com a resignificação do passado. A conexão com a potência de transformação do mundo. A alegria da criação, ação e reflexão. Zumbi somos nós! São Paulo, 2006.



Como inventamos nosso futuro?

Os buracos, as rachaduras, as fendas dos muros criadas pelas manifestações de vida. Finito ilimitado de novas formas de viver. Explosões na estrada sem-saída. Não está tudo dominado.

A FRENTE 3 DE FEVEREIRO É UM GRUPO TRANSDICCIPLINAR DE PESQUISA E AÇÃO DIRETA SOBRE O RACISMO NA SOCIEDADE BRASILEIRA. SUA ABORDAGEM VISA CRIAR NOVAS LEITURAS E CONTEXTUALIZAR OS DADOS QUE CHEGAM À POPULAÇÃO DE MANEIRA FRAGMENTADA ATRAVÉS DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO. AS AÇÕES DIRETAS CRIAM NOVAS FORMAS DE MANIFESTAÇÃO ACERCA DE QUESTÕES RACIAIS. A FRENTE 3 DE FEVEREIRO ASSOCIA O LEGADO ARTÍSTICO DE GERAÇÕES QUE PENSARAM MANEIRAS DE INTERAGIR COM O ESPAÇO URBANO COM A HISTÓRICA LUTA E RESISTÊNCIA DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA.

feito com armamento de guerra. A origem deste projeto está nos Projectos Urbanos Integráveis (PUI), ocupações militares nas favelas de Medellín, na Colômbia.



Muros Visíveis e Invisíveis

A história do Brasil sempre se encontra com muros. Muros invisíveis que tornaram o país um dos mais desiguais do mundo. Muros que pareciam estar desmoronando. No entanto, novamente nos deparamos com um muro. Este muro visível vem com a roupagem nova da proteção ambiental. O governo do estado do Rio de Janeiro anunciou a criação de muros para conter o avanço de 19 favelas, supostamente para proteger a vegetação remanescente nos morros. Das áreas da cidade construídas acima de 100 metros, 70% são ocupadas pela classe média e 30% por favelas. É a partir desta trama de muros visíveis e invisíveis, voluntários e involuntários, que os conflitos da Cidade Espetáculo se revelam novamente. Os muros de mais de 4 metros de altura reiteram uma política repressiva. Novamente erguem-se barreiras para contenção de populações. Arquiteturas da exclusão. Mas continua, por toda parte, a luta para demubar os muros concretos. Aos muros imateriais incita-se uma ruptura. Uma ruptura com o que vigora, com o que domina, com a voz eloquente do mundo.

Sistema Prisional A lógica da punição e do encarceramento em massa

Outro elemento do ciclo do Estado Policial é o sistema prisional. A lógica do proibicionismo e da punição ao criminoso gera leis cada vez mais duras como única resposta possível ao aumento do crime. A proibição em si nunca é posta em questão. Formas alternativas de justiça também não. A legislação proíbe o uso e a comercialização de certas substâncias enquanto permite outras, tão ou mais nocivas quanto as proibidas. As leis proibicionistas, o desejo de punição e castigo e a lógica da guerra ao crime levam a uma mesma consequência: o aumento do encarceramento. A grande maioria das pessoas nas prisões não cometeu crime violento. As prisões não servem para reabilitar, apenas para punir e gerar sujeitos mais perigosos. Quanto mais criminosos, maior a legitimação do Estado Policial. Novamente, todas essas políticas incidem muito mais sobre as populações pobres e negras do que sobre o resto da sociedade. O racismo está presente em todas as etapas do sistema de justiça. A população carcerária no Brasil é de aproximadamente 500 mil indivíduos. Na última década este número cresceu mais 150%.

Ataques Midiáticos de facções criminosas

Em novembro de 2010 no Rio de Janeiro, vimos o espetáculo midiático da invasão militar do Complexo do Alemão. O estopim da ocupação se deu a partir de ataques a ônibus, vans e carros de passeio no dia 21 de novembro, na Zona Sul da cidade. Um dos principais instrumentos de pressão utilizados pelas facções do crime organizado são os ataques na cidade. Da queima de ônibus ao ataque direto contra policiais, quando as facções querem chamar a atenção ou retaliar alguma ação da polícia, elas utilizam este meio.

Ocupação do Exército na Zona Norte

Invasão do Complexo do Alemão

O Complexo do Alemão é um complexo de favelas na zona norte do Rio de Janeiro, tido como a principal fortaleza do tráfico na cidade. Era controlado pelo Comando Vermelho e conhecido como um dos lugares mais perigosos da cidade. O Governo Federal já havia iniciado obras de infraestrutura social no local. Em novembro de 2010, o Governo do Estado, que já tinha planos de implantar uma UPP no Complexo do Alemão, aproveitou o ambiente favorável na opinião pública, gerado pelos ataques midiáticos das facções criminosas, para levar a cabo a ocupação. O Governo do Estado, juntamente com forças militares disponibilizadas pelo Governo Federal, invadiu os acessos do Complexo do Alemão. Em números oficiais, 37 pessoas foram mortas, em decorrência da ocupação, 123 acusadas e 130 presas. A apreensão de armas e explosivos engrossava os números da polícia. Cerca de 102 veículos foram incendiados. Pela TV era possível ver os traficantes fugindo ao vivo. Repórteres vestiam coletes à prova de balas e narravam na emoção do *front*. O Secretário de Segurança se referia à região como "o coração do mal". Ao final, os principais jornais anunciavam "a vitória contra o crime". Entrevistas exibiam moradores aterrorizados. Montava-se o discurso de libertação da garras do tráfico. A operação de ocupação do Complexo do Alemão teve a retaguarda do Exército. Carros tanques, soldados camuflados e armamento pesado foram utilizados para convencer os traficantes de que não havia possibilidade de resistirem. Tinham seu papel no espetáculo midiático. Ao contrário da favela da zona sul da cidade, o Complexo teve, inicialmente, o controle e policiamento das Forças Armadas. No momento estão sendo implementadas as UPPs previstas para a região.



Minustah Militares brasileiros no Haiti

O Brasil se dispôs a assumir a coordenação da Minustah (Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti). O Brasil é o país com o maior contingente de tropas e é o detentor do comando militar da Missão. Um dos objetivos da Minustah é o de pacificar e desarmar os grupos rebeldes no Haiti, que se localizam nas grandes favelas do país. Antes de partir para a Missão, os soldados brasileiros fizeram treinamento no BOPE, para aprender a combater em favelas.

Tropas "Haitianas" Exército - Tropas do Haiti

Dos soldados do Exército que ocupam e fazem o policiamento do Complexo do Alemão, grande parte passou pela Minustah no Haiti. 700 dos cerca de 2000 soldados já estiveram apontando armas para os haitianos. A justificativa deste uso é o "aprendizado das tropas em conflitos urbanos".

Como inventamos nosso passado?

Procuramos exceções à regra histórica. Dar chances à multiplicidade.



CARTOGRAFIA CRIADA PELA FRENTE 3 DE FEVEREIRO E AFROFUTURISMO EM OUTUBRO DE 2011. NESTE PROJETO, DANIEL LIMA E FELIPE TEIXEIRA, DESENHOS: DANIEL LIMA, FOTOS: PEETSSA, CRIS RIBAS E FRENTE 3 DE FEVEREIRO. FRASE TÍTULO BASEADA NO LIVRO MUNDONBROZ DE GIUSEPPE COCCO. WWW.FRENTE3DEFEVEREIRO.COM.BR

TERMOS MIDIÁTICOS PARA REVOLTA

Daniel Lima # São Paulo

A concentração de poder em torno de poucos grupos financeiros que detêm os maiores meios de comunicação exerce uma coesão no discurso midiático. Numa mesma construção de conceitos, a “grande mídia” cria o contexto para o consenso em torno da “legitimidade” das operações policiais em repressão às manifestações que se espalharam pelo país durante a Copa da Confederações (2013). Nesta investida, a “fábrica de consentimentos” constrói três termos para designar os revoltosos: arruaceiros, baderneiros e vândalos. Como estes três termos se relacionam com nossa história? Como se relaciona a imagem do negro a estes termos?

DANIEL LIMA É ARTISTA, PRODUTOR CULTURAL E EDITOR. PARTICIPA DOS COLETIVOS FRENTE 3 DE FEVEREIRO E COLABORATÓRIO. DIRIGE A PRODUTORA CULTURAL E EDITORA INVISÍVEIS PRODUÇÕES.

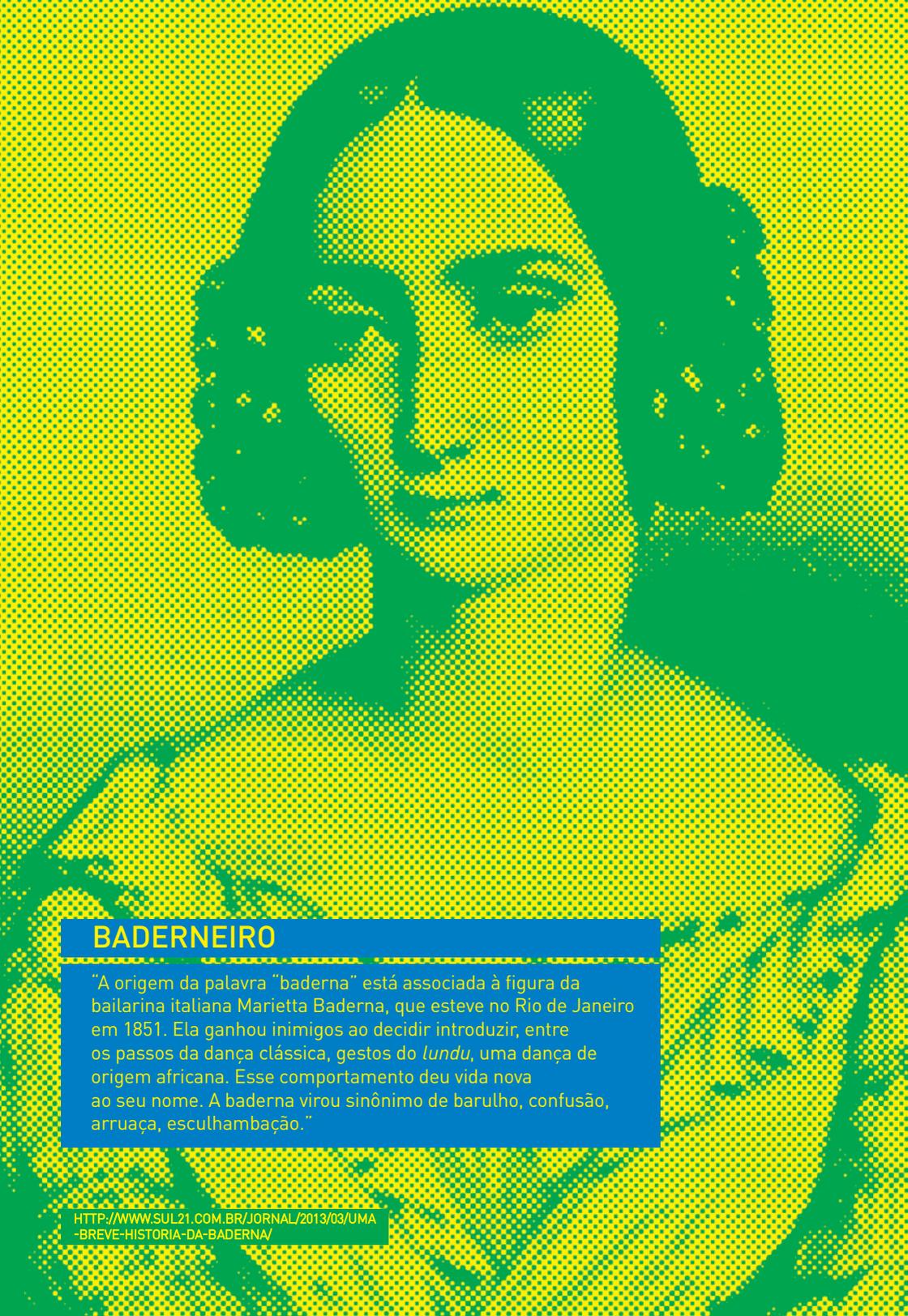
IMAGEM RETIRADA DA INTERNET
[HTTP://CAFEHISTORIA.NING.COM/PHOTO/CONHECIDA-COMO-CARRUAGEM-OU](http://cafehistoria.ning.com/photo/conhecida-como-carruagem-ou)





ARRUACEIRO

A origem da palavra "arruaceiro" vem do radical "arruar", que significa "da rua". No Brasil escravocrata, era comum ver nas ruas as *cadeiras de arruar*. Carregada por dois escravos, a cadeirinha acortinada era usada para transporte dos senhores e senhoras de escravos. Arruar, neste caso, era uma ostentação de poder e riqueza.



BADERNEIRO

“A origem da palavra “baderna” está associada à figura da bailarina italiana Marietta Baderna, que esteve no Rio de Janeiro em 1851. Ela ganhou inimigos ao decidir introduzir, entre os passos da dança clássica, gestos do *lundu*, uma dança de origem africana. Esse comportamento deu vida nova ao seu nome. A baderna virou sinônimo de barulho, confusão, arruaça, esculhambação.”



VÂNDALOS

“Os Vândalos eram uma tribo germânica oriental que penetrou no Império Romano durante o século V e criou um estado no norte da África ocupando a cidade de Cartago. A localização de Cartago às margens do Mediterrâneo era estratégica para os Vândalos. Ali centralizaram seu Estado, e logo após se estabelecerem saquearam Roma no ano de 455, destruindo muitas obras de arte.”

GENSERICO SAQUEANDO ROMA
PINTURA DE KARL BRIULLOV (1833-1836)
[HTTP://PT.WIKIPEDIA.ORG/WIKI/VÂNDALOS](http://pt.wikipedia.org/wiki/V%C3%A2ndalos)

LUZ, (CON)TEXTO E CIDADE

Moana Mayall # Rio de Janeiro

Em meio às jornadas de junho de 2013, são vistas as primeiras “projeções” pelo Rio, iluminando as ruas com suas mensagens de protesto, informando o público transeunte e fazendo ecoar as pautas mais urgentes das manifestações. Nesse novo contexto de efervescência política no país, soma-se às superfícies da paisagem visual da cidade o verbo rasgado da resistência – não apenas os gritos de protesto, como também uma síntese de dados atuais sobre as nossas realidades mais gritantes. Do outro lado do projetor, um coletivo começa a se formar, na vontade comum de amplificar as vozes dos tantos movimentos que, embora fossem ganhando eco nas redes sociais e outros canais alternativos, viam suas demandas completamente ignoradas pelas mídias hegemônicas.

“Desde a primeira vez que fomos às ruas para projetar, buscamos não ser os donos do discurso. Tentamos apenas amplificar algo tão latente para uns e invisível para outros.”

Com uma escuta aguçada e solidária a cada encontro com a rua, além de uma disposição generosa a trabalhar em grupo todo o processo – da criação dos conteúdos às estratégias de ação em espaços públicos e a sua circulação nas redes – o coletivo *Projeção* é, desde o princípio, um ambiente autônomo, plural e colaborativo. Não é à toa que o grupo soma hoje mais de 20 cabeças, só no Rio, além de dezenas de parceiros espalhados em diversas cidades pelo Brasil e pelo mundo, em ações pontuais chamadas “projeções”.

“Nas manifestações, havia muitos cartazes, e percebemos que faltava algo, que

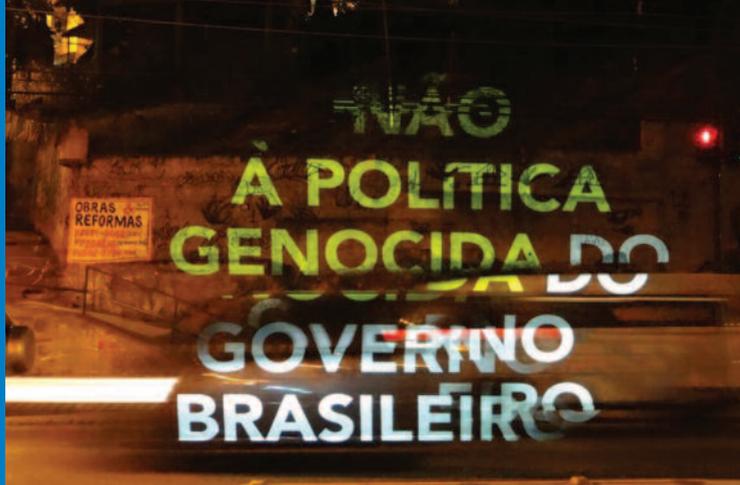
podíamos ocupar mais espaços. Quando projetamos, as pessoas que estão nos atos, se sentem amparadas e também é possível compartilhar as reflexões para quem não está no protesto.”

A combinação de luz, texto e cidade logo se tornou uma alquimia explosiva, no sentido de ativar novas esferas públicas e transformar a própria paisagem da cidade-cartão postal da Copa e das Olimpíadas em uma paisagem crítica, capaz de transbordar as vozes de resistência aos tantos projetos de gentrificação, restrição de direitos do cidadão e aumento do aparato repressivo do Estado contra o livre direito à luta e à expressão política.

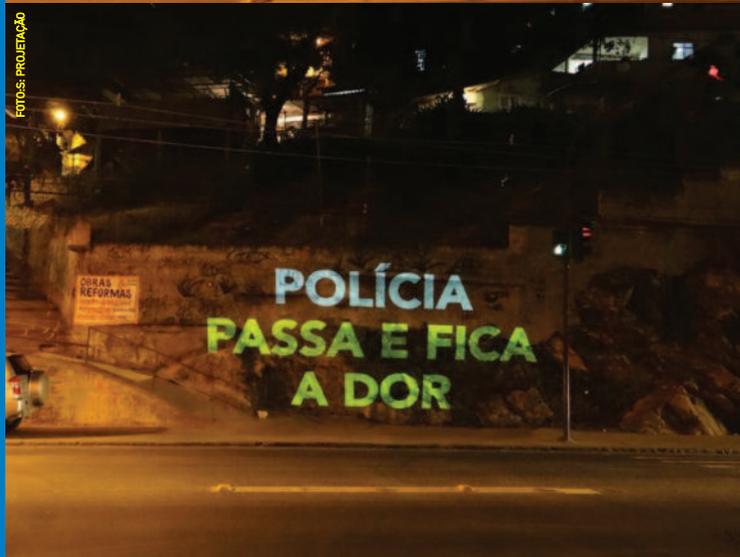
Aqui, ensaiamos uma pequena cartografia fotográfica, registrando as ações do coletivo ao longo das semanas de Copa no Rio de Janeiro. Sob os holofotes internacionais, os temas expostos e iluminados pelo coletivo puderam se interpor ao simulacro da cidade espetáculo, criando fissuras no discurso da grande mídia e de toda a propaganda positiva em torno do megaevento. Nessas imagens, que falam por si, fica a memória de um Rio que demanda outras leituras, bem como outros possíveis, a partir de um desejo mais comum e justo de cidade.

MOANA MAYALL ORGANIZOU, COMO ARTISTA-CURADORA, O VÍDEO URBE, UMA PLATAFORMA COLABORATIVA E, AINDA, UMA MOSTRA INTEGRADA POR ARTISTAS E COLETIVOS QUE DESENVOLVEM PROJETOS DE VÍDEOINTERVENÇÃO, ASSOCIADOS A OUTRAS EXPRESSÕES E FORMAS DE OCUPAÇÃO EM ESPAÇOS PÚBLICOS DO RIO, EXPERIMENTA A CIDADE COMO CAMPO AMPLIADO PARA AS ARTES DO VÍDEO, ENTENDENDO SUA PAISAGEM COMO REDE DE TROCAS, PENSAMENTO, MEMÓRIA, TRANSFORMAÇÕES, TENSÕES, E DE ATRAVESAMENTOS ESTÉTICOS E POLÍTICOS CONTEMPORÂNEOS. ACREDITA NA POTÊNCIA DAS ARTES DO VÍDEO NA INTERFACE COM A CIDADE ABERTA E SEUS MÚLTIPLOS DISPOSITIVOS DE ENCONTRO, REINVENÇÃO E CONSTRUÇÃO DO COMUM. DESDE 2013, TAMBÉM INTEGRA O COLETIVO PROJEÇÃO ([HTTP://PROJETACAO.ORG](http://projetacao.org)).





FOTOS: PROJEÇÃO



É UMA GUERRA

David da Paz # Fortaleza

FOTO: DANIEL LIMA

FORTALEZA
PERDE PARA BH NA
LIDERANÇA DE PREPARAÇÃO
DAS 12 CIDADES-SEDE. NA

AVALIAÇÃO, FORAM DADAS NOTAS DE ZERO A CINCO NOS ITENS LISTADOS NA PRIMEIRA MATRIZ DE RESPONSABILIDADES, DIVULGADA EM JANEIRO DE 2010 PELO MINISTÉRIO DO ESPORTE. ENQUANTO ISSO, NAS RUAS, SEGUNDO A POLÍCIA, 80.000 PESSOAS SE REUNIRAM NOS ARREDORES DA ARENA CASTELÃO HORAS ANTES DO JOGO ENTRE BRASIL E MÉXICO PELA COPA DAS CONFEDERAÇÕES DA FIFA. "O POVO NÃO AGUENTA MAIS. TIRAR A ROUPA DO GIGANTE, DERRUBAR O REI!", PEDEM OS MANIFESTANTES. NAS CALÇADAS, A POPULAÇÃO ESTÁ SURPRESA AO PERCEBER QUE AS RUAS NÃO SÃO TÃO PÚBLICAS ASSIM. MANIFESTANTES SÃO RECEBIDOS COM BALAS DE BORRACHA, GÁS DE PIMENTA, BOMBAS DE GÁS, CASSETETES. EXPERIÊNCIA CORPO A CORPO, QUE OS FAZ GRITAR: "SEM VANDALISMO", PROTESTANDO CONTRA A VIOLÊNCIA POLICIAL. É, DE FATO, UMA GUERRA, UMA GUERRA QUE SE AFIRMA NA CONQUISTA DOS ESPAÇOS. NA RUA, ESSA GUERRA, COMO EM TODA SITUAÇÃO DE FRONTEIRA, DÁ LUZ AO INVISÍVEL: UM MUNDO CONCRETO QUE SE INTITULA REALIDADE, DEMARCANDO ESPAÇO, LINGUAGEM, NORMALIDADE, ORDEM, BEM-ESTAR. DIREITOS HUMANOS, LIBERDADE DE EXPRESSÃO E PAULADA, CONTEMPORANEIDADE TÃO GLOBALIZADA.

DAVID DA PAZ É ARTISTA HÍBRIDO E EDUCADOR. SEUS TRABALHOS SÃO FOCADOS NA INTERSECÇÃO ENTRE ARTE, POLÍTICA, FILOSOFIA, TECNOLOGIA, COMUNICAÇÃO E SOCIOLOGIA, PELO PRISMA DOS MOVIMENTOS DE RUPTURA COMO A CONTRACULTURA. DAVID DA PAZ DESENVOLVEU E DESENVOLVE INÚMERAS INTERVENÇÕES-OBRAS-EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS E EDUCATIVAS EM SUAS DERIVAS PELO COTIDIANO URBANO.

SÓ QUE NÃO

Tininha Llanos # Salvador

AÇÃO

No dia 12/06/2014, durante viagem para o COPAS, realizarei 2 trajetos:

1. SALVADOR - Durante o percurso da viagem, farei selfies do trajeto, incluindo todas as cenas possíveis que contextualizem as mudanças notadas no cotidiano da cidade.

1.1. HASHTAGS #copa #copas #tonocopas #naovaitercopa #vaitercopas #salvadormeuamor #voupracopa #sorriavoceestasemdofilmado #limpezahumana #ocupeestelita #movimentopasselivre #salvadornacopa #copa2014 #mundial #fifaworldcup

2. SÃO PAULO - Ao chegar em São Paulo, farei o trajeto até o estádio Itaquerão onde o objetivo será de experienciar o clima do primeiro dia da copa para jogo de abertura e projetar isso na produção dos selfies. As imagens desse trajeto também serão publicadas nas redes sociais e farão parte da narrativa do meu olhar sobre o cotidiano da COPA na cidade de São Paulo.

2.2. HASHTAGS #copa #copas #tonocopas #naovaitercopa #vaitercopas #salvadormeuamor #voupracopa #sorriavoceestasemdofilmado #limpezahumana #ocupeestelita #itaquerao #copa2014#mundial #fifaworldcup

EXPOSIÇÃO

Essas imagens irão passar em vídeo em *loop* durante a exposição, junto com o texto sonoro de gravação das impressões das pessoas anônimas com que eu tiver contato nesse trajeto.

JUSTIFICATIVA

Eu não quero falar disso não. #soquenao

O assunto do momento é a COPA do Mundo. Você pode tentar até introduzir outro assunto, mas parece que a publicidade é tão “boa” que o maior evento da Terra não sai da boca do povo. E pra piorar, na era das logomarcas, tudo ganha um nome com marca como um slogan publicitário. A COPA do Mundo virou Copa do Mundo FIFA. O estádio soteropolitano Fonte Nova virou Arena Itaipava. O metrô de Salvador (?), a não, esse não existe, só dizem que vai ser inaugurado no dia 12 de junho de 2014. É sério? Depois de quinze anos, a menor linha de metrô do mundo será inaugurada com 7,3 km de trecho que sai do Estádio Fonte Nova para... ? Ah, tá. Agora me lembrei que eu não quero falar disso não.

Estou morando a menos de 1 km do Estádio Fonte Nova. Pensei, ah que bom, com um metrô pertinho de casa vou poder ir e vir à cidade durante esse período e ir para bem longe dos jogos. Só que não. São apenas 3 estações que não levam para lugar nenhum, somente de estacionamentos para o Estádio, e a princípio vão transportar “cerca de 2.000 torcedores”, segundo o presidente “gringo” que administra a lenda. Torcedores? E o cidadão não torcedor? E se o cidadão não quiser torcer para nada, vai poder andar no metrô? E se eu não quiser torcer pra nada, não quiser saber de Copa, não quiser falar sobre isso, eu vou poder, não é? Ah, Eu também não queria falar disso não. Só que não.

TININHA LLANOS É ARTISTA VISUAL GRADUADA PELA UFBA, E ATUALMENTE SE ESPECIALIZANDO EM METODOLOGIA DO ENSINO DE ARTES. GOSTA DE COZINHAR COLETIVAMENTE E DE REMIXAR NARRATIVAS AFETIVAS, POR MEIOS ANALÓGICOS OU DIGITAIS. TAMBÉM É PRODUTORA CULTURAL E INTEGRANTE DO GIA, COLETIVO BAIANO QUE EXISTE HÁ 14 ANOS E QUE TEM EM COMUM, ALÉM DA AMIZADE, UMA ADMIRAÇÃO PELAS LINGUAGENS ARTÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS E SUA PLURALIDADE, MAIS ESPECIFICAMENTE AQUELAS RELACIONADAS À ARTE E AO ESPAÇO PÚBLICO. WWW.GIABAHIA.BLOGSPOT.COM



GENTRIFICADO

Bijari # São Paulo

TANGO SEUL, 1988 - OLIMPIÁDA DE SEUL

EM SEUL, 15% DA POPULAÇÃO FOI VIOLENTAMENTE EXPULSA E 48 MIL EDIFÍCIOS FORAM DEMOLIDOS EM 1988 DURANTE A PREPARAÇÃO DOS JOGOS OLÍMPICOS. A ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA AUMENTOU EM MAIS DE 20% O VALOR DOS APARTAMENTOS E EM MAIS DE 27% O DE TERRENOS.



ETRUSCO UNICO, 1992 - OLIMPIÁDA DE BARCELONA

DUZENTAS FAMÍLIAS FORAM DESPEJADAS PARA ABRIR CAMINHO PARA A CONSTRUÇÃO DE NOVAS ROTATÓRIAS E OUTRAS ADAPTAÇÕES URBANÍSTICAS ANTES DOS JOGOS OLÍMPICOS DE 1992. A ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA EM TORNO DOS JOGOS RESULTOU NUM AUMENTO DE 131% NO PREÇO DOS IMÓVEIS.



QUESTRA, 1994 - COPA DOS ESTADOS UNIDOS

EM DALLAS, CERCA DE 300 PESSOAS FORAM EXPULSAS DE SUAS RESIDÊNCIAS POR CAUSA DA PREPARAÇÃO PARA A COPA.



BRAZUCA, 2014

QUESTRA OLYMPIA, 1996 - OLIMPIÁDA DE ATLANTA

EM ATLANTA, EM TORNO DE 15 MIL RESIDENTES DE BAIXA RENDA FORAM EXPULSOS DA CIDADE POR CAUSA DOS JOGOS. CERCA DE 1.200 UNIDADES DE HABITAÇÃO PARA OS POBRES FORAM DESTRUÍDAS EM NOME DOS JOGOS.





THE ALBERT, 2012 - OLIMPIÁDA DE LONDRES

NA CAPITAL DA INGLATERRA, SEDE DOS JOGOS DE 2012, QUE ANTECEDERAM OS DO RIO, O PREÇO MÉDIO DOS IMÓVEIS NO ENTORNO OLÍMPICO AUMENTOU MAIS DE 3%, ENQUANTO NO RESTANTE DA CIDADE OS VALORES CAÍRAM APROXIMADAMENTE 0,2 %.



JABULANI, 2010 - COPA DA ÁFRICA DO SUL

MAIS DE 20 MIL MORADORES FORAM REMOVIDOS E TRANSFERIDOS PARA ÁREAS EMPOBRECIDAS DA CIDADE. O MINISTRO DA HABITAÇÃO OBSERVOU QUE OS PLANOS DE CONSTRUIR MILHARES DE CASAS DE BAIXO CUSTO PODERIAM SER AFETADOS POR MUDANÇAS NAS DEMANDAS DO ORÇAMENTO NA PREPARAÇÃO.



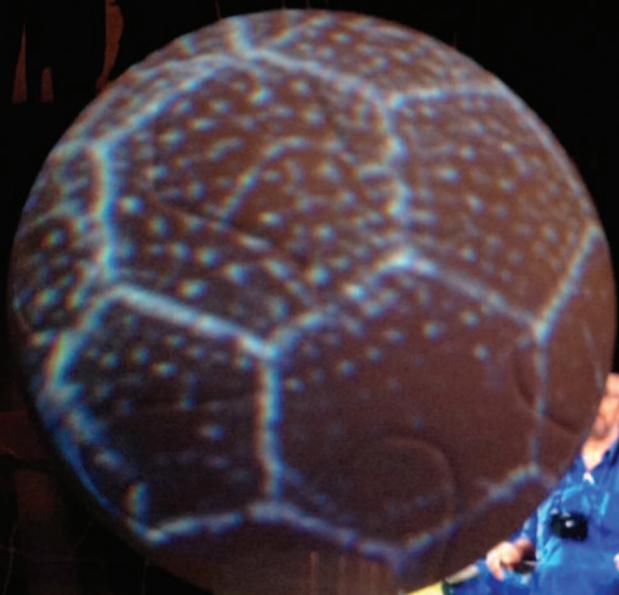
MAGNUS MOENIA, 2008 - OLIMPIÁDA DE PEQUIM

O PROJETO ENVOLVEU REALOCAÇÃO DE MORADORES EM LARGA ESCALA. FORAM RELATADAS DENÚNCIAS SOBRE DESPEJOS EM MASSA, POR VEZES CONDUZIDOS POR HOMENS NÃO IDENTIFICADOS. CERCA DE 1,5 MILHÃO DE PESSOAS FORAM DESLOCADAS.



TANGO TERRESTRA GAMARADA, 2000 - OLIMPIÁDA DE SYDNEY

EM SYDNEY, OS RELATÓRIOS INDICAM QUE CERCA DE 6 MIL PESSOAS FORAM DESALOJADAS NA PREPARAÇÃO PARA OS JOGOS OLÍMPICOS DE 2000. A ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA EM TORNO DOS JOGOS ELEVOU EM 50% O PREÇO DOS IMÓVEIS.



COPAS I
12 CIDADES
EM TENSÃO





BIJARI É UM CENTRO DE CRIAÇÃO EM ARTES VISUAIS E MULTIMÍDIA FORMADO NO ANO DE 1997, EM SÃO PAULO, POR COLEGAS DA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. O CENTRO DESENVOLVE PROJETOS EM DIVERSOS SUPORTES E TECNOLOGIAS, ATUA ENTRE OS MEIOS ANALÓGICOS E DIGITAIS PROPONDO EXPERIMENTAÇÕES ESTÉTICAS E CRÍTICAS NA FRONTEIRA ENTRE ARTE E DESIGN. INTERVENÇÕES URBANAS, PERFORMANCES, INSTALAÇÕES E VÍDEO PROJEÇÕES SÃO ALGUNS DOS MEIOS COM OS QUAIS O GRUPO BUSCA ESTABELECEER DIÁLOGOS E INTERFERÊNCIAS SOBRE A REALIDADE.

INSTALAÇÃO BRAZUCA | GOETHE INSTITUT, SÃO PAULO | JULHO DE 2014
PROJEÇÃO MAPEADA SOBRE BOLA MODELO OFICIAL | FOTOS: BIJARI





GENTRIFICAÇÃO: Processo de restauração e/ou melhoria de Propriedade urbana Deteriorada REALIZADO PELA CLASSE MEDIA OU EMERGENTE Geralmente resultando na remoção de População de baixa renda

Antes de começar os debates sobre a Copa do Mundo, Belo Horizonte já estava mobilizada. As pessoas estavam reunidas manifestando contra uma administração desastrosa e corrupta da prefeitura.

Com a proximidade da Copa, os processos de gentrificação, especulação imobiliária e violência policial, que já aconteciam na cidade, se intensificaram, e os moradores de BH vivenciaram cenas hediondas contra o patrimônio urbanístico, simbólico e físico da cidade. A paisagem se transformou negativamente com a construção de inúmeros e desnecessários viadutos, cortes de árvores, projetos de "revitalização"

e violência policial. Mas ao mesmo tempo pudemos ver o fortalecimento do ativismo local e o surgimento de novos movimentos e militâncias agindo em rede e colaborando entre si. Os movimentos sociais fazem pressão política e conquistam espaços no debate público.

São inúmeras as mudanças e os impactos da Copa do Mundo de 2014 na cidade. O processo de mapeamento é difícil e as manifestações e os desdobramentos ainda continuam acontecendo.

privatização das ruas

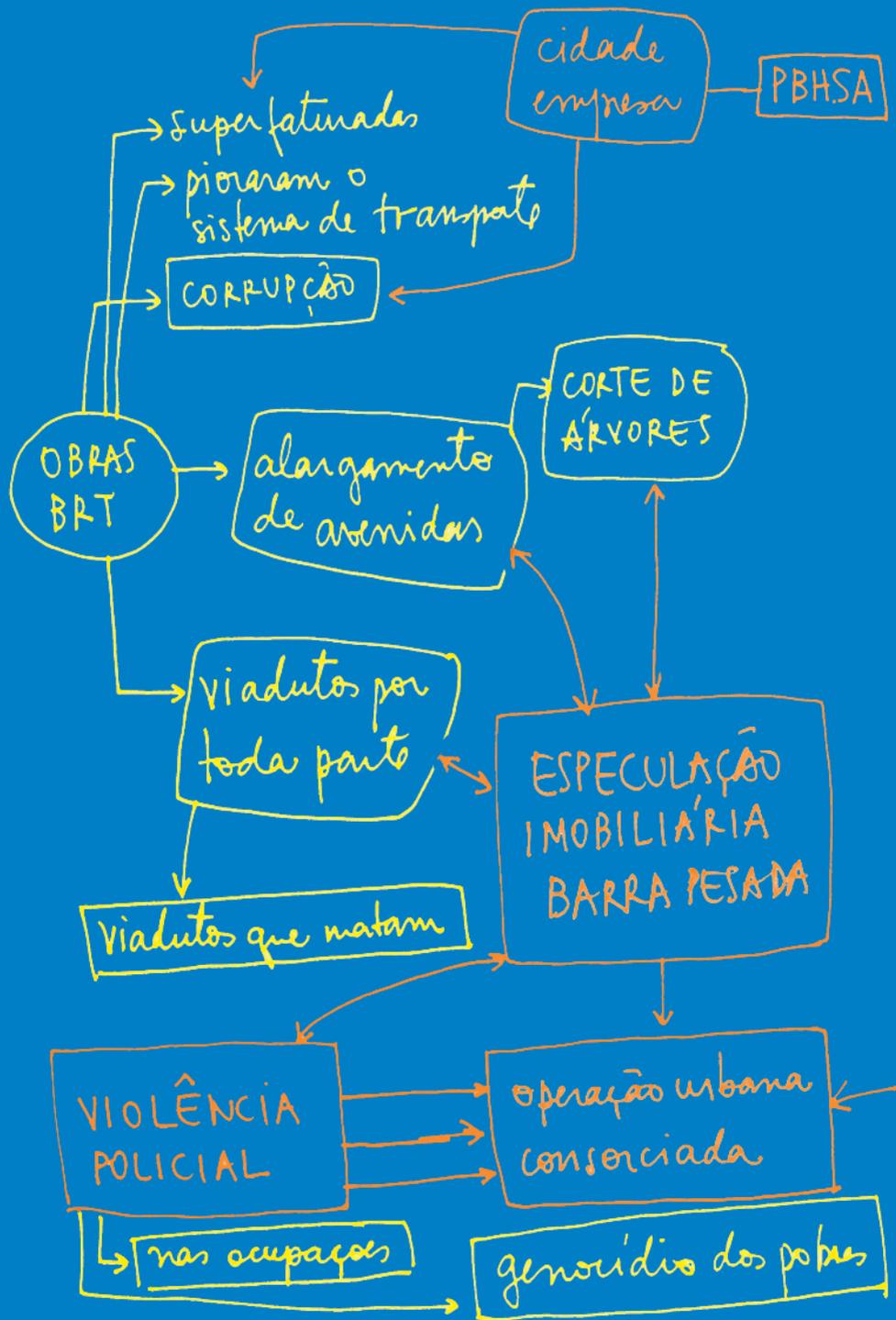
As principais mudanças causadas na paisagem da cidade de Belo Horizonte vieram em decorrência das obras de infraestrutura viária para o transporte público. Mesmo sob vários protestos a prefeitura escolheu implantar um modelo ultrapassado e caro de transporte, o BRT, que até o momento só se mostrou falho e ainda por cima piorou a vida das pessoas.

A construção de viadutos foi uma constante em toda a cidade. Cortando bairros antigos, essa estrutura arcaica de engenharia inclusive matou diversas pessoas: jovens que caíram do viaduto durante os protestos e a queda de um deles sobre um ônibus durante os jogos, matando a motorista e ferindo outras pessoas.

Processos de “revitalização” do Centro e da Savassi expulsaram ambulantes, feirantes, moradores de rua, mudando a paisagem e direcionando verbas para locais que definitivamente não precisavam de obras.

Também se intensificou a pressão das grandes incorporadoras no processo de especulação imobiliária, com alterações da lei de uso e ocupação do solo em alguns bairros tradicionais. Além da violência contra os estudantes e uma forte repressão aos protestos, antes e durante a Copa.

Ainda em curso, o NOVA BH é uma Operação Urbana Consorciada que pretende “mudar a cara” da cidade, alterando os códigos urbanos para favorecer grandes empreiteiras e construtoras parceiras da prefeitura.





fortalecimento dos movimentos sociais (em rede)

Ao mesmo tempo em que vimos surgir na cidade diversas questões muito complicadas do ponto de vista ético e político, estamos vendo também a insurgência de uma cidade em luta, onde diversos movimentos agem em rede contra os mais diversos problemas sociais, sejam eles o transporte público, a violação de direitos humanos ou a violência policial.

Durante as jornadas de Junho, debaixo do Viaduto de Santa Tereza (importante local de encontro para os jovens da cidade, onde acontece também o Duelo de MC's), se instaurou a Assembleia Popular Horizontal. Este espaço foi importante no contexto da Copa, pois dali surgiu uma grande conexão entre diversos movimentos e pessoas que estavam já envolvidas nas militâncias na

cidade, desde muito antes da Copa, com novas pessoas, que no calor dos acontecimentos estavam interessadas em debater as questões políticas que estavam acontecendo.

Os movimentos ativistas em BH têm desempenhado um importante papel de pressão política no cenário tenso da cidade. Criando campanhas, como a emblemática "Tarifa Zero é Mais" por um transporte público gratuito, ou o "#Resiste Isidoro" em apoio às ocupações ameaçadas de despejo.

Estes movimentos atuam juntos e se mobilizam na tentativa de construir um espaço público mais digno e democrático. As lutas estão por toda parte em BH.

BRÍGIDA CAMPBELL É PROFESSORA DA ESCOLA DE BELAS ARTES DA UFMG. FAZ PARTE DO PORO, JUNTAMENTE COM MARCELO TERÇA-NADA!, COLETIVO QUE ATUA DESDE 2002 REALIZANDO AÇÕES POÉTICAS, IRÔNICAS E/OU DE CUNHO POLÍTICO. ATRAVÉS DA REALIZAÇÃO DE INTERVENÇÕES URBANAS E AÇÕES EFÊMERAS, O PORO PROCURA LEVANTAR QUESTÕES SOBRE OS PROBLEMAS DAS CIDADES E BUSCA UMA OCUPAÇÃO POÉTICA DOS ESPAÇOS. O GRUPO PORO TEM VÁRIAS PUBLICAÇÕES E REALIZAÇÕES EM MUITAS CIDADES DO BRASIL E DO MUNDO.

Mesmo com essa virada distópica tensionando as promessas de progresso que a guerra trouxe, já na década de 1960 um programa concebido pelo então presidente americano John F. Kennedy chamado Aliança para o Progresso trouxe a Natown o navio *Hope* abarrotado de leite em pó e panfletos anticomunistas. Depois do Trampolim da Vitória, o imperialismo neocolonial americano deu de fundar, por estas bandas, uma Cidade da Esperança – bairro inicialmente construído com a grana do programa americano. Essas ideias recorrentes de Vitória, Progresso e Esperança sugerem, no plano micropolítico, processos de subjetivação excitados pela projeção de uma utopia de futuro a ser perseguido – ficção de mundo a ser conquistado mediante a adesão a certo estilo de vida.

Todo esse rodeio pelas ficções de história local tem por finalidade levar a outra narrativa da cidade, sem dúvida distinta da que fiz até aqui, embora herdeira direta dessas forças que fizeram sobrepor ao provincianismo potiguar uma abissal utopia de progresso.

Afinal: a queda infinita para o progresso engendrou que futuro?

future is now. no future.

Um novo aeroporto foi inaugurado para a Copa do Mundo em São Gonçalo do Amarante/Grande Natal. Nos outdoors, anúncios e propagandas de TV, o Estado escolheu, como slogan da megaobra inacabada, a frase “O futuro chegou”. Com a Copa. Vigilância, violação de direitos, gentrificação, massacre das diferenciações, estabilização das diferenças, leis antiterrorismo, terrorismo de Estado... O futuro é agora. E é isso! Dizer de um futuro que ele chegou é como dizer não há futuro. A fórmula do “futuro que chegou” nada mais é do que a versão positiva

(e por isso mais conveniente à propaganda do Estado) da distopia punk expressa na fórmula *no future*. Se futuro é o que temos para hoje, a barra do dia, o fracasso do sucesso, a cidade consumida, se é o que está dado: é o fim. A concretização das ordens de *vitória, progresso, esperança* na forma de uma distopia instaurada com força de lei.

Ao mesmo tempo, dizer *no future*, negando a fórmula positiva do Estado, não significa dizer que o futuro chegou. Mas que não há futuro – nem como o campo de concentração a céu aberto no qual as cidades vão sendo convertidas, nem como Utopia de Progresso trazida com a guerra. Não há futuro como destino nem como projeto. As gentes-sem-futuro não têm por que lutar pelo futuro. Sua falta de futuro pode ser mais bem aproveitada como possibilidade de ativação de um corpo utópico (CU) cuja política se dirija mais ao aqui-agora incessantemente reelaborado do que à esperança num futuro que já não pode chegar senão como distopia.

junhos.

2011. Uma onda de protestos embala a cidade. Em cena, não mais as massas unicistas, sob orquestração partidária, carregando bandeiras e pautas coerentes, mas uma multiplicidade de corpos friccionando a forma de pensar e viver a cidade. As ruas logo se convertem em zonas de integração multitudinária, desde onde se pensa poder redefinir a política da cidade e, também, as formas de vivê-la. Esse processo é batizado de #ForaMicarla, o que não significa que as questões ativas se limitem à pauta do *impeachment* da prefeita. Trata-se, mais bem, da emergência de outra cultura política que, independente de resultar em processos de transformação institucional, insere uma série de est+éticas de luta antes rejeitadas pela racionalidade política da esquerda institucionalista.

2012. Se, diante da emergência dessas formas não ortodoxas de ativar as políticas da cidade, os jornais oficiosos produziram as mais reativas críticas ao caráter festivo e não coeso do assim chamado movimento #ForaMicarla, contaminando-o com essa demanda por uma maior coerência interna, com a virada do ano, no entanto, intensificou-se, nos protestos, justamente essa multiplicidade não redutível às clássicas sistematizações que pensam a ação política como necessariamente ordenada para a unidade. Trata-se de uma escolha de antemão pela pluralidade outrora escanteada, suscitando-a, convocando a diferença sem pretender pasteurizá-la; como se o processo fizesse este novo levante vestir a camisa daquilo que foi atacado quando da captura do levante antigo, operando uma conversão da fraqueza daquele numa força para este.

2013. Quando, por todo o Brasil, começaram a multiplicar-se os grandes protestos do que depois alguns chamaram Jornadas de Junho, as manifestações em Natown tornaram-se maiores, e com isso as tensões também se intensificaram. A violência policial, as prisões, o uníssono nacionalista, a perseguição implacável aos black blocs, a exclusão definitiva dos partidos... Entrincheiramento, estratificação. É certo que a espetacularização extensiva contribuiu para isso – cartografar intensidades nas manifestações, elaborar perfis dos manifestantes, estabelecer distinções, forjar uma revelação total do fenômeno: operações que indicam o sentido mesmo da lógica do controle: localizar, pormenorizar, fragmentar, arquivar. Não digo isso para negar a potência da multiplicação de formas de acionar, sentir, ficcionar outras táticas de guerrilha, cotidianas, encarnadas, difundidas por infecção. Mas para tentar rastrear, também, o entranhamento do poder nessa malha, arriscar sua extensão (sistemas de monitoramento, policiamento ostensivo...)

e vasculhar passagens, ruídos, pontos cegos, linhas de fuga.

2014. Um drone por sobre as cabeças no protesto de inauguração do estádio. Um modo de fazer guerra como se joga videogame. Prisões. Muitas. Esvaziamento, esgotamento. Assim começou o ano da Copa em Natown.

A Copa do Mundo converte cidadãos em espectadores. Olho a cidade: pintada com as cores da bandeira e da Coca-Cola, meio canteiro de obras, meio paraíso vertical. Com a proximidade do grande evento, é posta em cena toda uma operação política que visa a higienização visual da Zona Sul. Querem fazer das pessoas espectadoras, mas é a cidade que olha: um punk foi preso e noticiado rasgando pedaços da decoração; está proibido borrar a maquiagem da cidade-sede; serão pegos e punidos os que tentarem riscar nas ruas aquilo que a FIFA quer empurrar para debaixo da tinta cinza que cobre o viaduto – as marcas das disruptivas passagens multitudinárias nos anos passados: manchas, rimbos, pichações, rastros. Querem fazer acreditar que a cidade é esta e que nós a perdemos. No dicionário da FIFA, habitar é consumir e não transformar. Uns pobres vão sendo varridos, outros vêm para lavar os banheiros; aos catadores, nem mais o lixo; se uma parte da população festeja, outra adocece de pânico. A cidade está fraturada, mas a FIFA não quer feridas expostas.

exceção. excessão.

Para que a Copa do Mundo possa acontecer, sabemos que as cidades-sede devem ser recortadas segundo os desígnios da FIFA. Durante a realização do evento, essa ordem geográfica ganha contornos ainda mais rígidos, e as modalidades de acesso à cidade reduzem-se àquelas definidas pelo sistema de consumo instaurado pelo



grande evento – habitar se converte numa forma de consumir, e não dá para não ser consumidor num raio de 2 quilômetros do estádio, por exemplo, ou nos arredores da Fan Fest. Contudo, da mesma forma que produz espaços consumíveis, o Padrão FIFA deixa escapar vacâncias, e assim, no vago dos circuitos economicamente ativados pelo grande evento, parece possível ativar contracondutas da cidade, outras formas de experimentar as tensões instauradas pela Copa.

Esta proposta se dirige, melhor, a estes espaços onde #NÃOVAITERFIFA, e consiste em fazer circular nas periferias da “Cidade da Copa” um minitrio elétrico que fará as vezes de emissora de rádio ambulante.

ESPECIFICIDADES DA AÇÃO:

1. Circular fora dos limites geográficos definidos pela FIFA com um minitrio fazendo as vezes de rádio ambulante, irradiando pelas ruas informações políticas (música, poesia, relatos, ruídos de conflitos,

vozes multitudinárias) capazes de representar as tensões instauradas pelo mundial da FIFA no Brasil, especificamente em Natal (uma das cidades-sede).

2. Realizar, no curso da ação, paradas estratégicas em possíveis espaços de agrupamentos disruptivos (praças, pistas de skate etc). Essas paradas têm como objetivo estimular uma forma de ocupar a cidade desobediente ao Padrão FIFA, criando espaço para que aquelas pessoas que, de alguma maneira, já se sentem desencantadas com a Copa se encontrem e se articulem. Além disso, distribuiremos zines, colaremos lambes e buscaremos reunir mensagens político-poéticas para amplificar com o minitrio.

3. Todo o trajeto será documentado e o material servirá de alimento para um blog-registro da ação. Além do registro (fotografia, vídeo, relatos escritos, ilustrações etc.), serão produzidos minidocs (de cerca de 1 minuto) ao longo do trajeto, numa tentativa de produzir uma cartografia



afetiva das formas como tanto a ação FM Rebel dia quanto o próprio mundial serão/estarão sendo recepcionados pelas pessoas na rua.

**RELATÓRIO DE FRACASSO:
SONO ABSURDX**
por João Pedro Tavares

Esse é um pequeno fragmento de um pensamento rizomático sobre nosso fracasso, trecho de um relatório dos suores que se esvoaçam na chacina da história com “H” maiúsculo, seres estranhos que borrifam vontades de biorresistência em cima daqueles que a tentam fazer esquecer. Um cuspe de força nordestina que rasgou do hipotálamo e vai diretamente para a concepção do prazer externo: o trio elétrico artístico! Com força tática midiática urbana! Éramos muitos em vontade, éramos muitos em sonhos, éramos muitos seres virtuais desejando um regozijo real e estávamos diante de uma ideia gigantesca com poucas

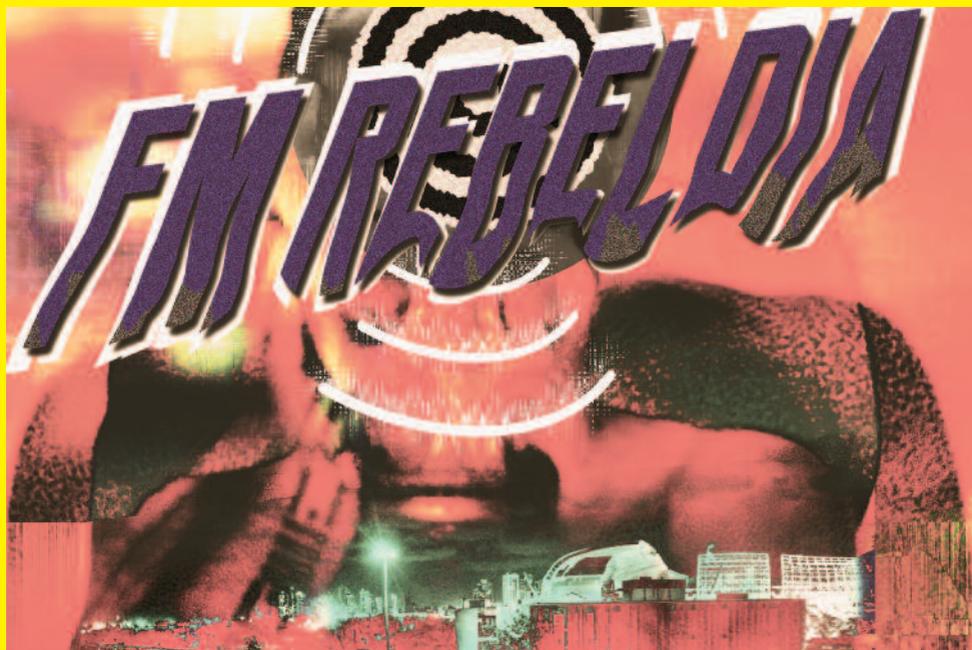
estruturas biológicas de sustentação presentes em nossos poros. Faltava-nos disciplina para tanta indisciplina (assim como seu contrário), faltava-nos o entendimento para conjuração de uma tecnomagia forte, faltava-nos a consciência de tamanha inconsciência de uma ideia que, a priori, parecia absurda, mas sentíamos [com forte poder intuitivo] que era biologicamente potente, pois podíamos pré-visualizar sensivelmente, através de nossos olhos repletos de duna, as explosões das transmissões anômalas atingindo as antenas das pessoas e devolvendo de volta algo que não poderíamos imaginar o quê.

Digo, logo de antemão, que o fracasso foi um sucesso, um sucesso de percepção individual daqueles que ali estavam participando ativamente. Talvez, em algum momento, o evento tenha sido mais um fragmento de banalidade ou algo que estávamos tentando impedir com sua

emanação a 12 volts na história. Vendo posteriormente, entendi que, naquele momento, o FM RebelDIA era uma força que outrora era ingenuamente importante, que no meio [se continuasse do jeito que estava] era um possível futuro de completa depressão e que hoje se torna casca de uma ferida que já calejou. A partir daí, através de muitos diálogos e reflexões, venho tentando reunir a porosidade de informações acerca do que é o ser localizado na seca subjetiva, no sertão mental e no coronelismo corporal embaixo de um sol que frita nossa razão. Passo a perceber que a natureza nordestina percorre veias distintas, digere frutos desconhecidos e é alimentada por outra fonte de nutrição, o que nos torna algo que ainda nem sabemos o que é. No entanto, o FM RebelDIA nos deu a clareza de nos perguntarmos quem nós somos e o que

estamos fazendo neste lugar, mas, sobretudo, as perguntas pertinentes seriam o que é este lugar e o que estamos fazendo para, então, chegar no entendimento de procurar um método que não seja um método limpo, mas um método alquímico que define nossa miséria e, ao mesmo tempo, define nossa força de resistência subalterna munida de prolixidade miscigenada, de analfabetização recente, de afetividade rebelde e de nosso ser-gambiarra que emerge dentro de nossos corpos fazendo ebulir a marginalidade de uma cidade-duna.

1. Informações retiradas do artigo "Natal e a II Guerra Mundial: Crônicas sobre a cidade", de Giovana Paiva de Oliveira. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0418.pdf>>.
2. Esculpido em 1501 pelo Reino de Portugal no litoral do que hoje chamamos Rio Grande do Norte, tinha a finalidade de atestar o domínio português sobre as praias do que se convencionou chamar Brasil. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Marco_Colonial_de_Touros>.



JOTA MOMBACA É O NOME ARTÍSTICO DE JOSÉ GILBERTO ALVES DE SOUSA JÚNIOR, RESIDENTE EM NATAL/RN, ESCRITOR, PERFORMER E PESQUISADOR. TEM COMO ÁREAS DE INTERESSE: PERFORMANCE, BIOPUNK, GÊNERO, SEXUALIDADE, POÉTICAS DA EXISTÊNCIA, MICROGUERRILHAS, POLÍTICAS MONSTRUOSAS ARTIVISMO, INSTAURAÇÕES URBANAS, CRISES, DESMILITARIZAÇÃO CORPORAL; SUBTEORIAS, SABERES SUBALTERNOS E MINORIAS.

EXERCÍCIOS PARA INSTALAÇÃO DE OBRA DE ARTE NA COPA DO MUNDO

Carol Barreiro # Brasília

EXERCÍCIO NÚMERO I

19 de abril de 2014. Alô. Oi. Rodoviária do plano piloto. Gostaria de saber a possibilidade de instalar uma obra de arte na rodoviária. Estamos em reforma. Para os jogos da Copa? Também. A instalação seria durante os jogos da Copa. Sim. Possivelmente a reforma não estará pronta. Tudo Bem. A obra de arte é feita com lixo eletrônico. Funarte. E por que não fazem na área externa da Funarte então? Impossível, estará fechada para os jogos da Copa. A rodoviária também? Não, a rodoviária nunca. Algum impedimento para a instalação de obras de arte por parte da Copa? Ainda não, somente a reforma que ainda estará acontecendo pelo jeito. Por favor, me passe seus dados que lhe envio o termo de solicitação. Ok. Aguardo resposta.

EXERCÍCIO NÚMERO II

20 de maio de 2014. E-mail. Caixa de entrada: Não receberemos propostas de eventos, instalação de obras de arte e outras atividades culturais devido à Copa do Mundo. Alô. Oi. Boa tarde. Faz um mês mais ou menos que entramos em contato com vocês e não havia nenhum impedimento para utilizar o espaço da rodoviária e agora..... É, agora estamos impedidos de executar qualquer atividade cultural. Impedidos? Sim. Atividade Cultural? É, rebulição, movimentação, agrupamento, irradiação, qualquer termo que imprima o sentido de ação. Nossa ação seria uma instalação sabe, lixo eletrônico, videoarte, objetos somente. Mas, indiretamente, opera desestabilizando o espaço público, isso age. O nosso objeto age, por isso a impossibilidade? Sim e qualquer reclamação entre em contato com a ouvidoria. Obrigado. Boa ação. Boa tarde.

EXERCÍCIO NÚMERO III

23 de maio. Olá. Boa Tarde. A administradora se encontra? Não. Há algum telefone que eu possa falar ? Não. E-mail. Sim, esse aqui. À administradora do Setor de Diversões Sul, vulgo CONIC. Vimos pelo presente expor e solicitar a vossa senhoria espaço na plataforma superior do CONIC para colocação de uma obra de arte do projeto nacional Copas. PS: nossos objetos agem, vocês estão permitindo ações de objetos durante a Copa do Mundo?

EXERCÍCIO NÚMERO IV

20 de junho de 2014. Museu Nacional Honestino Guimarães. Olá, temos urgência, nosso projeto age por objetos, aglomera, mas não foi exposto ainda, é só um rabisco, uma ideia, mas precisa acontecer. Sim, já foi aprovado. É um grande paradoxo que a ação foi viabilizada e aprovada em um edital público, mas não conseguimos o espaço público. Bom, estamos com uma exposição que estreia dia 11 de junho, vocês podem entrar e participar na área externa. Ok, fechado.

EXERCÍCIO NÚMERO V

Brasília, 11 de junho de 2014. Telões. Televisões pela cidade. Imagens. Monumentos. A festa se prepara para ser cidade. Línguas outras. Turismólogos, etnólogos, capatazes, detetives. Ninguém sabe, todos fingem não saber. Antiterrorismo. Esplanada dos Ministérios: local onde estava fixado o Tatu Bola, símbolo da Copa do Mundo, que no ano de 2012 foi morto a fachadas em praça pública, no centro de cidade estranha, jardins suspensos, área administrativa, eixo organizacional, setor de diversões FIFA, lote 6, quadra 2014, casa 14.

13:00 h, estamos na rodoviária, marco zero da capital. Grande fluxo de pessoas, horário de almoço, alguma excitação coletiva se embarça entre o feriado de amanhã e a correria de hoje. Confirmado, hoje à noite age o objeto. Andamos até o Museu Nacional Honestino Guimarães. Esperamos estrategicamente o melhor horário para colocar o lixo eletrônico. A noite. Esperamos pela noite.

EXERCÍCIO NÚMERO VI INSTALAÇÃO COPA DOS FUNDOS

Na copa se come. Ao lado, a área de serviço. A copa é nos fundos. Uma videoarte de 15 minutos é feita a partir da expiração dos procedimentos sociais, territoriais e afetivos que coube ao pacote brasileiro da Copa do Mundo. Por meio de falas de autoridades, patrocinadores, imagens diversas dos últimos acontecimentos, como a tomada dos espaços públicos, a literatura midiática do “retorno dos vândalos”, os despejos compulsórios, as modificações urbanas, entre outros e muito mais, o vídeo mostra a copa dos fundos e não senta na mesa do jantar. Em Brasília, os fundos são altos, comer é caro, andar mais ainda. A rodoviária fica na mesma linha do corredor monumental dos ministérios, marco zero diz o urbanismo, Brasília começou nos fundos. Nesse começo de tudo, a maravilha da mobilidade urbana é feita a pé por aqueles que dependem do transporte público. Amontoados no congestionamento humano do marco zero, a rodoviária tem o seu monumental desenrolar de fatos, lá se encontra exclusivamente o setor de movimento urbano, a copa de Brasília. Formando uma instalação com lixo eletrônico composta, basicamente, por 8 telas de computador em vídeo wall, a transmissão é um loop de 15 minutos do vídeo produzido pelo C.O.P.A.S Brasília. Alternando entre a composição que forma uma só imagem em todas as telas, e a transmissão de imagens específicas em cada tela. Instalada na área externa do Museu Nacional, a caminho da

rodoviária, o telão Copa dos Fundos ironiza o acontecimento emblemático que é a Copa do Mundo, atualizando a convulsão anterior que se deu por meio dos inúmeros acontecimentos midiáticos, sociais, territoriais e afetivos, o vídeo revira a copa e mostra os fundos.

EXERCÍCIO NÚMERO VII

Em Brasília, 17 horas. Na tarde do dia 12 de junho de 2014, foram abertos os portões para o espetáculo mundial da tão esperada Copa do Mundo. As ruas de Lúcio Costa abrigam obrigatoriamente o novo Estado, instaurado com as vestes do nacionalismo desportivo. Os patrocinadores, em suas logos, coloreem suas lógicas disfarçadas de festa. As escolas não tiveram aulas. Os funcionários públicos vão para a casa mais cedo. Os telões para a exibição dos jogos caridosamente transmitem a partida para aqueles que não podem se dar ao luxo de ir ao estádio. A tradicional crackolândia é resumida a fórceps. A Força Nacional galopa com suas armas supostamente não letais. Alguma convulsão popular se prepara em ameaça. O medo pode ser sentido de perto. Ambulantes fixam-se na pequena área onde possa haver comércio. Na rodoviária, os ônibus somem. Taxistas consomem turismo. Helicópteros sobrevoam o Planalto Central. Ao fundo do cenário dessa estranha festa, Niemeyer, ostensivo e monumental, finca o congresso junto ao horizonte, no Museu, uma estranha instalação sugere uma convulsiva ação de um objeto, telas empilhadas, lixo eletrônico e imagens que não param, o corredor de Ministérios tem, agora, homens de preto fingindo-se invisíveis, a segurança pública se esconde do público e protege o quê?

CAROL BARREIRO É DANÇARINA, ATRIZ, PERFORMER. ATUA COM INTERVENÇÕES URBANAS, PALESTRAS-PERFORMANCES E APRESENTAÇÕES EM FESTAS E EVENTOS COMO O PROJETO TUBO DE ENSAIOS. DESDE 2008 ATUA COM DANÇA CONTEMPORÂNEA E FAZ PARTE DO PROJETO DISSEMINAÇÃO COM TATO. DESENVOLVE INVESTIGAÇÃO DAS ARTES MARCIAIS CHINESAS. ATUALMENTE TRABALHA COMO PROFESSORA DE ARTE NA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO GDF E PESQUISA A RELAÇÃO ENTRE FILOSOFIA E PERFORMANCE.



The event of the FIFA

FRAME DO VÍDEO COPA DOS FUNDOS DE CAROL BARREIRO

World Cup in Brazil:





ECOS QUE CHEGAM

ELOS QUE SE ROMPEM

OBRAS QUE RUEM

COMO RUÍNAS DE UM TEMPO

RUÍNAS DE UM SISTEMA QUE

TEIMA

NÃO OUVIR, NÃO FALAR, NÃO

DISTRIBUIR, NÃO SE

ABRIR

ECOS QUE VOAM

COMO PALAVRAS QUE QUEIMAM

OS QUE TEIMAM

OUVIDOS MOUCOS FAZEM

OS QUE

OUVEM POUCO E APENAS POUCOS

LOUCOS FILHOS DA GULA DA FIRULA DO JOGO

QUE SE ENCENA MAL E PORCAMENTE

VENDEM JOGOS DA SENA

NUMA LOTERIA HISTÉRICA E INSANA



O REI ESTÁ NU

Eduardo Ferreira + Fabrício Barbosa + Caio Mattoso # Cuiabá







PENSADORES DA COPA

Evocando Marcel Duchamp, lançamos o trono para ouvir a voz do povo.

Um ladino qualquer grita em alto brado:
O rei está nu.

Solitário, ele pensa que existe. Só existe um poder: o poder do povo. Está sacramentado. O resto é jogo pra inglês ver. O povo está no centro. O cetro rola de mão em mão. Poder que é poder não se constitui, ele passa, corrida maluca, revezamento sem medo de ser feliz. Poder cansa. Sai logo. Pede licença, já deu sua contribuição. Agora, mudou o lugar.

É preciso refletir. Corte: campinho de pelada 15 x 15 m, traves com dois passos de largura, pau torto, pé torto domina, invade a área. É golaço. Futebol na raiz é essencial no pé desse Zé. Na periferia do futebol business, esse ladrão por onde passam caravanas inteiras de senhores, enquanto os cães dormem vadios de barriga cheia e com a cabeça nas alturas.

Penso, logo desisto.
Penso, logo resisto.

Penso, logo insisto: caralho, a Copa tá lá na Arena e eu aqui pagando a conta pra festa desses bacanas. Isso num tá certo. Sorri o cara sem dentes, de sorriso verde e amarelo, pintado nas cores nacionais do país brasilis pra elite assistir de seus camarotes arrotando pseudossabedoria porcamente ilustrada com histórias baratas surfando nas ondas dos novos ricos de ocasião. Diz o dito popular: a ocasião faz o ladrão.

Larápios disfarçados, rondando ao redor. Please. Não chores por mim, Argentina. Dieguito, yes, nós temos Ronaldos de montão, imbecilizando o jogo, tornando a coisa mais feia do que parece. No país dos bananas, quem tem um Ronaldo é rei. Caraca, bota o Ronaldo no trono. O rei está nu.





PENSO, LOGO DESISTO

PENSO, LOGO RESISTO

TEXTO: EDUARDO FERREIRA
PERFORMANCES: FABRÍCIO BARBOSA + CAIO MATTOSO

EDUARDO FERREIRA É ARTIVISTA MULTIMÍDIA. ATUA NA LITERATURA, MÚSICA, AUDIOVISUAL, TEATRO, JORNALISMO E POLÍTICA CULTURAL. NASCIDO EM GUIRATINGA, MATO GROSSO, EM 28 DE SETEMBRO DE 1961. AUTODIDATA EM ARTES & CRIAÇÕES. GANHOU DIVERSOS PRÊMIOS E PARTICIPAÇÕES EM PROJETOS CULTURAIS.

FABRÍCIO BARBOSA É ATOR, MÚSICO, COMPOSITOR E PRODUTOR CULTURAL. UM DOS IDEALIZADORES DO PROJETO SARAU FREE QUE PROMOVE INTERVENÇÕES URBANAS, PERFORMANCES, INSTALAÇÕES, VÍDEO-PROJEÇÕES EM SEU LABORATÓRIO LIVRE.

Em 2007, o Brasil foi confirmado junto à FIFA como sede da Copa Mundial de Futebol de 2014. Em 2009, foram definidas as doze cidades-sede para os jogos. Em 2010, os entes públicos e privados assinaram a “Matriz de Responsabilidades” do megaevento. Durante esses anos, o desejo pela Copa parece ter convergido, de maneira difusa, para a aclamada “paixão pelo futebol” enraizada no inconsciente coletivo do povo brasileiro. Ninguém sabia das condições contratuais entre Brasil e FIFA, ou melhor, a maioria do povo não sabia, os que assinaram sabiam. Mas com os preparativos para a realização da Copa em curso, com os debates crescentes e maior conscientização da população sobre “as regras do jogo” e “os meios para se chegar aos fins”, a objetividade dos fatos foi revelando o acontecimento como algo cada vez mais supérfluo, caro e problemático, passou a implicar em perda de direitos da população, violação de direitos humanos, desvio de função pública, corrupção. Ratificando acordo entre o Brasil e a FIFA, a *Lei Geral da Copa* sancionada pelo governo brasileiro validou regras de exceção que afrontam inclusive a própria Constituição nacional.¹ Críticas à Copa começaram a reverberar com intensidade a partir das manifestações de rua no Brasil em junho de 2013, inclusive com o surgimento, no país, das ações radicais dos *black blocs*.

A aposta do governo brasileiro foi usar a Copa como um catalisador do progresso, aproveitando o momento para fortalecer a imagem de um país em processo de consolidação de sua posição no cenário mundial. Os investimentos públicos (federais, estaduais e municipais) nas cidades-sede visando a Copa foram pautados em obras de infraestrutura, mobilidade urbana e estádios,

instrumentalizados pelas linhas de financiamento federal do PAC da Copa (Plano de Aceleração do Crescimento) junto ao BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento). As obras seriam os legados da Copa, benfeitorias de interesse público oportunizadas pela realização do evento (mas custeadas em quase sua totalidade por recursos estatais). Muitos dos projetos representam demandas urbanas antigas, mas precisaram do alibi da Copa para encontrar alguma perspectiva de realização, fato que evidencia também a fragilidade e falta de prioridade das políticas públicas. Entretanto, com o encurtamento dos prazos, reduziram-se significativamente as metas, e as obras passaram a ser basicamente estádio, aeroporto e vias de trânsito entre um e outro, ou seja, ações direcionadas antes ao turista estrangeiro do que para atender as necessidades do cotidiano urbano das cidades. O “legado” encolheu, mas os estádios estouraram os orçamentos. Um legado de estádios para o povo.

Mesclada ao panorama geral, ganha ênfase em Curitiba essa redução de benefícios urbanísticos à população em prol do atendimento das expectativas turísticas, com as ações tendo se concentrado basicamente no eixo Estádio/Rodoferroviária/Aeroporto. Mais discrepante ainda se torna todo o imenso esforço político e econômico (e suas conturbadas soluções administrativas) tendo em vista a curta agenda da Copa na cidade: quatro jogos (da primeira fase) em dez dias.

Expansão do aeroporto e o realocamento de moradores

Sobre o Aeroporto Internacional Afonso Pena (em São José dos Pinhais, Região

Metropolitana de Curitiba), pode-se dizer que há uma demanda reprimida já há um bom tempo para ampliação da capacidade de aeronaves, de passageiros e de transporte de carga. O dinheiro da Copa busca suprir principalmente as necessidades relacionadas à ampliação do pátio para aeronaves e da capacidade de passageiros. É uma verba que chega tardiamente, mas será em parte “celebrada” como um feito da Copa. As soluções para aviação de carga foram proteladas para 2018, atreladas a outra linha de financiamento federal, o PAC 2, e envolverá a construção uma terceira pista mais extensa para pouso e decolagem de aeronaves.² Essa nova pista incidirá na desapropriação complementar de cerca de 480 imóveis no entorno do aeroporto³ e, entre a população impactada pelo projeto, há uma situação complexa de indenização e realocamento de cerca de trezentas famílias (mil pessoas) da Vila Costeira.⁴ Ainda que essa empreitada transcenda o vínculo com os investimentos da Copa, seu planejamento corre em paralelo às obras em curso no aeroporto. Como o decreto de desapropriação da área feito pelo Governo do Estado em 2011 não delimitou com exatidão o terreno pretendido, considerando ainda a falta de publicização de informações oficiais sobre o andamento do projeto e a ausência de busca de diálogo do poder público com a comunidade no sentido de esclarecer a real abrangência territorial da obra, os moradores locais vivem num clima de tensão e insegurança. O momento tornou-se estratégico para ratificar os legítimos direitos de propriedade da comunidade, visando indenizações e condições dignas de moradia diante das desapropriações iminentes.

Dinheiro público em estádio privado, para benefício privado

Sobre o dinheiro público investido no estádio privado da Arena da Baixada (estádio Joaquim Américo) pairam os maiores atos de desvio político, ilegalidade e imoralidade

entre as ações locais visando o megaevento. A escolha do estádio não atendeu a um critério técnico de vocação urbanística, desenvolvimento urbano ou de integração facilitada à malha viária, fatores esses que levariam à definição do Complexo Poliesportivo Pinheirão como sede local, mesmo que os custos de reconstrução da obra fossem mais altos que os da Baixada e mesmo que sua administração fosse pública, ou licitada à iniciativa privada.⁵ Em 2007, a indicação da Arena foi justificada unicamente por critérios econômicos, porque os valores investidos para requalificação e ampliação do estádio seriam (a princípio) mais baixos que qualquer outra opção e o investimento seria privado. Pois não caberia ao Estado gerenciar estádios, assim como não caberia ao Estado investir em obra privada. Mas, em 2010, 2/3 do orçamento passou a ser de responsabilidade do município e do estado. Um orçamento que cresceu vertiginosamente durante a realização da obra, e cuja estimativa inicial foi posteriormente definida como um “chute” pelo próprio secretário especial da Copa em Curitiba.⁶ Para viabilizar a obra, uma importante Lei Municipal – Lei do Potencial Construtivo – foi distorcida em sua função original de preservar imóveis de interesse histórico, arquitetônico e ambiental em troca da licença dada ao proprietário para edificar, em zonas territoriais predeterminadas pela municipalidade, construções com maior número de andares do que o permitido pela Lei de Zoneamento Urbano, gerando assim uma moeda de troca com as empreiteiras. Visando lastrear com garantias patrimoniais o Clube Atlético Paranaense (ou melhor, a CAP S/A, empresa criada pelo clube especificamente para gerenciar a obra) para que ele pudesse acessar os vultosos empréstimos pleiteados junto ao BNDES, a Prefeitura emitiu uma grande quantidade desses títulos em nome do clube, justificando a outorga pelo “interesse público” na conclusão do estádio. Os apressados ajustes na legislação foram aprovados na Câmara de

Vereadores e ratificados em Decretos pela Prefeitura. A complexa engenharia financeira envolvida não só deturpou o propósito original da lei como gerou uma concorrência desleal entre os títulos disponíveis no mercado, pois a prioridade do poder público orientou-se ao levantamento de fundos para o estádio e não mais para o interesse preservacionista. E havia ainda uma obrigação legal pendente: a exigência de contrapartidas sociais do Atlético. Entretanto, desconsiderando os critérios norteadores da regulamentação da lei, outras ações de contrapartida foram estipuladas, as quais, antes de representarem objetos de real compensação urbanística ou social para Curitiba, insinuam benefícios extras de marketing ao próprio clube. Todas essas operações sobre a lei escancararam o investimento público em benefício do interesse privado. Em nenhuma hipótese, esse instrumento legal poderia ser aplicado no caso do estádio do Atlético, pois a situação em nada se enquadra nos propósitos e balizas da lei em questão. Mas o ilícito foi forçado a parecer legalidade. Análises detalhadas sobre o contexto jurídico, econômico e político relacionados à adequação da Arena da Baixada à Copa encontram-se nos textos “Perversão de instrumentos urbanísticos em prol dos megaeventos esportivos: o financiamento das obras da Arena da Baixada”, e “Reforma e ampliação do estádio Joaquim Américo do clube Atlético Paranaense”, ambos de autoria de Júlia Ávila Franzoni e Rosângela Marina Luft.⁷

Ainda que a resposta parecesse óbvia, vereadores da oposição solicitaram ao Tribunal de Contas do Estado (TCE) um parecer formal sobre se os títulos de Potencial Construtivo eram mesmo dinheiro público.⁸ Uma solicitação redundante mas necessária, pois o dinheiro para o estádio estava sendo administrado havia meses como se fosse verba privada. A consulta ao TCE ocorreu após um caso de

denúncia de nepotismo na gestão da obra feita por um dirigente do próprio clube.⁹ O óbvio foi ratificado num parecer oficial e unânime do TCE¹⁰ (órgão que, por sinal, desaconselhou por três vezes o repasse de verba pública do Estado ao clube).¹¹ Confirmado que os títulos públicos eram dinheiro público, e estavam sendo investidos em obra privada, mecanismos de transparência na gestão da verba foram exigidos. Uma CPI da Copa (Comissão Parlamentar de Inquérito) foi instaurada na Assembleia Legislativa do Paraná (Alep) para averiguar as irregularidades, inclusive as denúncias da concorrência pública em que a empresa do próprio filho do presidente do Atlético e da CAP S/A foi a selecionada para fornecer assentos ao estádio. Em depoimento aos deputados estaduais na Alep, o presidente do clube justificou a escolha por ser a melhor proposta com produto “de luxo”. Deu sua palavra de que eventuais estouros no orçamento seriam bancados pelo clube, sem a necessidade de novos empréstimos junto ao BNDES. Os deputados aplaudiram o dirigente(!).¹² O estádio, a essas alturas, final de 2012, já custava R\$ 184,6 milhões, quase R\$ 50 milhões a mais do que o acordado em 2010. Mas novos empréstimos foram solicitados, acumulando custos até os atuais R\$ 330 milhões. O clube não quis assumir a conta sozinho. Se, diante da palavra do presidente do Atlético, a CPI da Copa começou a se dissolver, ao dissolver-se a própria palavra do dirigente a CPI não haveria de se reinstaurar? Por ora, não se tem notícia disso. Aplausos ecoam na memória. E nessa época nem se sabia que dinheiro público para finalidade específica de construção de estádio seria usado para compra de jogador.¹³ Aplausos! De fato, passado o episódio da CPI, a administração da obra continuou privada, apesar da continuidade da falta de transparência e de novas irregularidades. O presidente do Atlético-PR tornou-se “um dos mais importantes gestores de dinheiro público no Estado. Sem ter sido eleito, sem ter mandato

ou sequer ter sido nomeado para cargo público”.¹⁴ Somente depois da conclusão de cerca de 90% do estádio é que houve a intervenção administrativa de uma comissão técnica visando transparência e maior eficiência no uso dos recursos.¹⁵ Apesar dos pareceres e recomendações do Tribunal de Contas – que haveriam de ter sido a justificativa da intervenção –, essa só foi implementada, tardiamente, devido a um ultimato da FIFA para acelerar a conclusão da obra, sob o risco de exclusão de Curitiba da Copa, situação quase efetivada e que geraria prejuízos econômicos a todos os parceiros brasileiros, principalmente ao poder público.

A paixão futebolística imbrica-se na política e talvez não seja mera coincidência a conjuntura de preferências clubísticas de algumas autoridades na época da escolha e ratificação do estádio local.¹⁶ Inclusive o secretário especial da Copa em Curitiba é membro do Conselho Deliberativo do clube.¹⁷ Ao citar novamente o secretário, vale lembrar também sua polêmica declaração ao defender o calote da dívida do clube junto ao BNDES.¹⁸

Em 2007, os políticos brasileiros prometeram que não haveria nenhum recurso público investido em estádio.¹⁹ Hoje, os doze estádios da Copa custam 8,9 bilhões, sendo R\$ 7,4 bilhões o valor dos estádios estatais, entre os quais os recordistas de gastos Mané Garrincha (em Brasília) e Maracanã (Rio de Janeiro), somando perto de R\$ 2,6 bilhões e figurando na lista dos dez estádios mais caros do mundo.²⁰ Quatro deles são potenciais elefantes brancos, pois provavelmente não terão público para os tornar rentáveis (Brasília, Manaus, Cuiabá e Natal). Para fechar a conta, R\$ 1,5 bilhão refere-se aos três estádios privados, inclusive os dois “mais baratos”, Beira Rio (do Internacional, em Porto Alegre) e Arena da Baixada (do Atlético, em Curitiba), à cifra de R\$ 330 milhões cada. A Arena Corinthians

(em São Paulo) saiu por R\$ 840 milhões. Mas os estádios privados também receberam investimentos públicos, direta ou indiretamente. Além das condições especiais de crédito do PAC da Copa junto ao BNDES (banco público) – o BNDES ProCopa Arenas – com juros abaixo do padrão do mercado e garantia de até quinze anos para pagar, com três anos de carência, os clubes estão isentos também de diversos impostos: IPI, PIS/Pasep, Cofins e taxa de importação na compra de equipamentos e contratação de serviços.²¹ E essas isenções, carências e créditos especiais significam subsídios públicos. Além disso, houve o lastreamento de empréstimo junto ao BNDES com uso de títulos públicos nos casos dos estádios do Corinthians (CIDs – Certificados de Incentivo ao Desenvolvimento) e Atlético-PR (outorga onerosa do direito de construir/solo criado/Lei do Potencial Construtivo), e participação de outros bancos estatais em relação ao Internacional (Banco do Brasil e Banrisul – Banco do Rio Grande do Sul) e Atlético (Agência de Fomento do Paraná). Assim, todos os R\$ 8,9 bilhões podem ser juntados na ruína daquela promessa de 2007, quando estado não era estádio. E o valor é quase a terça parte da atual estimativa de custo geral da Copa, R\$ 30 bilhões.²² É goleada, doze estádios engasgados na goela!

Em 2009, o legado da Copa em Curitiba representaria R\$ 9 bilhões de investimento. Hoje as cifras recuaram para cerca de R\$ 1,5 bilhão, considerando as obras de mobilidade, aeroporto, estádio e entorno do estádio.²³ Em 2009, o estádio sairia por R\$ 69 milhões, representando 0,6% daquele montante, e seria um investimento privado. Hoje, ao custo de R\$ 330 milhões, a obra representa mais de 22% do total investido em Curitiba, sendo que R\$ 123 milhões ou R\$ 226,4 milhões são aportes de dinheiro público. A variação deve-se a diferentes interpretações do acordo entre poder público e clube. Ao incluirmos nessa conta os R\$ 260

milhões²⁴ investidos diretamente pela Prefeitura no entorno da Arena, o dinheiro público motivado pelo estádio varia entre 25,5% e 32,4% dos recursos da Copa na cidade. Mas considerando que mesmo a cota do estádio a ser paga pelo clube também é um financiamento público e somando os valores do estádio e das obras do entorno, os R\$ 590 milhões resultantes representam quase 40% do PAC da Copa em Curitiba. Também já foram repassadas para o ônus público algumas estruturas provisórias para a Copa que eram antes de responsabilidade dos clubes.²⁵ E a cota de participação estatal nessa conta ainda pode aumentar. A incerteza sobre o quanto do estádio local está sendo pago pelo Estado traduz a própria obscuridade do acordo feito e dos relatórios de contabilidade em curso. Localizar o valor exato requer uma garimpagem na engenharia financeira da obra. Se os estádios no Brasil estão 300% mais caros que o estimado entre 2007 e 2009,²⁶ pelo mesmo parâmetro o custo da Arena da Baixada explodiu mais de 478%. Mesmo se a referência fosse 2010, quando o estádio custava R\$ 135 milhões, o estouro seria de mais de 244%. O estádio é a obra mais cara da cidade no PAC da Copa, seguida do aeroporto, R\$ 286 milhões. E isso tudo é, como dito, somente estimativa atualizada. Depois de pronta, a Arena será desapropriada e alugada à iniciativa privada para restituição ao erário?

Se o chute do orçamento do estádio foi o pontapé inicial da Copa em Curitiba, o calote da dívida poderá ser o gol de placa do Atlético. Os atleticanos dirão que as críticas não passam de inveja dos rivais, talvez sugerindo aos outros serem mais eficientes na busca de alguma isonomia da imoralidade. Não se trata de argumentar que futuramente o clube vai honrar suas dívidas com o BNDES, como uma empresa qualquer, inclusive porque o luxuoso estádio terá potencial de alta rentabilidade (para o clube).²⁷ A questão é que a operação foi

imoral e ilegal. Todos são inocentes até que se prove o contrário, porém, diante do acúmulo de tantos fatos, não há inocência que sobre. Torna-se razoável visualizar um calote futuro do clube, ou um calote parcial, que já seria lucro. “O jogo da política é muito pesado, muito sujo”, disse recentemente Joaquim Barbosa, ex-presidente do STF (Supremo Tribunal Federal), enunciando uma verdade pertinente também ao contexto aqui em questão.²⁸ Orçamentos imprecisos com custos subestimados e benefícios superestimados fazem parte de uma lógica de política econômica para aumentar a probabilidade de um projeto parecer mais atraente que outro, visando ser selecionado para receber financiamento. Isso é chamado de “deturpação estratégica”.²⁹ Essa parece ter sido a cartada do Atlético em 2007, quando a reforma e conclusão de seu estádio sairia uma bagatela (comparada com outras alternativas) e seria custeada com dinheiro do próprio bolso. O moderno estádio já estava quase pronto, dizia-se. Agora o estádio é o mais atrasado para ser concluído. Otimismo ou deturpação estratégica? Não adianta chorar o orçamento estourado. Entretanto ainda se pode questionar toda a engenharia político-econômica na justiça.³⁰

Sendo um dos maiores beneficiados do megaevento em Curitiba, se não o maior, o Atlético autodeclara-se como o mártir que viabilizou a vinda da Copa para a cidade, abrindo caminho para “o legado”. A inversão de valores também funda o discurso dos parceiros: quando os erros são muitos e compartilhados, resta às autoridades nomear o erro como ouro e forjar a opinião pública com muita publicidade e pompa: o estádio está sendo chamado até de “a obra do século”.³¹ E será inaugurado no aniversário da cidade. Um presente de grego do Atlético para seus conterrâneos, o Cavalo de Troia por onde vazam os recursos públicos do município e do estado. A benevolente homenagem estaria sendo debitada das contrapartidas sociais do clube?

Empreiteiras da Copa: metendo a mão na grana sem sujar as mãos, mãos à obra

Voltando, enfim, ao legado encolhido da Copa em Curitiba – aeroporto, estádio e vias de trânsito entre um e outro. Em relação às demais obras, entre as que ainda estão em curso, todas tiveram alterações em seus projetos e revisão para cima de seus custos. Além de estarem todas atrasadas: Estádio, Aeroporto Afonso Pena, Corredor Rodoferroviária-Aeroporto, Rodoferroviária, Av. Marechal Floriano, Vias de integração radiais metropolitanas, Sistema Integrado de Monitoramento Urbano, Extensão da Linha Verde Sul, Alça de Integração da Av. Salgado Filho e Terminal Santa Cândida. Entre as obras excluídas do PAC da Copa por não conseguirem se adequar à agenda do financiamento, estão: Metrô, Anel Ferroviário, Corredor Metropolitano, Av. Visconde de Guarapuava e Av. Cândido de Abreu. Boa parte desses projetos urbanísticos vêm sendo amadurecidos há anos. Do pacote da Copa, o metrô seria a obra mais expressiva, mas também foi realocado para o PAC 2: o maior legado do megaevento foi subtraído. Projetos que poderiam significar uma distribuição descentralizada dos recursos em obras mais bem integradas com a região metropolitana de Curitiba foram despriorizados.³²

Dentre as obras de infraestrutura viária em curso, a mais polêmica é o Corredor Rodoferroviária-Aeroporto, principalmente pela inclusão de um “adendo” ao projeto, um viaduto estaiado, elevando em mais de 1.000% os custos, para cerca de R\$ 145 milhões. Um significativo adendo. Para o consórcio de empreiteiras responsável pela obra, foi um bem-vindo upgrade de valor. Discute-se a necessidade de construir esse modelo de viaduto – apropriado para vencer grandes vãos – ou se a opção foi balizada pelo desejo de um novo cartão-postal para a cidade, justamente na via de chegada dos turistas. A ponte estaiada custa vinte viadutos

comuns e seus 254 metros de extensão saíram mais caro que os 3,6 km da maior ponte fluvial do Brasil, a Ponte Ayrton Senna sobre o rio Paraná, entre Guaíra/PR e Mundo Novo/MS(!).³³ Menos cartão-postal e mais política pública: a obra acirra a discussão sobre o investimento público nos modos de mobilidade urbana na cidade, pois outros projetos seriam prioritários no atendimento das demandas do transporte local, como o aprimoramento do transporte de ônibus ou investimentos em ciclovias e ciclofaixas, sistema com potencial extraordinário de efetivação em Curitiba, mas ainda desprestigiado pela administração pública, excessivamente refém da política automobilística.

A reforma e a ampliação da Rodoferroviária também incitam discussões tendo em vista as limitações espaciais do entorno urbano, com sua rede viária já bastante congestionada e localizada muito próxima ao centro, indícios de que a obra pode ter curta vida útil. Questiona-se se não teria sido mais proveitoso usar os recursos para construir uma nova rodoviária em outro local.³⁴ Além disso, os antigos comerciantes que atuavam ali durante décadas perderão seus espaços de trabalho para novos comércios a serem licitados.³⁵

Uma cartografia crítica dos investimentos da Copa em Curitiba

Os processos de desapropriações deflagrados pela Copa em Curitiba não têm ocasionado grandes impactos sociais como o visto em outras cidades brasileiras: treze imóveis na Vila Torres (Trincheira da Rua Guabirotuba) e outras 33 desapropriações parciais na Av. Coronel Francisco H. dos Santos (viaduto estaiado), ambas as ações relacionadas ao projeto do Corredor Rodoferroviária-Aeroporto;³⁶ dezesseis imóveis ao redor do estádio e quatro desapropriações na obra da Av. Salgado Filho. Ainda que os contingentes



populacionais possam não ser tão expressivos, violações de direitos têm ocorrido, como no caso da desapropriação forçada do entorno da Arena visando benefício particular (estádio privado).³⁷ Tem-se também o citado caso da Vila Costeira (trezentas famílias) e outras vilas do entorno do aeroporto em relação ao projeto de construção da terceira pista para pouso e decolagem, em processo indiretamente vinculado à Copa. Em todos os casos citados, outra violação de direitos é a sonegação de informação aos moradores por parte da administração pública. O fato de algumas obras inicialmente previstas terem sido retiradas do PAC da Copa aliviou a pressão da desapropriação sobre outras comunidades, como as localizadas em área do projeto do Corredor Metropolitano, um anel viário interligando seis municípios ao redor de Curitiba, com extensão de mais de 79 km e que impactaria sobre as propriedades de cerca de mil famílias.³⁸ O adiamento da obra oportuniza novo debate sobre o melhor traçado da estrada, visando também reduzir potenciais prejuízos sociais e ao meio ambiente, deslocando a discussão unicamente de critérios financeiros e de urgência de realização.

Num momento em que o Estado do Paraná tem feito cortes de investimentos em saúde, educação e até mesmo segurança pública,³⁹ é inevitável a indignação diante da alocação de recursos públicos em estádio privado e em prioridades da Copa. Mesmo se restringíssemos o foco somente ao parâmetro econômico, pergunta-se por que não se investiram os R\$ 590 milhões vinculados ao estádio para buscar efetivar de vez e de forma justa as desapropriações complementares para o aeroporto? Os recursos seriam mais que os 300 milhões necessários para tal fim.⁴⁰ Afinal, faz trinta anos que se discute a necessidade “estratégica e prioritária” de construção da tal terceira pista. E ainda sobriam recursos para fazer três pontes rodoviárias

ou uma rodoferroviária de ligação do Paraná com Mato Grosso do Sul. O Estado diz que não tem dinheiro para desapropriações. Mas tem para estádio. Então até mesmo as prioridades econômicas foram despriorizadas em nome da Copa. E o Porto de Paranaguá? As ferrovias? Os gargalos logísticos? E os investimentos em pesquisa? Moradia? Pequenos produtores agrícolas? Muito esforço político e muita grana na direção errada.

Além de um estádio para uso e benefício de um clube privado e de sua torcida, o megaevento deixa também como legado negativo o sentimento da perda do pensamento urbanístico estratégico como elemento relevante na definição das políticas públicas para Curitiba, algo que durante muito tempo fez parte do imaginário coletivo sobre a cidade. Pois cada vez mais a administração pública tem cedido ao imediatismo da pressão de partidos políticos e de interesses privados, afirmando uma agenda de realizações desalinhada com as demandas da cidade. Procedimento esse exacerbado na Copa: escolhas equivocadas de planejamento, investimentos de recursos em áreas já bem providas de infraestrutura, deturpação de lei destinada à preservação ambiental e da memória arquitetônica e urbanística.⁴¹

Manifestações críticas, denúncias, reivindicações e ações na justiça relacionadas ao megaevento na cidade ocorrem desde 2011, protagonizadas especialmente por entidades como o Observatório das Metrópoles, Observatório das Políticas Públicas do Paraná, ONG Terra de Direitos, todas articuladas no Comitê Popular da Copa de Curitiba, entidade vinculada à organização nacional de acompanhamento da realização da Copa no Brasil, o Comitê Popular da Copa (CPC). Organizado por essas iniciativas e publicado em dezembro de 2013, o dossiê Copa do Mundo e violação de direitos humanos em

Curitiba é o memorial documental mais abrangente e aprofundado de reflexão crítica sobre os preparativos do megaevento na cidade, incluindo abordagens a situações indiretamente a ele relacionados.⁴²

Com a insatisfação popular crescente em relação à Copa, o governo mudou seu slogan oficial direcionado ao evento esportivo: de “Pátria de chuteiras” para “Copa das Copas”.⁴³ Um novo marketing natimorto, pois essa já é a Copa do Mundo de Futebol mais cara da história, os estádios no Brasil são os mais caros de todas as Copas e nunca houve tanto recurso estatal envolvido. Ser campeão mundial de investimento público em estádio de futebol é um contrassenso à intenção da campanha.

Independente dos desfechos políticos, jurídicos e econômicos futuros em relação à Copa em Curitiba, o estádio é um exemplo de que o maior legado está a serviço do interesse privado. Sem falar que o valor dos ingressos para os jogos é para um público elitizado. Complementarmente, e totalmente dentro da lei, estão os lucros das empreiteiras; essas metem a mão na grana sem sujar as mãos, afinal, estão prestando serviço aos “interesses do país”. E se estádio de futebol é a prioridade do Estado, elas dirão: mãos à obra. Mas um ministro da República disse que “futebol é uma coisa, política é outra” e “quem tentar politizar ato na Copa ‘vai quebrar a cara’”.⁴⁴ Então está tudo esclarecido e o recado está dado. Alguém tem dúvida?

Vomitando slogans anti-Copa

Diante de tanto marketing, autoritarismos localizados, deturpações de leis, estádios de luxo feitos com dinheiro público, depois de a população ter tido de engolir na marra todo esse conjunto de equívocos políticos, num panorama que logo se evidenciou como irreversível – pois municípios, estados, Governo Federal, polícia e iniciativa privada



FOTOS: DANIEL LIMA

foram se imbricando num mesmo compromisso de realização da Copa –, proponho aqui para o projeto COPAS: 12 cidades em tensão alguns slogans anti-Copa, entre criações próprias e alguns selecionados de manifestações de rua e de matérias da mídia, frases sínteses de refluxo contextual a essa política de megaevento engasgada na garganta, vômito de palavras a demarcar mais uma dissonância em relação aos fatos:

**É GOLEADA, DOZE
ESTÁDIOS ENGASGADOS
NA GOELA**

ESTADO NÃO É ESTÁDIO

**OBRA PÚBLICA NÃO É
PRIVADA**

**ESSA É NOSSA LEI, ESSE É
NOSSO CLUBE**

**A REGRA DO JOGO É
JOGAR FORA DA REGRA**

**EMPREITEIRAS DA COPA:
METENDO A MÃO NA
GRANA SEM SUJAR AS
MÃOS, MÃOS À OBRA**

**COPA DAS COPAS: BRASIL,
A COPA MAIS CARA DA
HISTÓRIA**

COPA DAS TROPAS

**O LEGADO DA COPA:
VIOLAÇÃO DE DIREITOS**

**ENTRE O CHUTE NO
ORÇAMENTO E O CHUTE
NO TRASEIRO: A PÁTRIA
DE CHUTEIRAS**

**CORRUPÇÃO PADRÃO FIFA
ENFIAAFIFANOFIOFÓ**

Observação: epítelo póstumo

Este texto foi finalizado em 14 de março de 2014, cerca de três meses antes do início da Copa. Hoje, 7 de setembro, quase dois meses depois do encerramento dos jogos (ocorrido em 13 de julho), escrevo esta observação: a intensa mídia sobre a Copa, o frenesi popular pelo futebol, o clima de férias fora de época motivado pela agenda esportiva futebolística e, principalmente, a intimidação policial contra manifestações populares e as repressões que de fato ocorreram, tudo contribuiu para amenizar a onda de protestos que havia emergido um ano antes. As manifestações também ocorreram durante a Copa, mas foram em menor número, com menos participantes, e foram mais duramente reprimidas pela polícia. Não foram os manifestantes anti-Copa que politizaram a Copa, ela foi desde o início usada como instrumento político pelo governo. E a Copa e os protestos das ruas tornaram-se também munição para os partidos políticos de oposição ao governo e para a direita política em geral. Ainda assim, a Copa foi um sucesso na opinião do governo e da mídia. O Brasil parou novamente para assistir aos jogos de futebol. Paradoxalmente e contrariando as expectativas governamentais, a Copa

contribuiu com uma recessão econômica no ano de 2014, pois entre a injeção de recursos dos turistas estrangeiros e a baixa na produtividade e nas exportações, decorrentes dos feriados extras, o déficit prevaleceu.

1. <http://www.portalpopulardacopa.org.br/index.php?option=com_k2&view=item&id=246:lei-geral-da-copa-o-jogo-dos-7-erros>; <http://unisinios.br/blogs/ndh/2013/06/14/megaeventos-esportivos-no-brasil-quem-paga-a-conta>; <http://www.gazetadopovo.com.br/copa2014/conteudo.phtml?l=1&id=1451231&tit=Curitiba-cidade-Fifa>.
2. <http://www.gazetadopovo.com.br/economia/conteudo.phtml?id=1299133&tit=Carga-aerea-nao-decolou-antes-de-2016>.
3. <http://bandnewsfm.curitiba.com.br/2013/05/09/ampliacao-do-aeroporto-afonso-pena-desapropria-480-terrenos/>.
4. <http://terracedireitos.org.br/wp-content/uploads/2014/02/Dossie-da-copa-2014.pdf>.
5. O Complexo Poliesportivo Pinheirão havia de ser tido o estádio escolhido – ou ao menos ter seu terreno aproveitado para construção de um novo estádio –, pois: está localizado no bairro do Turumã, em área relativamente afastada do centro e que agrega outros aparelhos esportivos como o Jockey Clube do Turumã, a Sociedade Hípica Paranaense e o Ginásio de Esportes do Turumã, é servido de infraestrutura viária adequada (Av. Victor Ferreira do Amaral) e conectada a outras duas grandes vias rodoviárias locais – Linha Verde e Contorno Sul –, ambas também mais próximas e muito mais fáceis de serem integradas às vias de acesso ao aeroporto que as ruas do entorno da Arena da Baía.
6. <http://www.bemparana.com.br/noticia/302244/primeiro-orcamento-da-arena-foi-um-chute>.
7. <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/rdc/article/view/7865>; FRANZONI, Júlia Ávila; LUFF, Rosângela Marina (Org.). <http://terracedireitos.org.br/wp-content/uploads/2014/02/Dossie-da-copa-2014.pdf>.
8. <http://www.gazetadopovo.com.br/copa2014/arena/conteudo.phtml?id=1294498&tit=Veradores-vao-ao-TC-PR-ter-tentar-entender-o-potencial-construtivo>.
9. <http://www.gazetadopovo.com.br/copa2014/arena/conteudo.phtml?id=1360263>; <http://www.gazetadopovo.com.br/copa2014/arena/conteudo.phtml?id=1329958&tit=Atletico-normia-genero-de-Petraglia-como-diretor-construtor-da-Arena>; <http://www.gazetadopovo.com.br/copa2014/arena/conteudo.phtml?id=1311287>; <http://www.gazetadopovo.com.br/copa2014/arena/conteudo.phtml?id=1308471>; <http://www.gazetadopovo.com.br/copa2014/arena/conteudo.phtml?id=1307483>; <http://www.gazetadopovo.com.br/copa2014/arena/conteudo.phtml?id=1314373&tit=TC-PR-aresta-recurso-publico-na-Arena-e-abre-fiscalizacao>.
11. <http://www.gazetadopovo.com.br/copa2014/conteudo.phtml?id=1447188>; “TC U comunica ao TCE preocupação com financiamento da Arena da Baía”.
12. <http://www1.tce.pr.gov.br/noticias/tcu-comunica-ao-tce-preocupacao-com-financiamento-da-arena-da-baia/2368/>.
12. <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/1188528/area-cpi-da-copa-petraglia-diz-que-luxo-justifica-contratacao-de-empresa-do-filho-no-pr.shtml>; “Petraglia fala sobre obras da Arena e sai aplaudido da CPI da Copa 2014”.
13. <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/atletico-pr/noticia/2012/11/petraglia-fala-em-cpi-sobre-obras-da-arena-e-sai-aplaidido-p-or-deputados.html>.
13. <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/03/1423507-atletico-pr-gasta-veja-de-estadio-para-contratar-atleta-zero/>.
14. <http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/caixa-zero/>.
15. <http://www.gazetadopovo.com.br/copa2014/conteudo.phtml?id=1441887>; “Fin almente prefeitura e estado intervêm na gestão da Arena da Copa”.
15. <http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/caixa-zero/finalmente-prefeitura-e-estado-intervem-na-gestao-da-arena-da-copa/>.
16. Políticos torcedores do Atlético-PR envolvidos direta e indiretamente nos preparativos da Copa 2014: o então secretário especial da Copa em Curitiba, Mário Celso Cunha; o governador do Paraná, Orlando Pessutti; a ministra da Casa Civil, Gleisi Hoffman; além de expressiva bancada na Câmara de Vereadores de Curitiba.
17. <http://www.gazetadopovo.com.br/copa2014/arena/conteudo.phtml?id=1236179>.
18. <http://www.gazetadopovo.com.br/copa2014/arena/conteudo.phtml?id=1234717>.
19. <http://www.folhapolitica.org/2014/01/em-2007-ministro-de-lula-garantiu-que.html>. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/tz0206200808.htm>. <http://www.youtube.com/watch?v=nHlrq2vj5p4>.
20. <http://tools.folha.com.br/print?url=http%3A%2Fwww1.folha.uol.com.br%2Fesporte%2F81803-copa-de-2014-tera-985-de-dinheiro-publico.shtml&site=emcadahora>.
20. <http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,custo-dos-estadios-da-copa-do-mundo-ja-chega-a-r-8-9-bilhoes,1123266,0.htm>; <http://www.portal2014.org.br/noticias/12106/CUSTO-DOS+ESTADIOS+DA+COPA+2014+DISPARA+E+CHEGA+A+R+8+BILHOES.html>; <http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,copa-levara-o-brasil-a-ter-os-estadios-de-futebol-mais-caros-do-mundo,1108986,0.htm>.
21. <http://www.jogsimpos.org.br/destaques/incentivos-governo-podem-chegar-totalidade-orcamento-da-construcao-estadio-cinthianths/>; <http://www.gazetadopovo.com.br/copa2014/arena/conteudo.phtml?id=1288684>; <http://wp.cicrbs.com.br/boladividda/2012/12/19/bndes-aprova-financiamento-do-beira-rio-da-copa/?topo=13,1,1...1332>.
22. <http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/custo-total-da-copa-podera-chegar-aos-30-bilhoes-de-reais>.
23. <http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/bola-no-corpo/a-curitiba-da-copa-desenhada-em-2009-nao-existe-mais/>; <http://www.gazetadopovo.com.br/copa2014/conteudo.phtml?l=1&id=1452578&tit=Legado-da-copa-sofre-mais-duas-baixas-em-Curitiba>.
24. <http://www.bemparana.com.br/noticia/305316/obras-de-mobilidade-comecam-a-ser-entregues-em-marco>.
25. <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/02/1412671-clubes-querem-empurrar-gastos-da-copa-para-as-prefeituras.shtml>.
26. <http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,custo-dos-estadios-da-copa-do-mundo-ja-chega-a-r-8-9-bilhoes,1123266,0.htm>.
27. <http://www.parana-online.com.br/editoria/esportes/news/785977/?noticia=NOVA+ARENA+PODE+SER+UMA+MINA+DE+OURO+PARA+O+ATLETICO>.
28. <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/03/1422658-joaquim-barbosa-diz-que-nao-sera-candidato-a-presidencia.shtml>.
29. <http://www.jogsimpos.org.br/destaques/artigo-quanto-custa-um-estadio-de-futebol-ou-ainda-tempo-de-economizar-42-marcancas/>, de Marcos Mendes e Alexandre Guimarães.
30. O Comitê Popular da Copa de Curitiba entregou ao Ministério Público Estadual (MP-PR) uma representação que aponta irregularidades na utilização de verbas públicas para as obras da Arena da Baía.
31. <http://www.gazetadopovo.com.br/colunistas/conteudo.phtml?id=1444664>.
32. <http://www.jogsimpos.org.br/destaques/copa-mundo-nao-mudou-logica-de-distribuicao-de-recursos-publicos-avalia-professora/>.
33. <http://www.gazetadopovo.com.br/vidaevidadania/conteudo.phtml?id=1248171>; <http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/lr-e-vir-de-bike/viaduto-estadio-vai-pra-pronte-que-partiu/>; <http://www.esmaelnet.com.br/2012/08/ponte-estadio-e-um-modismo-que-vai-desperdicar-desnecessariamente-r-50-milhoes-critica-gresca/>.
34. <http://terracedireitos.org.br/wp-content/uploads/2014/02/Dossie-da-copa-2014.pdf>.
35. <http://cienciahoje.uol.com.br/revista-ch/2014/31/1-o-legado-dos-megaeventos>.
36. <http://www.gazetadopovo.com.br/vidaevidadania/conteudo.phtml?id=1248171>.
37. <http://www.gazetadopovo.com.br/copa2014/arena/conteudo.phtml?id=1386710&tit=Ex-vizinhos-da-Arena-vivem-o-transtorno-das-desapropriacoes>; <http://www.gazetadopovo.com.br/copa2014/arena/conteudo.phtml?id=1373113>.
38. <http://terracedireitos.org.br/biblioteca/agencia-publica-pesquisadora-faz-mapa-da-expulsao-de-moradores-por-obras-da-copa-em-curitiba/>; <http://www.portal2014.org.br/midia/site/1-2062011162141-Sandro_Almir_Setim_COMEC_Pac_Mobilidade.pdf>.
39. <http://rodrigomattos.blogosfera.uol.com.br/2014/02/19/na-pindaiba-parana-corta-escola-e-paga-empresimo-por-estadio/fotoNav=3>.
40. <http://bandnewsfm.curitiba.com/2013/11/25/infraero-nao-sabe-quem-vai-pagar-por-desapropriacoes-no-afonso-pena/?relatedposts_excluede=68558>.
41. <http://WWW.GAZETADOPVO.COM.BR/M/CONTEUDO.PHTML?ID=1345675&TIT=UMA-CIDADE-SEM-PASSADO-E-SEM-LEI>.
42. <http://terracedireitos.org.br/wp-content/uploads/2014/02/Dossie-da-copa-2014.pdf>; <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/rdc/article/view/7865>; <http://terracedireitos.org.br/biblioteca/nota-de-repudio-do-comite-publico-da-copa-de-curitiba-a-engenharia-financiera-da-reforma-do-estadio-joaquim-americogui-maraes-2/>; <http://www.portalpopulardacopa.org.br/index.php?option=com_k2&view=item&id=244:os-novos-donos-de-curitiba>; <http://terracedireitos.org.br/wp-content/uploads/2012/04/0-potencial-destrutivo-da-Copa-11.pdf>; <http://www.gazetadopovo.com.br/copa2014/curitiba/conteudo.phtml?id=1241155>; <http://www.gazetadopovo.com.br/vidaevidadania/conteudo.phtml?id=1304509>; <http://copa2014.guritiba.wordpress.com/2011/08/03/fontes-sobre-megaeventos-esportivos-bibliografia/>.
43. <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/02/1409525-protestos-fizeram-governo-mudar-discurso-sobre-copa.shtml>.
44. <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/02/1418072-quem-ter-lutar-politizar-ato-na-copa-vai-quebrar-a-cara-diz-ministro-de-dilma.shtml>.

GOTO POSSUI GRADUAÇÃO EM CURSO SUPERIOR DE PINTURA PELA ESCOLA DE MÚSICA E BELAS ARTES DO PARANÁ (1994), ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DA ARTE DO SÉCULO XX PELA ESCOLA DE MÚSICA E BELAS ARTES DO PARANÁ (2000) E MESTRADO EM ARTES VISUAIS PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (2004). TEM EXPERIÊNCIA NA ÁREA DE ARTES, COM ÊNFASE EM ARTE EXPERIMENTAL, CONTEXTUAL, RELACIONAL, CIRCUITOS, ATIVISMO, ESPAÇO PÚBLICO, CARTOGRAFIA PARTICIPATIVA. ATUA COMO ARTISTA, PESQUISADOR, CURADOR E PRODUTOR.

A HISTÓRIA NÃO SE REPETE

Rodrigo Lourenço # Porto Alegre

Porto Alegre é reconhecida por sua vocação para a algazarra. Um festival com todo tipo de baderneiro se enfileira ao longo da História: Guerra dos Guaranis, Coluna Prestes, Campanha da Legalidade e por aí vai. Desde sempre a mídia tem gasto muita tinta e papel para identificá-los e descrevê-los com precisão: no canto à esquerda, de luvas negras e calção vermelho, com ideias e propostas destruidoras da ordem pública e dos bons costumes.

Já nos primeiros instantes da recém-instaurada república, esse sujeito já estava presente, bem como as demais pessoas do jogo político, com suas características e intenções claramente delineadas e que, infelizmente, ainda podemos identificar no nosso cotidiano. O cidadão: que ocupava "rua e calçada" para reclamar dos desmandos da política liberal do Secretário da Fazenda Ruy Barbosa, que aplicara a política do "encilhamento" para estimular a indústria.

A imprensa: na figura do jornal *A Reforma*, que, ao noticiar as revoltas, classifica de

"populares" os manifestantes que, segundo eles, são provocadores da desordem e de distúrbios, reservando o título de "cidadão" àqueles que, em conjunto com a polícia, contêm o levante e contribuem para manter tudo e todos nos seus devidos lugares.

O Estado: que, para atender as necessidades de uma elite econômica, mantém a população submetida e controlada por meio da violência.

Em 13 de maio de 1890, numa manifestação festiva, que combinava o descontentamento com a política econômica proposta pela união e as comemorações da abolição da escravidão, a infantaria foi destacada para reestruturar a ordem. O custo daquela noite foi alto, com dezenas de feridos, quatro baleados e um morto. Até mesmo a imprensa, que a princípio se colocou contra a manifestação, classificou o ocorrido como "massacre".

Com a população contida, as manifestações acabaram e os planos do governo seguiram. O resultado final foi que, em janeiro do ano

PEQUENO MEMORIAL DO AUTORITARISMO E DA PRIVATIZAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS EM PORTO ALEGRE

ARAÚJO VIANNA

LOCALIZADO NA REDENÇÃO DESDE 1964, CONSAGROU-SE COMO ESPAÇO PARA APRESENTAÇÃO DE ESPETÁCULOS DE MPB. POR MAIS DE 30 ANOS AO AR LIVRE, SUA COBERTURA FOI DECIDIDA PELA COMUNIDADE DO BAIRRO BOM FIM NO ORÇAMENTO PARTICIPATIVO E INAUGURADA EM 1996. EM 2005, APÓS ANOS DE FALTA DE INVESTIMENTO E CONSERVAÇÃO, FOI INTERDITADO, FICANDO 8 ANOS DESATIVADO. PRIVATIZADO, FOI CERCADO E EM 2013 REABERTO, COM INGRESSOS QUE VARIAM DE R\$90,00 A R\$280,00, CHEGANDO A R\$1.100,00 EM EVENTOS INTERNACIONAIS.

FOTO: DIVULGAÇÃO



ATUAÇÃO DA TROPA DE CHOQUE
PARA PROTEGER O TATU-BOLA.



seguinte, o "encilhamento" fracassa e gera a primeira bolha econômica do país, afundando a todos na inflação. Ruy Barbosa opta por demitir-se da Fazenda para poder assumir as empresas que ele mesmo havia criado durante seus dias de ministro.

Mais de um século depois, tudo parece igual. Os baderneiros gaúchos se fazem visíveis mais uma vez e vão às ruas para defender o direito ao transporte público, a praça e a rua

como espaços democráticos e o acesso à cultura. Querem poder decidir os rumos e futuros do lugar em que vivem.

Em 4 de outubro de 2012, uma "horda de arruaçeiros" ocupou o Largo Glênio Peres, centro de Porto Alegre, para protestar contra a doação/privatização para a Coca-Cola daquele espaço histórico, palco de feiras, comícios, encontros e das mais diversas formas de expressão, tanto

TOQUE DE RECOLHER NA CIDADE BAIXA

EM 2011 A PREFEITURA IMPLEMENTOU A "OPERAÇÃO SOSSEGO", LIMITANDO O HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO DOS BARES E CASAS DE ESPETÁCULOS DA CIDADE BAIXA, TRADICIONAL BAIRRO BOÊMIO, PARA ATÉ AS 24H. EM MARÇO DE 2012 RESTRINGIU A APRESENTAÇÃO DE SHOWS AO VIVO. A BRIGADA MILITAR PASSA A FISCALIZAR AS CASAS NOTURNAS. "QUEREMOS QUE A BRIGADA MILITAR PARE DE ENTRAR DE ARMAS EM PUNHO NOS BARES", DIZ MÚSICO.

A COMUNIDADE ARTÍSTICA PROMOVE PROTESTOS E PASSEATAS E CONSEGUE A AMPLIAÇÃO DO "TOQUE DE RECOLHER" PARA 2H30MIN.



LARGO GLÊNIO PERES

UM DOS MAIS POPULARES E NOBRES ESPAÇOS DE PORTO ALEGRE. SITUADO EM FRENTE AO MERCADO PÚBLICO, ENTRE A PREFEITURA E A PRAÇA XV DE NOVEMBRO. UM DOS CORAÇÕES DA CIDADE E PALCO PARA AS MAIS DIVERSAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS. EM FEVEREIRO DE 2012 A PREFEITURA PUBLICA A LEI QUE PROÍBE O USO DO LARGO POR FEIRAS, APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS. A JUSTIFICATIVA: "ESSAS ATIVIDADES DANIFICAM O PISO DO LOCAL". BUSCANDO REVERTER O CASO, A AÇÃO "DEFESA PÚBLICA DA ALEGRIA" MOBILIZA A CIDADE.

AS MANIFESTAÇÕES SE INTENSIFICAM QUANDO A COCA-COLA SURGE COMO ADOTANTE DO ESPAÇO. ATUALMENTE, NOS FINAIS DE SEMANA, É UTILIZADO COMO ESTACIONAMENTO.

FOTO: COLEÇÃO REVIEWS FERRARI - ACERVO DO MUSEU JOAQUIM JOSÉ FELIZARDO
FOTÓTECA SIMA BREITMAN

populares, quanto artísticas (inclusive a de 1890). Para reiterar a quem agora pertencia aquele espaço, a prefeitura publica uma lei proibindo feiras, shows, apresentações artísticas etc. no largo com a justificativa de que tais atividades "danificam o calçamento".

Uma reunião pacífica foi organizada no local e o batalhão da polícia de choque que estava ali para garantir a segurança para o evento, estranhamente, organizou um cordão de isolamento ao redor do boneco inflável, símbolo da Copa do Mundo, que estava instalado no lugar.

O que se viu depois foi assustador: para justificar um tatu-bola de plástico furado, a polícia atacou violentamente a população, e o largo viu sangue dos cidadãos novamente.

Os protagonistas deste drama desempenharam seus papéis tal como estavam escritos: o poder público agiu de forma arbitrária e priorizou os interesses da elite econômica, a polícia promoveu o controle da população por meio da violência, os meios de comunicação criaram versões e fatos com a intenção de desqualificar

as iniciativas populares, enquanto os políticos e servidores públicos se colocaram a serviço da iniciativa privada.

Porém o roteiro não foi plenamente seguido. Diferente do esperado, a violência não afugentou as pessoas das ruas. Desta vez, o que antes "resolvia" insurgências instigou a população a promover mais e maiores ações. O país foi contaminado por essa onda de cidadania que não estava mais restrita a um município, uma região ou uma classe social. Os desejos, prioridades e necessidades dessa massa surgiram como um corpo coletivo e autônomo, que não aceita mais ser pautado pelas agendas de uma elite, mídia ou instituições políticas.

As questões que estão em jogo são fundamentais pois alteram em definitivo as relações e modos do fazer democrático, não podendo haver terrenos ou momentos neutros. Se uma Copa deve acontecer, ela precisa estar inserida neste contexto, pois nenhuma manifestação popular - seja cultural, política ou esportiva - pode ser considerada relevante se a alienação for critério para sua realização.

RETIRADA DE OBRAS DE ARTE

EM MARÇO DE 2014 O VEREADOR BERNARDINO VENDRUSCULO APRESENTA UM PROJETO DE LEI RESTRINGINDO A LIBERDADE ARTÍSTICA DOS AUTORES, CONDICIONANDO A INSTALAÇÃO DE OBRAS DE ARTE PÚBLICAS À APROVAÇÃO DA CÂMARA DE VEREADORES, EXIGINDO TERMO DE RESPONSABILIDADE DE FORMA

NEBULOSA. COMO SE ISSO TUDO NÃO BASTASSE, AINDA INDICA A RETIRADA DE OBRAS DE ARTE

DO ESPAÇO PÚBLICO, ENTRE OUTROS ABSURDOS. A MOBILIZAÇÃO DA COMUNIDADE ARTÍSTICA CONSEGUIU BARRAR A VOTAÇÃO DA LEI, PORÉM ELA CONTINUA NA Pauta DA CÂMARA.



CORTE DE ÁRVORES NA USINA DO GASÔMETRO

A OBRA DE DUPLICAÇÃO DA AV. EDVALDO PEREIRA PAIVA PARA A COPA DO MUNDO EXIGIA O CORTE DAS ÁRVORES DA PRAÇA JÚLIO MESQUITA. SOB PROTESTOS DA POPULAÇÃO O PREFEITO

JOSÉ FORTUNATI JUSTIFICOU A IMPORTÂNCIA DA OBRA E SALIENTOU: "AS PESSOAS NÃO UTILIZAM ESTAS ÁRVORES". CIDADÃOS CONTRÁRIOS PASSARAM A SUBIR NAS ÁRVORES PARA IMPEDIR O CORTE E DEZENAS, EM VIGÍLIA, MONTARAM ACAMPAMENTO NA PRAÇA. DIA 29/05/2013, ÀS 3H DA MADRUGADA, UM DESTACAMENTO COM MAIS DE 150 POLICIAIS

DA TROPA DE CHOQUE RETIROU A FORÇA OS MANIFESTANTES E NA MESMA MADRUGADA FORAM LIGADAS AS MOTOSSERRAS. PELA MANHÃ TODAS AS ÁRVORES ESTAVAM TOMBADAS.



MANIFESTANTE QUE SOCORREU RAPAZ FERIDO
PELA TROPA DE CHOQUE QUE PROTEGIA O TATU-BOLA.
LARGO GLÊNIO PERES, FEVEREIRO DE 2012.

FOTO: RAMIRO FURQUIM



O MELHOR DA GASTRONOMIA,
O MELHOR DAS COMPRAS,
O MELHOR DOS RECREIOS,
O MELHOR DO LAZER,
E O MELHOR DE TUDO,
NA BEIRA DO GUABA.

cais mauá
LARGO GLÊNIO PERES, 14

- Melhor e mais variado
- Melhor custo-benefício
- Melhor variedade
- Melhor localização
- Melhor atendimento
- Melhor segurança
- Melhor infraestrutura
- Melhor estacionamento

FOTOS: DIVULGAÇÃO

PRIVATIZAÇÃO DO CAIS MAUÁ

ESPAÇO QUE POR ANOS FOI FOCO DE REIVINDICAÇÕES QUE BUSCAVAM A REINTEGRAÇÃO DO ESPAÇO À CIDADE. COMO RESPOSTA ÀS AVESSAS EM NOVEMBRO DE 2011 A PREFEITURA INICIA O PROCESSO DE ELITIZAÇÃO DO LUGAR, QUE FOI CHAMADO DE "REVITALIZAÇÃO DO CAIS MAUÁ", SEM QUALQUER DEBATE PÚBLICO. A PROPOSTA PRETENDE CONSTRUIR NOS 2,5KM UM CENTRO DE CONVENÇÕES, SHOPPING CENTER, TORRES COMERCIAIS, HOTÉIS DE LUXO, ESTACIONAMENTO SUBTERRÂNEO PARA CINCO MIL VEÍCULOS, ALÉM DE DESTRUIR O ARMAZÉM A7, PATRIMÔNIO TOMBADO PELO IPHAN. DIVERSAS MANIFESTAÇÕES TÊM SIDO ORGANIZADAS, MAS AS OBRAS JÁ COMEÇARAM E ESTÁ PREVISTA A CONCLUSÃO DO PROJETO PARA 2017.

RODRIGO LOURENÇO É ARTISTA VISUAL, CURADOR, DESIGNER GRÁFICO E PRODUTOR INDEPENDENTE. BACHAREL EM ARTES VISUAIS PELO INSTITUTO DE ARTES DA UFRGS, ATUALMENTE ESTUDA LICENCIATURA NA MESMA INSTITUIÇÃO. COMO ARTISTA VISUAL TRABALHA PRINCIPALMENTE COM A OCUPAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO, DESENVOLVENDO UMA PESQUISA PRÁTICA E TEÓRICA A PARTIR DA REFLEXÃO ENTRE A MULTIPLICAÇÃO DA IMAGEM E SUA CAPACIDADE DE PERMANÊNCIA. JÁ PARTICIPOU DE DIVERSAS SELEÇÕES NACIONAIS E INTERNACIONAIS.

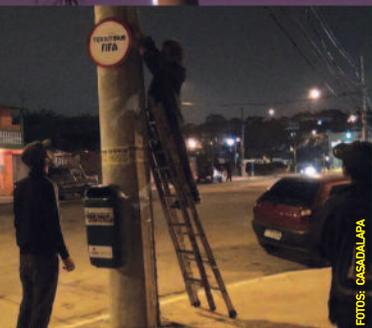
VARZEANAS

casadalapa # São Paulo



TERRITÓRIO FIFA

Dia anterior da abertura da Copa.
Área restrita com leis próprias.
Delimitar os limites desse território.
Conhecer os cidadãos fifenses.



CASADALAPA É UM COLETIVO QUE SURGE EM 2005 COM O OBJETIVO DE REUNIR ARTISTAS EM UM ESPAÇO COMUM ONDE PUDESSEM FAZER INTERCÂMBIO DE TRABALHOS CUJO REPERTÓRIO COMPÕE-SE DE PEÇAS DE TEATRO, INTERVENÇÕES, MÚSICAS, FOTOS, FILMES, OU WEBSITES. OS ARTISTAS UTILIZAM LINGUAGENS DIVERSAS PARA CRIAR TRABALHOS SINGULARES QUE EXPRESSEM ESSA DIVERSIDADE. SUA REDE É CONSTRUÍDA COM AMIZADES ANTIGAS E COM ARTISTAS E PRODUTORES QUE PARTICIPAM ASSIDUAMENTE DOS PROJETOS E AÇÕES DA CASADALAPA. NUMA ÉPOCA DE REDES SOCIAIS VIRTUAIS, NADA COMO UMA REDE SOCIAL REAL!





TERRITÓRIO BRASIL

Dia da abertura da Copa.
Uma rua na área restrita.
Recriar um campo de várzea.
Churrasquinho VIP.
Território FIFA transformado em Território Brasil.





FIFA-CORREIO

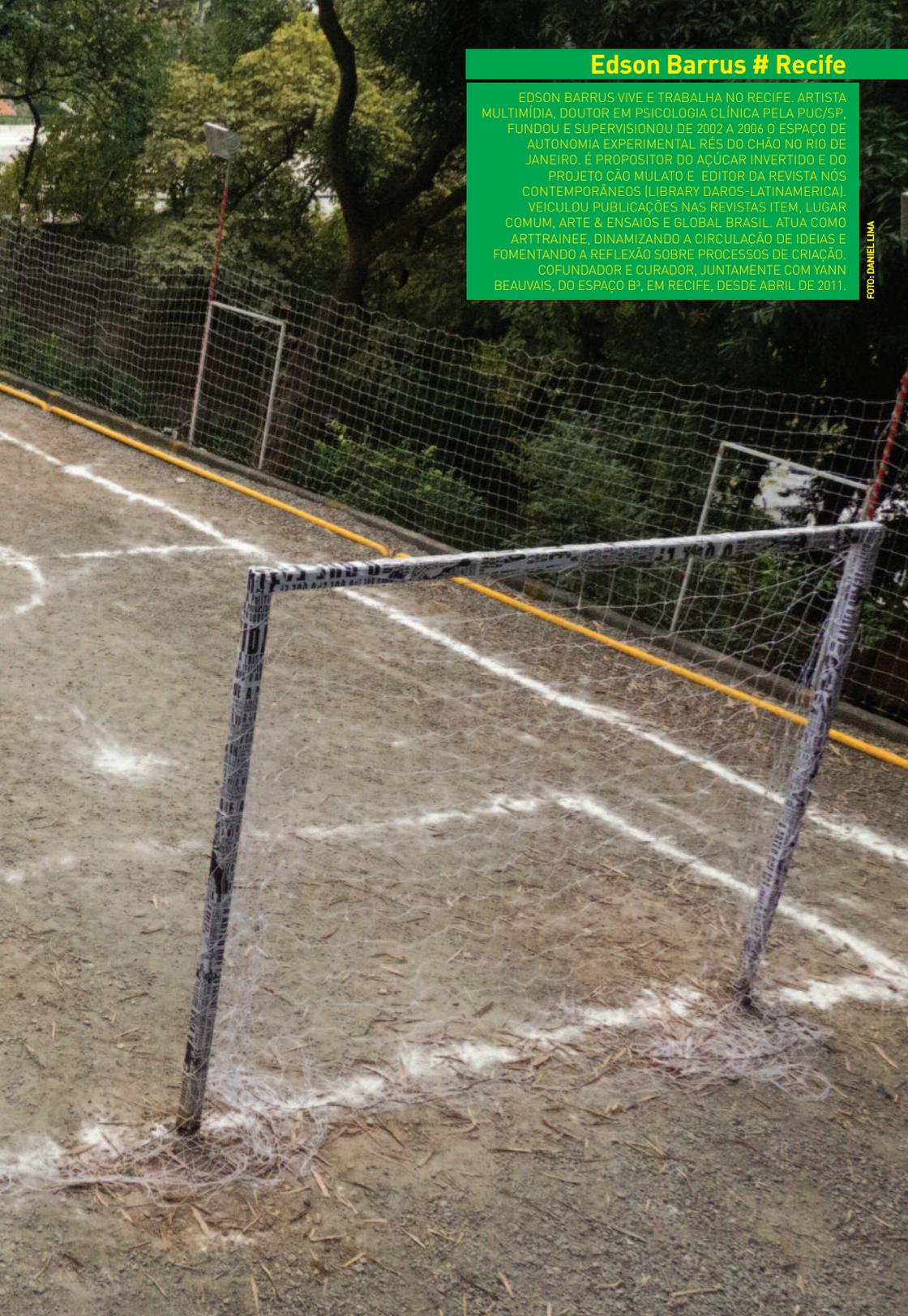
Festival de pipas no limite do Território FIFA.
Cartas com mensagens para a Fifa.
Leva-se ao céu e... corta.
Pipa cortada. Pipa-correio.



Edson Barrus # Recife

EDSON BARRUS VIVE E TRABALHA NO RECIFE. ARTISTA MULTIMÍDIA, DOUTOR EM PSICOLOGIA CLÍNICA PELA PUC/SP, FUNDOU E SUPERVISIONOU DE 2002 A 2006 O ESPAÇO DE AUTONOMIA EXPERIMENTAL RÉS DO CHÃO NO RIO DE JANEIRO. É PROPOSITOR DO AÇÚCAR INVERTIDO E DO PROJETO CÃO MULATO E EDITOR DA REVISTA NÓS CONTEMPORÂNEOS (LIBRARY DAROS-LATINAMERICA). VEICULOU PUBLICAÇÕES NAS REVISTAS ITEM, LUGAR COMUM, ARTE & ENSAIOS E GLOBAL BRASIL. ATUA COMO ARTTRAINÉE, DINAMIZANDO A CIRCULAÇÃO DE IDEIAS E FOMENTANDO A REFLEXÃO SOBRE PROCESSOS DE CRIAÇÃO. COFUNDADOR E CURADOR, JUNTAMENTE COM YANN BEAUVAIS, DO ESPAÇO B³, EM RECIFE, DESDE ABRIL DE 2011.

FOTO: DANIEL LIMA











CAVEIRÃO NA COPA

Nova Pasta # São Paulo

Os imortais esqueletos são o calcário por onde brota o sangue que dá cor ao corpo, o esqueleto é a arquitetura do corpo, sem o esqueleto seríamos inteiramente informes. O Caveirão, assim como o esqueleto, é símbolo daquilo que resiste. Primitivo, o Caveirão é obra por se fazer: ele corre da polícia, ele sempre está em processo em suas andanças, é catalisador de gente, representação e coisa ao mesmo tempo. Para além do futebol, o Caveirão pretende ser parte de qualquer contexto, ele não é um mártir, ele é um dever na cidade, totalmente nômade, ele se relaciona com tudo e com todos. O Caveirão também é metafórico, metonímico, poético, trágico, cômico, complexo e espontâneo ao mesmo tempo. Caveirão é símbolo, imagem e coisa, uma armadura que se projeta para o alto, quem achar que o Caveirão é engraçado se engana, porque ao mesmo tempo se constata, na sua presença, a densidade do real. Caveirão mimetiza o espaço e foge a qualquer crítica, faz com que as pessoas saiam por alguns segundos de seus juízos, deixem por um momento os gerenciamentos da vida cotidiana, afinal, o Caveirão também invade a nossa imaginação, inverte os eixos, se diverte com o nosso senso comum. E se mostra, se midiatiza: ora impressão, fotografia, vídeo, performance, ou mesmo objeto. Caveirão é Intensidade que se dá através dos fazeres.

Antonio Brasiliano » Eduardo Verderame » Fabiana Mitsue » Guto Citrangulo » Guto Lacaz » Lucas D » Mariana Cavalcante Marcos Vilas Boas » Mauro de Souza » Paulo Zeminian » Rogério Borovik » Rubens Zaccharias » Túlio Tavares

NOVA PASTA É UM CENTRO DE PRODUÇÃO, DEBATE, DOCUMENTAÇÃO E EXPOSIÇÕES DE ARTE CONTEMPORÂNEA. PROJETO QUE NASCE DA REUNIÃO DE ARTISTAS PLÁSTICOS DETERMINADOS A CONSTRUIR UM CANAL DE VEICULAÇÃO DE NOVAS IDEIAS E TRABALHOS. DISTANTE DO CONCEITO DE GALERIA, O PROJETO NOVA PASTA APONTA PARA UM CAMINHO DE COOPERAÇÃO, CONTANDO COM A VONTADE E NECESSIDADE DE CIRCULAÇÃO DA PRODUÇÃO. COMO ESTRATÉGIA FUNDAMENTAL TEM A ESCOLHA PELA TROCA INTELLECTUAL. EXPOSIÇÕES NACIONAIS E INTERNACIONAIS SÃO GERENCIADAS A PARTIR DE SÃO PAULO.



COMUNICA TROVAREMOS
UN BELLA SOLUZIONE
PER IL PROBLEMA
PERMANENTE DEL

FOTOS: NOVA PASTA

DA ALDEIA MARACANÃ NA COPA DO MUNDO

Fabiane Moraes Borges # Rio de Janeiro

“A antropofagia foi a única contribuição realmente anticolonialista que geramos, contribuição que anacronizou completa e antecipadamente o célebre topos cebrapiano-marxista sobre as ‘ideias fora do lugar’. Ela jogava os índios para o futuro e para o ecúmeno; não era uma teoria do nacionalismo, da volta às raízes, do indianismo. Era e é uma teoria realmente revolucionária”.

Eduardo Viveiros de Castro
Revista Azougue, 2007

A Aldeia Maracanã, que fica ao lado do Estádio do Maracanã no Rio de Janeiro, foi a primeira sede do SPI (Serviço de Proteção ao Índio), inaugurado em 1910 por Marechal Rondon, que foi um dos principais protagonistas para a criação de um serviço governamental voltado às políticas indígenas no Brasil. Em 1953, o local se tornou o Museu do Índio, o primeiro museu voltado às questões indígenas da América Latina, inaugurado por Darcy Ribeiro. O local abrigou quase um século de reuniões, discussões, lutas, impasses, decisões políticas a respeito dos povos indígenas e, por conta disso, se tornou um local de referência na memória dos índios brasileiros¹.

Em 2006, depois de 30 anos abandonado, o local começou ser ocupado por grupos indígenas de diversas etnias, que o transformaram na Aldeia Maracanã. Os índios da reocupação trazem consigo seus problemas de dizimação,

de perda territorial, de perda cultural, de empobrecimento forçado. Eles chegam na aldeia com diferentes pontos de vista sobre o mundo, seus graus de aculturação, suas miscigenações, suas sobreposições de crenças e costumes.

Aos poucos, vão aparecendo jovens urbanos que se juntam àquela precariedade, àquela pobreza, àquela singularidade, àquele modo especial de enxergar a realidade, que difere da busca material e financeira a qualquer custo, mesmo que sobreposta, suja, muitas vezes desligada da origem. Esses jovens endossam a importância do conhecimento do índio dentro da Aldeia Maracanã, que se vê incentivado a puxar pela memória e trazer à tona cantigas antigas, que já não lembrava, o que inspira o outro índio a recordar de outra história esquecida. Porque uma língua é lembrada a outra é sonhada, e começa um redemoinho interno de memória de corpo e de fala e de sonho, que adentra os inconscientes,



os arquivos dissipados por tanta indignidade, tanta expulsão de terra, tanta colonização. Esse processo de inconscientização e reconexão com o já-esquecido se acirra ainda mais com o endurecimento da luta, quando os índios começam sofrer ordem de despejo, atualizando, em 2013, por conta da Copa do Mundo, as lutas territoriais já vividas em suas comunidades.

Os atores do despejo compreendem esse redemoinho de interação entre índio e jovem urbano, entre índio e índio, entre precariedades do campo e da cidade como um quilombo mal estruturado, sem legitimidade. Aos seus olhos, esses índios não passam de descendentes longínquos de povos originários, oportunistas fantasiados de índios que passam a perna numa juventude desavisada da cidade grande.

Qual é o critério para esse ponto de vista? Quantas gerações são necessárias para

desativar uma memória, desestruturar uma cultura, eliminar uma perspectiva étnica? Como impedir um branco de devir índio quando é atravessado por uma flecha de índio (originário ou descendente longínquo), que lhe apresenta valores, relações, verdades que lhe faz mais sentido do que toda a promessa de progresso e desenvolvimento?

Índios e não índios ali dentro da Aldeia Maracanã são aos poucos contaminados por um indigenismo antropofágico, ancestralfuturista, atual e conectado com a Terra. Esse processo de trans permeabilidade cultural é alvo de chacota e acusações por parte de políticos e empresários que não percebem a importância desse movimento minimal, que traz em sua essência eclética a revivificação de memórias adormecidas. Chamam isso de espiritual, metafísico, religioso, sem perceber que talvez seja só o óbvio se manifestando, como alerta



Caetano em sua música “Um índio” quando diz que a palavra do índio do futuro surpreenderá a todos não por ser exótico, mas por ter sido oculto e óbvio.

Esse oculto e óbvio se manifesta na Aldeia Maracanã. A gambiarra universal resistindo ao mercado totalitário. O extra mundo e a cosmovisão mediando atos políticos. O que nos remete à cidade na qual se encontra a Aldeia: as mãos para cima do carnaval carioca, quando os blocos atravessam as ruas com todas aquelas fantasias e faces gloriosas. A exaltação, o louvor, a festa de uma carne que celebra, agradece, reverencia não um Deus salvador, mas uma confluência.

Sim, de certa forma, os atores do despejo têm razão em criticar a Aldeia Maracanã – aquele carnaval!! Aquele quilombo!! É perigoso empoderar perspectivas tão diferentes das do mercado. Esse perigo da retomada de valores anticolonialistas

faz com que o governo associado aos padrões gentrificadores da FIFA, decidam transformar a ocupação em estacionamento de carros ou *shopping centers*, tirando todos os “anarcoíndios” do espaço.

Aos olhos do mercado/Estado, a Aldeia Maracanã é uma lixeira de índios perdidos. Um lugar de projetos mal sucedidos da colonização. Em pleno século XXI, esses selvagens ainda ousam disputar espaços contra o grande capital, em centros urbanos como Brasília ou Rio de Janeiro?

Em Brasília, no Santuário dos Pajés², aqueles jovens que se juntaram com os índios, aprenderam a cuspir reto no chão, fazer chá de cura, fazer trançado, artesanato, reflorestar, aprenderam a fazer fogueira, contar histórias na volta dela, praticar os cânticos antigos das várias etnias misturadas, a falar dos sonhos.

No Rio de Janeiro na Aldeia Maracanã, aqueles jovens tinham reuniões políticas, aulas de tupi-guarani, a memória dos guerreiros, a experiência do tempo, a divisão das sementes, a batida no chão na hora da dança para acordar os antepassados, a mistura de arcos, flechas e cocares de etnias diversas que se imiscuíam com as performances exóticas dos magrelos da cidade grande, com seus projetores de imagens e luzes, suas caixas de ruído.

Em ambos espaços, Aldeia Maracanã e Santuário dos Pajés, viveu-se uma experiência transformadora, para índios, não índios e novos índios. Uma experiência urbana radical, já que se trata de trazer o índio para dentro do contexto urbano, não para incluí-lo na esfera do mercado e do consumo pré-formatado, ou torná-lo somente pobre, mas para inventar uma aldeia multiétnica dentro da cidade, com tudo que isso implica.

Isso é invenção política, com seus desafios, problemas e potencialidades.

Para muitos dos índios e apoiadores da Aldeia Maracanã ter um espaço multiétnico indígena, num grande centro, como Rio de Janeiro, fortalece as bases culturais do próprio povo brasileiro, assim como aproxima a sociedade civil da história do Brasil, contada através de um outro prisma, para além do Brasil Colônia.

Muitos jovens frequentadores da Aldeia mudaram substancialmente seus modos de pensar o mundo e atuar na vida a partir dos rituais, das danças, das músicas que conheceram e fomentaram na Aldeia urbana e multiétnica, onde experimentaram processos de trabalhos colaborativos, outro significado de tempo e reconexão com a magia³.

Evidentemente que índios pobres, excluídos da floresta e das cidades, sem apoio governamental, com poucas ferramentas para ação, numa ocupação arruinada, não conseguem desenvolver as ideias que pretendem com facilidade. A isso se soma uma série de empecilhos e deslegitimações forçadas, que ataca desde a autoestima desses índios, seus processos criativos, gerando depressão e ansiedade, ocasionando paralisia, atrofia, lutas internas, invalidações.

Quando se juntam tantas etnias diferentes, as questões se complexificam, surgem desacordos, disputas, intrigas políticas, lutas por poder, boicotes, mas isso faz parte do processo, e é possível a construção de consensos apesar disso. Pergunto: Quem é que vai julgar esses comportamentos? O estado sempre em pé de guerra? O mercado sempre em competição? A igreja monoteísta sempre desqualificando as crenças alheias? O capital esquizofrênico? Quem é capaz de qualificar como bom ou ruim um movimento como o da Aldeia Maracanã?

Por que não permitir que essa experiência aconteça, que os índios produzam um espaço de singularização dentro da cidade, que tragam seus conhecimentos para a cidade e que aproximem a sociedade civil dos seus modos de vida, num local onde eles sentem afinidade dentro da cidade? Isso vale também para as comunidades quilombolas expulsas dos grandes centros, caravanas ciganas, movimento dos sem teto, entre outros. Por que não permitir que as insurgências sociais se movimentem e apontem o caminho político necessário? Por acaso isso não pode ser qualificado como inteligência social por não ter vindo de um programa de governo? Tudo isso são formas de vida que vão sendo eliminadas por valores comprometidos com a geração de mais lucro e não com a geração de mais qualidade de vida.

Temos, por um lado, índios que querem continuar no campo, dentro da sua etnia fechada, preservando costumes e ritos, investindo na manutenção da natureza, lutando pela terra dos seus antepassados (como parte considerável dos Guaranis Kaiowas, Yanomamis, entre dezenas de outros que enfrentam enorme dificuldade nessa manutenção), por outro lado, temos índios desaldeados ou nômades, que não têm mais condições de viver no campo ou na floresta, por sofrerem massacres contínuos, perda de terras, que querem se misturar com o urbano, mas não para ser pobres vítimas do sistema, como tantos índios fazem, mas para criar espaços de valorização, aprofundamento e reinvenção das culturas indígenas, abrir um espaço de referência entre campo e cidade, construindo formas de sustentabilidade a partir dos ensinamentos tradicionais, produção de artesanato, conhecimento das sementes, alimentação, vestuários, tudo isso em confluência com as tecnologias e os saberes produzidos na cidade.

Índios como Zé Guajajara enfrentam o preconceito do desaldeamento. Índios desaldeados ou índios urbanos não são contabilizados na maioria dos projetos de políticas indígenas do Estado, e às vezes, de seus próprios grupos étnicos, como se deixassem de ser índios, de ter memória ou de trazer em seus corpos a marca genética e sanguínea de suas etnias, por terem sido afastados daquela condição comunitária, por um motivo ou outro. Eles são vistos só como pobres. Esse lugar da pobreza é um lugar abstrato, mas dentro da economia do poder, mais manipulável. Projetos de inclusão social para uma massa de pobres é mais fácil de ser promovida do que para grupos singulares, mas isso não quer dizer que sejam mais eficientes.

Em invés do Estado apostar na diferença cultural, na diferença do Brasil em relação

aos outros países e investir dinheiro e produzir valor sobre o fato de possuir “ainda” povos indígenas em seu território, alimentando, com isso, um outro turismo, uma visão mais democrática, se mostrando justo e atento às demandas ecológicas do nosso tempo, ele prefere apostar nos padrões da FIFA, oferecendo aos índios dinheiro para saírem da Aldeia, ou um sítio longínquo (um antigo leprosário), fora da cidade, que não tem história pregressa nem outra relação qualquer com esses índios, nem permite sua sobrevivência. Ou ainda, incluindo esses mesmos índios em projetos sociais de casa própria, que não é ruim a princípio, mas desarticula e confunde a Luta pela Aldeia Maracanã. Ganhar casa própria do governo não deveria impedir que tenham o espaço da Aldeia Maracanã como um lugar de presença, referência e protagonismo.

Durante a Copa do Mundo, os alemães que foram os ganhadores da Copa 2014 (e nem vamos falar no vexatório 7x1), agiram de forma bem diferente do que as políticas gentrificadoras do Rio de Janeiro. Foram estar com os índios pataxós, aprenderam suas danças, trocaram presentes, e ao ganharem a taça da vitória fizeram uma dança indígena em volta da taça. Contrariando toda a lógica do mercado financeiro, eles fizeram uma homenagem aos índios do Brasil, ali no estádio Maracanã no mesmo território que os índios foram expulsos para que a Copa ocorresse. Isso é no mínimo para ser levado em conta. Não importa aqui averiguar os reais interesses do governo alemão nesse procedimento, o que importa é compreender que esse olhar estrangeiro valorizou a cultura indígena, reproduzindo sua dança na hora de celebrar o maior prêmio que se pode ganhar no futebol (taça do mundo), enquanto que localmente esses índios foram desvalorizados, excluídos, deslegitimados e despejados por nossos representantes.

Por fim, deixo a imagem da resistência da Aldeia Maracanã, apostando aqui que a resistência continuará, e que isso tem implicações mais profundas do que se imagina, já que, nessa resistência, pode estar contida também o germe daquilo que “surpreenderá a todos não por ser exótico, mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto, quando terá sido óbvio” (Um índio – Caetano Veloso).

Há coisas que levam 500 anos para fazer sentido, e nesses tempos quando a discussão sobre o fim da biodiversidade do planeta, o fim da água potável, a luta pela água, a destruição das florestas, o fim da diversidade de povos, o câmbio climático, as catástrofes ambientais são pautas urgentes na agenda mundial, se percebe que esses índios colonizados não eram tão burros ou selvagens, pois uma coisa é certa, sua civilização conseguia conviver com a biodiversidade do planeta sem destruí-la.

REFERÊNCIAS

Aldeia Maracanã - <http://aldeiamaracanarj.wix.com/aldeia-maracana>
Santuário dos Pajés - <http://santuariodospajes.blogspot.com.br/>
Vídeo sobre a Luta pela Aldeia Maracanã - <http://www.youtube.com/watch?v=0W5BVt2N6uo>
Site do João Gabriel Ascenso - <http://www.miespermaurgente.blogspot.pt/>
Wikipedia Aldeia Maracanã - http://pt.wikipedia.org/wiki/Aldeia_Maracan%C3%A3
Sobre a Aldeia Maracanã – New York Times - http://www.nytimes.com/2014/06/14/sports/soccer/in-shadow-of-brazil-world-cups-premier-stadium-a-hulking-ruin.html?_r=0
Entrevista com o Antropólogo Marcos Albuquerque sobre a Aldeia Maracanã - <http://apublica.org/2013/01/aldeia-maracana-e-dos-ndios-diz-antropologo/Alemães comemoram título mundial com dança indígena Pataxó - https://www.youtube.com/watch?v=BANqEo0yp8g>
Mídia Ninja na Aldeia Maracanã - <https://www.flickr.com/photos/midianinja/9653740447/>
Aldeia Maracanã Facebook - <https://www.facebook.com/aldeiarieste?ref=ts> - <https://www.facebook.com/aldeia.maracana.3?ref=ts>
Aldeia Maracanã Latuff cartoons - <https://latuffcartoons.wordpress.com/tag/aldeia-maracana/>
Aldeia Maracanã o Historiador - <http://depaulaohistoriador.blogspot.pt/2013/01/aldeia-maracana.html>

FABIANE BORGES É PSICÓLOGA, ARTISTA E ENSAÍSTA. ESCRITORA E ARTICULADORA DE REDES COMO TECNÓXAMANISMO, SUBMIDIALOGIA, MOVIMENTO DOS SEM SATÉLITES. TRABALHA COM ESQUIZOANÁLISE E, ULTIMAMENTE, TEM SE DEDICADO A PESQUISAR FICÇÃO, FUTURO E CULTURA ESPACIAL.



HISTÓRIA DA ALDEIA MARACANÃ

1865

DUQUE DE SAXE (MARIDO DE D. LEOPOLDINA) DOOU O PRÉDIO AO IMPÉRIO, PARA QUE ABRIGASSE UM CENTRO DE ESTUDOS DE SEMENTES NATIVAS E RESPECTIVAS POPULAÇÕES INDÍGENAS QUE AS MANIPULAVAM.

1910

MARECHAL RONDON ORGANIZOU E COMEÇOU A DIRIGIR O SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO ÍNDIO, QUE PASSOU A FUNCIONAR NO MESMO PRÉDIO.

1967

O SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO ÍNDIO SE TRANSFORMA NA FUNAI (FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO) SITUADA EM BRASÍLIA.

1977

O MUSEU DO ÍNDIO É TRANSFERIDO PARA O SOBRADO NA RUA DAS PALMEIRAS, BOTAFOGO, ONDE ESTÁ ALOJADO E PAGANDO ALUGUEL ATÉ OS DIAS DE HOJE.

1984

PRÉDIO ABANDONADO É DOADO À CONAB (COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO) E CONTINUA ABANDONADO.

2006

PRÉDIO É OCUPADO POR ÍNDIOS DE DIVERSAS ETNIAS, INAUGURANDO A ALDEIA MARACANÃ.

2013

OS ÍNDIOS DA ALDEIA MARACANÃ SÃO DESPEJADOS POR CAUSA DA COPA DO MUNDO NO BRASIL

DADOS EXTRAÍDOS DO TEXTO ALDEIA MARACANÃ DE JOÃO GABRIEL ASCENSO





DIREÇÃO: FELIPE MAIA
FOTOS: RAFAEL RAMOS
PERFORMER: ISRAEL CASTRO

VOZ DE CAUXI: UM SER ERRANTE PELA MALOCA AMAZÔNICA

Francis Madson # Manaus

Cidade demimdesditaemsolo: a vergonha de ser cidade antiorgânica

Acordei às 6h30 da manhã. Tomei banho, preparei o café com leite, um pouco de açúcar. Só está vazio aqui e acolá. Comi três tapiocas secas, dois, seis, oito, vinte e oito de doze, dezesseis avos, mas, sinceramente, 1/50 já seria necessário para um bucho que só tem sede de cor. Eram as crianças que nasciam e eclodiam em cores pastéis de um ventre morto, mas só sabiam viver em lugar habitacional. Fui ao trabalho ao lado do estádio Arena da Amazônia.

Entrevistei.

“Mas, por exemplo, falece uma pessoa e eles pagam tudo?”

“Se ela tirar da área ela não paga!”

“Se ela tirar da área? Como assim?”

“Por exemplo, se ele morreu aqui e constatou que ele morreu no local...”

(Outras vozes)

Se morrer no local e constar que morreu no local e vier o Instituto Médico Legal fazer um levantamento, a empresa paga 200 mil reais pelo falecimento no dia, por funcionário.

Fora o INSS, que vai entrar com indenização e aposentadoria da mulher e pensão.

Mas se eles tirarem?

Eles não vão pagar esse dinheiro.

Eles vão dizer que o rapaz morreu a caminho do hospital. Tá entendendo?

Mas todas as mortes foram aqui?

Aqui dentro, mas sempre tiveram esse problema.

Eles ficam muito...!

Eles tiram e distorcem tudo.

Toda a história.

Como vocês trabalham com esse grau de perigo sabendo que vocês talvez...?

Todas as empresas têm isso.

Todas?

Não. Apenas a montagem.

O corpo já não estava no local. Foi removido, mas a morte foi instantânea. Massa encefálica pelo chão. Horror. Só pensava, afinal de contas, para que serve tudo isso? Mais um processo.

Eu não quero ver gente em pé. Arrasta um pouco de ti, esse teu bucho amazônico que jaz, mas ao contrário, há vários Q-eu Q-tu Q-nós cortadores produzindo células sem senso ampliado dizendo: estou meladoeu de caldo de tucupi. Eita tez tecendo suor nos sulcos da pele queimada de gente daqui e acolá pintada de jenipapo. Maninhozinhos citando a si pelo viés de dedos pintados de cor de alguma coisa fluida protonatural. Estou Logos, Pathos, Ethos numa espécie de etimologia alugada tentando produzir uma identidade de ogro nanometástase de ego de capital de esfinge Le Brothers abastado morando na RUA perto de um largo ao redor de um grande pênis leproso colorido em azulverdeamarelo e todo o resto num cinza pós-enchente de gente morta numa tigela de barro comendo camarão xoxo desnutrido esperando a cólera emergir. Tá? Produzi em comção junto com duas ou três pessoas cortadas de olhos um logos desinformado. Vai? Vou, quero sair daqui rapidamente para molhar o que resta dos calos no barro de beirada de rio que parece vivo, mas vivo sim num dormente ecoando a mesma nota sempre na mesma clave de fá. Te abracei? Lembrei, senti sorrateiramente um leve banzeiramento num derrame de molécula sincopando aquilo que chamo de ventre investido. Os nomes dados aos meus pés são de mulher toda vaginada, porque só sei andar engatilhado por úteros na finalidade de produzir gente viva. Andei... Sete de Setembro no sentido das zonas das putas, do Cabaré Chinelo das putas afrancesadas, mas com sotaque de índia de tudo que é

lugar daqui e dali para produzir um desenho geo-hidrográfico de arquitetura pseudosingular tentando assim elar (verbo elo) um além de in-put e out-put. Ai não-me-canso-eu de vê-los pássaros piando ao fundo da casa repartida dividida por homens e mulheres bravos que constroem muita coisa, uns dias nos centros e outros dias aqui. – Sabe daquelas gentes que nascem para serem seres de seiva? Três esses sibilados numa ópera palafital aos sons onomatopeicos de gente areadora de panela. Viu mãetiacomadreaifilhada morrer-reu-ré de mercúrio no sangue. Vá tomar cachaça benzida no bar dorando que veio vender peixe fresco, mas morreu logo depois que terminou de pagar sua casa em parcelas últimas e sua televisão antinacional fabricada aqui do lado da casa dele. Bebo, sim. Sê-lo bufonesco num entrave daquilo que mora em mim e entre o sabor da cana curtida, mas, às vezes, após bicar com beijo de homem descafuçuzado que sou, gosto de emaranhar naquilo que só sei fazer, curtir ficar parrado. É – lo o maior dos logos. Um dia desses, após caminhar habitualmente como faço para entregar ao chão aquilo me-diz vida, sucumbi a dançar uma dança estranha de conceito encurtado nascida dez ou quatoze anos atrás vendida de vida, mas morada na antessala da Eduardo Ribeiro. O balançar de vendedores agrários na abordagem sedosa [é] [eram] [são] – coloque tudo numa só voz –, polivalentes de linguagem! Rizomaticamente produziam mais dança do que do que do que três vezes o que fitava no falo neoclássico construído com sangue qualhado comido com farofa de uarini. A cidade por-vias-por-rios-por-ruas-por-igarapés-por-pernas perebentas com calçadas com meio-fio de sandálias roxas costumava receber aqui um açoite por dia, mas naquela esquina se procriou um teatro. Abriram-se as cortinas. Eu-ia ao teatrinho, teatro, espaço daquilo placenta secular com frequência, orando a São Sebastião como vontade de flechar aquilo tudo europeu que se movia no canto e nos encantos de tudo

a CÁ vivo debaixo de Wagner ou Cervantes. Tudoaconteciam sob a epiderme do índio, do nordestino, do povo de cá. Cá, Cá, Cá, Cá, Cá – fumo queimado – Cá, Cá, Cá, Cá – gripe espanhola – Cá, Cá, Cá, Cá – cruzeiros – Nascia após risos estrangeiros o folclore exótico sobre a epiderme do índiocamuflandoaideiadesi. Sitiaram a si – ELES – sob a própria epiderme e dentro disso o que resta é res – tou é podridão. A Pathos sucumbiu através daquilo que aterra, soterra, terra lamaçal petrifica aonde o que se encosta não é orgânico, o pau de escorra serve à shoppingização. Eu vou repetir tudo numa outra língua, talvez, uma indígena, se, é claro, eu soubesse falar, mas acá só se ensina aquilo de lá. Ahhhhhhhhhhhhhhhhhhhhh eu queria catar calo de Pacu, Pirarucu, Matrinchã, mas (...) – espaço para sonhos. Eu quero cantar algo falecido numa esperança de reviver a natureza daquilo que falo. Pronto. Fecharam-se as cortinas e mais um dia eu ajuricabeei através de uma catarse no teatro de esquina. Obraram sangue pela boca de tanta fumaça no recinto que espalhou pela cidade inteira. Assim, outros JKs nasceram como piolhodescobra em púbis indígena. Progresso. Funcionalidade. Leprosaram-se aos poucos e permitiram-se aqueles que nunca viveram isso morrer aos pés de uma Samaúma batendo com porrete na ideia de avisar a natureza à morte por-vir, antes só sabiam gritar outras coisas que hoje é souvenir da Zona Franca à la Franck, Francisco, Francis, Fernando, Família, Fezes, Fome, Fornalha, Fervidão, Fortaleza e etcetal comedores de gente de gente pequena deseducada para parafuse-AR o desejo de ter-sido aquilo maior nascer dentro de si. É a brincadeira infantil do Le Brothers substituindo o ritual da menina moça ao pé do logradouro de prêt-à-porter.

Tirei o chapéu de feltro amarelo com um tom acima de azul-perolado e sob aquilo tudo reluzente no sol para lá de quente pude me desconjuntar e entre aquilo protetor de sol

e a terra só tinha um assoalho velho-
-vermelho de urucum só índio vendido
na Tour-Turismo ao lado da avenida
semipavimentada com casca de ovo e osso
de velho morre dor. Ohhhh pena de velho
com bolsa aparador de fluidos vendedor de
fruta podre em frente de funerária com mãos
numa cópia sem ser copiada sem ser sentida
sem ser mulher nem homem à la Aleijadinho
um barroco qualquer educado para mim em
livro de quarta série. Todos meio vendidos
como fetiche de madeira meio brasil servida
em prato de prata à Belle Époque. Fui-me
uma espécie de pau-brasil vermelho de ódio
querendo retirar aquilo vaidoso de vida falsa
de gente nascida para ser humana invertida
camuflada. O que vejo são as pessoas aqui
fingindo ser daqui. Trata-se de um além-
-lugar destinado unicamente à glória de si
num evento de representação de si. Um
poder sobre si mesmo. Leviandade mim todo
torto com voz ruim rouca de poeira do asfalto
feito feito de pedras sei lá de onde com
azulejo de banheiro de classe de C, A, D, E.
Alfabetizaram tudo. Uma pena. Um umbigo
encolhido olhando para atrás por um
espelho de lateral e, assim, se produz a vida
aqui. Estou a fim de re-volver com bala
de 38 feita de lata e borracha de Manaus
para matar aquilo que disse antes no
começo do parágrafo.

– Minha voz soufflé pra Copa.

FRANCIS MADISON É ATOR, DIRETOR, PERFORMER, BAILARINO, DRAMATURGO E PROFESSOR. FORMADO EM TEATRO E DANÇA, PELA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA E UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS, RESPECTIVAMENTE. EM DECORRÊNCIA DE UMA CARREIRA ARTÍSTICA COMPLETA DE EXPERIÊNCIAS COMPENSATÓRIAS E POR SEU TRABALHO DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA VASTO, JÁ FOI CITADO EM REVISTAS DO GALPÃO CINEHORTO, DE MINAS GERAIS, ALÉM DE TER ESTUDADO COM ARTISTAS DE RENOME NACIONAL E INTERNACIONAL DA DANÇA E TEATRO.









OCUPE ESTELITA

Edson Barrus # Recife

17/6/2014

Mandado de reintegração de posse foi cumprido pela Polícia Militar de forma arbitrária e sem conhecimento prévio do Ministério Público

O Ministério Público Federal em Pernambuco (MPF/PE), surpreendido com a notícia da reintegração de posse da área do Pátio Ferroviário das Cinco das Pontas, no Cais José Estelita, no início desta terça-feira, 17 de junho, vem a público repudiar o ato executado pela Polícia Militar, pelas seguintes razões:

- (1) desde a noite dia 21 de maio de 2014, ativistas, após impedirem a continuidade das obras demolição iniciadas no mesmo dia sem o conhecimento do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), do Ministério Público e da Justiça Federal, ocupavam área do imóvel até o início do dia de hoje, em protesto, como é notório;
- (2) no dia seguinte, em 22 de maio de 2014, a Justiça Federal reconheceu a ilegalidade da demolição e, a pedido do MPF, suspendeu imediatamente qualquer demolição/construção no local, decisão contra a qual não foi interposto recurso. O Iphan, no mesmo dia, também embargou as obras. Portanto, o Consórcio Novo Recife está impedido de executar qualquer obra no imóvel;
- (3) no dia 29 de maio de 2014, foi expedida ordem de reintegração de posse monocraticamente pelo Juiz Márcio Aguiar, atuando em substituição no Tribunal de Justiça de Pernambuco. Desta decisão recorreu o Ministério Público Estadual, através da Procuradoria de Justiça, desde o dia 02 de junho de 2014, embora o recurso não tenha sido julgado até o momento;
- (4) desde o início da ocupação, os Ministérios Público Federal e Estadual, por meio das procuradoras da República Carolina Furtado e Mona Lisa Ismail e pelos promotores de Justiça Maxwell Lucena Vignoli e Ricardo Coelho, realizaram reuniões com as partes envolvidas no intuito de intermediar as negociações para a desocupação pacífica do imóvel pelos manifestantes. Após o convite formulado pelo MPF e pelo MPPE ao prefeito do Recife para participar direta e pessoalmente das negociações, o debate foi ampliado por iniciativa do prefeito, que incluiu a participação de outros atores da sociedade, tendo sido acordado que seria apresentada uma proposta de redesenho do projeto com o fim de celebração de acordo;
- (5) não obstante a proposta de acordo formalizada aos Ministérios Públicos pelo Município do Recife na data de ontem, o mandado de reintegração de posse foi cumprido de forma arbitrária e com medidas típicas de cumprimento de ordens contra criminosos, sem conhecimento prévio do Ministério Público e dos representantes do movimento de ocupação, descumprindo todos os protocolos de execução de ordens de reintegração de posse das Secretarias de Defesa Social e de Direitos Humanos, que visam à desocupação pacífica e à garantia da integridade física dos ocupantes;
- (6) após a prática desse lamentável ato, o Ministério Público Federal, como órgão de defesa da cidadania, questiona a maneira pela qual o ato foi executado, ao mesmo tempo em que reitera a defesa do direito de manifestação popular pacífica, bem como do cumprimento dos acordos firmados entre órgãos públicos, representantes da sociedade civil e do setor privado, visando à solução legal dos conflitos e à proteção dos interesses difusos, coletivos e individuais do cidadão.

preparo
opa expõe as
alhas horríveis
o Brasil, afirma
rnal britânico
rorismo
militar american
policial brasile
uação na Cop

é acusada de matar civi

PM prepara trop
de elite de
cachorros para
trabalhar na Cop
itura de SP e
il pessoas po
estas do Mun
acha "normal" op
rem em obras d
ios



le gusta · Comentar · Compartir

A Ana Paula Sant'Ana le gusta esto.

✓ Visto

Escribe un comentario...

BRASIL 2014

COPAS

12 CIDADES EM TENSÃO

COPAS - 12 CIDADES EM TENSÃO é um relato encarnado de mudanças estruturais, manifestações, discussões e criações estéticas ocorridas durante a Copa do Mundo de 2014, a partir do ponto de vista singular de artistas e coletivos de cada uma das doze cidades-sede dos jogos no Brasil. Esse corpo vivo compõe-se de diferentes linguagens como fotografia, performances, projeções, intervenções urbanas e textos críticos que revelam uma produção artística coletiva em constante contato com as questões políticas que atravessam nosso mundo.

Movem-se neste campo: Ana Paula Sant'Ana, Bijari, Brígida Campbell, Caio Mattoso, Carol Barreiro, casadalapa, Coco de Umbigada, Daniel Lima, David da Paz, Edson Barrus, Eduardo Ferreira, Fabiane Borges, Fabrício Barbosa, Francis Madson, Frente 3 de Fevereiro, Goto, Jota Mombaça, Milena Durante, Moana Mayall, Nova Pasta, ocupeacidade, Rodrigo Lourenço e Tininha Llanos.

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

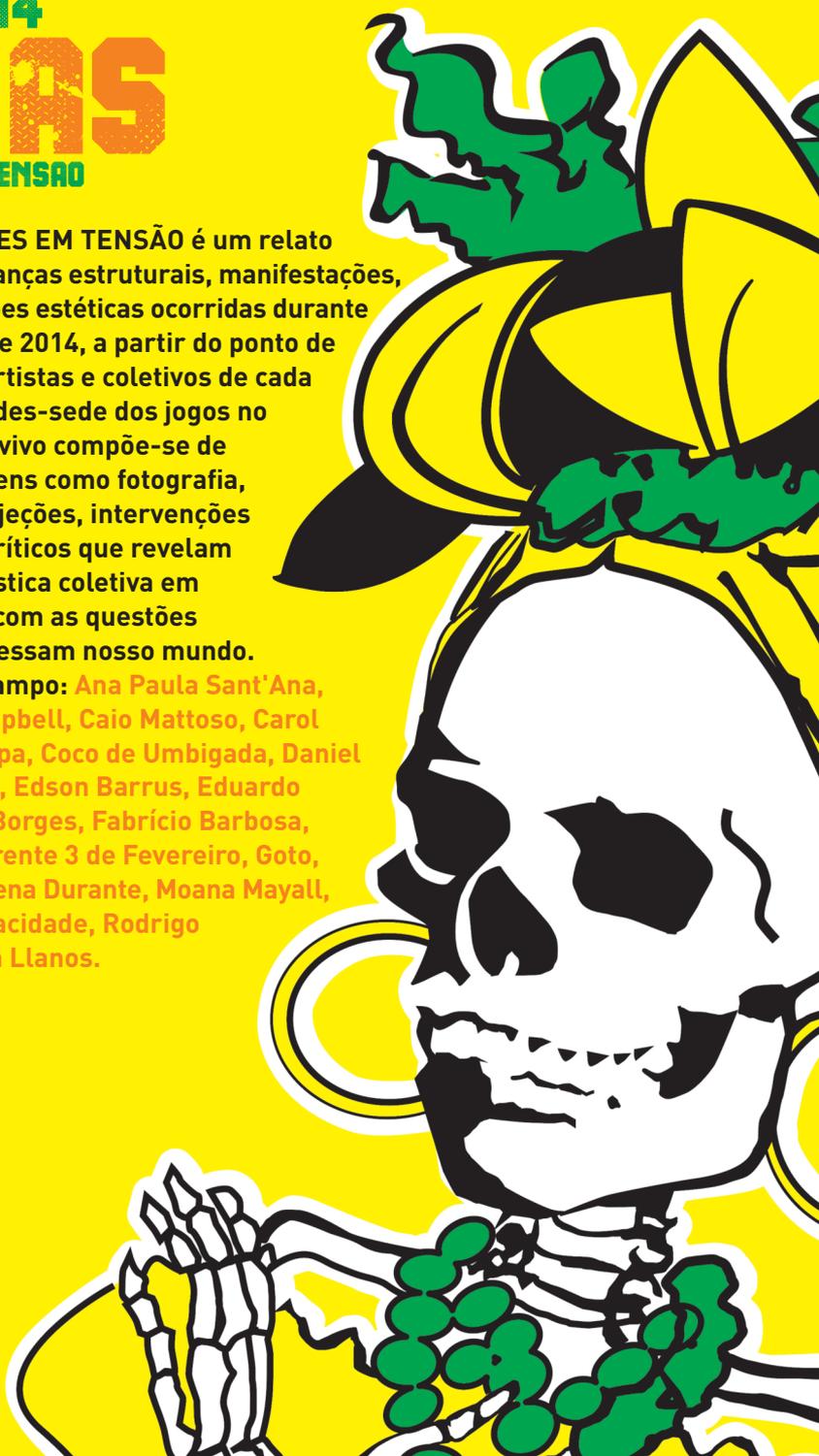


9 788566 129144

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES

funarte

Ministério da
Cultura



BRASIL 2014

COFES

12 CIDADES EM TENSÃO



Série
Coletivos

COPAS

 **Invisíveis
Produções**



Organizado por membros e parceiros de coletivos de São Paulo e de outros estados do Brasil, COPAS surge em 2013 e parte do desejo de reunir pessoas e grupos envolvidos com criação artística, questões políticas e estéticas contemporâneas para discutir, de maneira crítica e propositiva, as diferentes movimentações em curso no Brasil relacionadas à realização dos jogos da Copa do Mundo no Brasil em 2014.

Neste intento, decidiu-se agrupar e coletar pensamentos, diversos registros e todo tipo de material de pesquisa acerca dessa temática como vídeos, textos críticos, notícias e imagens que se relacionassem às mudanças trazidas para as cidades em decorrência do megaevento e sua possível instauração de práticas de privatização e gentrificação. Juntos os participantes se propuseram a se atentar aos movimentos, discussões, ações políticas e estéticas de caráter propositivo, inovador e democrático.

Para tanto, houve a necessidade de que se articulassem em uma nova rede (talvez já existente como potência) envolvendo a costura entre as cidades que sediarão os jogos da Copa do Mundo, ou seja, as 12 cidades-sede: Belo Horizonte/MG, Brasília/DF, Cuiabá/MT, Curitiba/PR, Fortaleza/CE, Manaus/AM, Natal/RN, Porto Alegre/RS, Recife/PE, Rio de Janeiro/RJ, Salvador/BA e São Paulo/SP. Particularidades, semelhanças e distintas visões de cada lugar compuseram não um panorama representativo do território nacional, mas, sim, uma cartografia de caminhos e expressões vividas de modo encarnado e afetivo.

Essa foi a Copa de acidentes e mortes na construção de estádios, de irregularidades diversas nas parcerias com empresas privadas, do estabelecimento de estados de exceção generalizados, de violência policial contra manifestantes e a população, de desapropriações

e despejos. A Copa deixou como resultado uma série de injustiças e desserviços à maioria da população, culminando na falência em grande escala de seu legado político e social, acompanhada ainda da derrota por sete a um no jogo entre Brasil e Alemanha – decerto uma frustração para muitos dos brasileiros e uma perda marcante que pode considerada simbólica de todas as outras.

Por outro lado, muita da energia de criação investida na Copa pelos brasileiros se deu através de manifestações, gritos, vozes e corpos que lutavam, fazendo existir ainda uma outra Copa, de desejos democráticos que mais uma vez se levantam, transformam formas de agir, pensar e viver, e sedimentam-se na história das lutas, desafiando a história oficial.

Imbuído dos sentimentos conflitantes que talvez se assemelham àqueles vividos ainda hoje, Henfil escreve em junho de 1978, ano da Copa ocorrida na Argentina, em meio às ditaduras militares sul-americanas:

"Vez por outra vêm me perguntar se eu vou torcer pelo Brasil! Só porque a gente tá na oposição, eles acham que tamos contra a seleção também? [...] A seleção é do povo, assim como a greve é do trabalhador!"

Como lembra-nos Henfil, ainda há vida e luta mesmo sob os mais nefastos exercícios de poder. Quais lutas, jogos e alegrias nos pertencem de fato e não podem ser arrancadas nem mesmo pelas mais reacionárias forças circundantes? Com o livro "Copas – 12 cidades em tensão" não pretendemos responder definitivamente à questão, mas indicar pistas e possibilidades.

Milena Durante

ARTISTA E ESCRITORA. BACHAREL EM ARTES PLÁSTICAS E MESTRE EM URBANISMO, POSSUI ESPECIALIZAÇÃO EM TRADUÇÃO. FOI INTEGRANTE DO COLETIVO EIA E ATUALMENTE PESQUISA ARTE E CULTURA EM SUAS RELAÇÕES COM OUTROS CAMPOS DE AÇÃO E PENSAMENTO.



Cão Mulato

17 de junio

compartilhai galera!



#ResisteEstelita 17/

Balas e Bombas no Ocupe Es 2014. Registro: Edson Barrus

YOUTUBE.COM

Me gusta · Comentar · Compartir

A Antenna Rush, Fábio Tremonte, Sato DoBrasil y 4 perso más les gusta esto.

Fafi Prado compartilhado agora há pouco. inacreditáv 17 de junio a la(s) 17:08 · Me gusta · 1

Cão Mulato <https://www.youtube.com/watch?v=Vu0e\feature=youtu.be>



#ResisteEstelita 17:06:201

Balas e Bombas no Ocupe 2014. Registro: Edson Barr

17 de junio a la(s) 17:11 · Me gusta · 1 · Eliminar vi

Sato DoBrasil que loucura isso!

17 de junio a la(s) 20:55 · Me gusta · 1

Escribe un comentario...



Anistia Internacional Brasil

Poucas horas antes do Brasil entrar em campo, a Polícia Militar de Pernambuco desocupou o Cais José Estelita, em Recife. A Anistia Internacional Brasil conde uso excessivo da força pela PM na desocupação do local.

"Lamentável a desocupação violenta hoje, no Cais José Estelita, em Recife (PE rompendo todos os acordos feitos com o poder público. O que está em jogo nis: projeto de cidade que a população quer e a participação da sociedade na escoli ocupação de áreas nobres nas cidades", afirma Atila Roque, diretor executivo d Anistia Internacional Brasil.

Leia a nota pública > <http://bit.ly/1vW5lg>

A ABORDAGEM DESASTROSA DA POLÍCIA PROVOCOU A PRISÃO DE CINCO PESSOAS MAS APENAS UM NEGRO, MORADOR DE COMUNIDADE, FOI PARA O COTEL.

SOLTEM DEIVISSON!

O MOVIMENTO RESISTE.



Movimento#OcupeEstelita

O engenheiro da Queiroz Galvão é "detido" para prestar esclarecimentos, já o morador de periferia é preso e vai para o Cotel. Dois pesos, duas medidas.

Me gusta · Comentar · Compartir

A Felipe Brait y William Silva les gusta esto.

Visto por 118



Escribe un comentario...



Ricardo Ruiz

18 de junio

<https://www.youtube.com/watch?v=azBBxQwLROg>



O dia que o Recife foi TRAÍDO.

Video do dia que o Recife foi traído. Os integrantes do #ocupeestelita estavam encuralados, sem esboçar agressividade e sentados no chão e covardemente foram...

Resistência Nos Combustíveis

stiana Tejo compartió la foto de Marina Silva.

17 de junio ·

quizofrênica entre Marina da Silva e Eduardo Campos 1 lado e as pernas para outro...



Silva

Estelita | Desde o início da ocupação do cais José Estelita, aticando do movimento contra a destinação inadequada da área de Recife em 2008. Sempre defendemos o diálogo quido entre os integrantes do movimento, Prefeitura de Recife, g e Ministério Público, processo que definiria em comum acordocção da área. O pedido de reintegração de posse expedido pelado nesta terça-feira poderia ter seguido o mesmo princípio de ninar com uma desocupação arbitrária. A ação violenta da poliessária e está em desacordo com todo o processo que vinha imas semanas.

Comentar · Compartir